

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CAMPUS DE MARÍLIA

JOÃO ANTONIO VEIGA BIZERRA

MEMÓRIA E VIDA FELIZ EM SANTO AGOSTINHO:  
UMA LEITURA DE *CONFISSÕES X*

MARÍLIA  
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CAMPUS DE MARÍLIA

JOÃO ANTONIO VEIGA BIZERRA

MEMÓRIA E VIDA FELIZ EM SANTO AGOSTINHO:  
UMA LEITURA DE *CONFISSÕES X*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Conhecimento, Ética e Política.

Orientador: Dr. Andrey Ivanov

MARÍLIA  
2025

B625m Bizerra, João Antonio Veiga  
Memória e vida feliz em Santo Agostinho : Uma leitura de  
Confissões X / João Antonio Veiga Bizerra. -- Marília, 2025  
123 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
Orientador: Andrey Ivanov

1. Memória. 2. Interioridade. 3. Felicidade. 4. Agostinho de Hipona  
(354-430). 5. Confissões. I. Título.

JOÃO ANTONIO VEIGA BIZERRA

Memória e vida feliz em Santo Agostinho:  
Uma leitura de Confissões X

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Data da defesa: 03 / 10 / 2025.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Andrey Ivanov  
UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

---

Profa. Dra. Sílvia Maria de Contaldo  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

---

Prof. Dr. Jorge Augusto da Silva Santos  
Universidade Federal do Espírito Santo

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, apresentar uma leitura e comentário do livro X das *Confissões*, com foco nas noções de memória e vida feliz. No primeiro capítulo, foi realizada uma exposição das *Confissões*, destaca-se o livro X, em que Agostinho com seu coração inquieto e com seu modo singular de pensar, questionando procura conhecer o estado da sua alma e nessa peregrinação em sua interioridade observa o mundo interior, analisa como está a saúde da sua alma e nesse processo, reorienta-se pela conversão da sua própria vida, deixando os vícios, através da ascese procura fortalecer sua alma nas virtudes. No segundo capítulo, analisa-se a busca de Deus na interioridade através da leitura da primeira parte (X, 6, 8 - 27, 38), em que Agostinho descreve a descoberta da interioridade, a amplitude da memória e a presença de Deus acima e na memória. Por intermédio de uma ascensão gradativa, considera as imagens aprendidas e retidas na memória, bem como, a vivência da recordação, das lembranças e do esquecimento. Nesse itinerário de escuta da própria alma, permeada pela esperança e com a vontade de encontrar Deus que está presente em sua interioridade procura alcançar a vida feliz, que consiste chegar no porto da pátria da felicidade e descansar na plenitude da paz. No terceiro capítulo, referente à segunda parte (X, 28, 39 - 39, 64), trata-se da continência e tríplice concupiscência, quando então Agostinho descreve a necessidade de pedir a Deus o dom da continência para superar as três tentações que afligem o homem em sua existência: a concupiscência da carne (*concupiscentia carnis*), a concupiscência dos olhos (*concupiscentia oculorum*) e o orgulho ou ambição do século (*ambitio saeculi*). Para vencer cada uma dessas tentações, que desviam à vontade e geram vícios Agostinho apresenta três remédios: (1) a reflexão, para resgatar a ordem e o fim pelo qual cada coisa foi criada harmonicamente, (2) a busca da verdade primeira, iluminando a inteligência por meio da fé, e (3) a caridade, ordenando o amor a Deus e ao próximo. Pedindo o dom da graça, vivendo uma ascese, em que examina a consciência evita-se afastar dos vícios e tentações, buscando ainda fortalecer-se por intermédio das virtudes, em uma vida orientada e reorganizada a partir do amor a Deus, é possível estar cada dia mais próximo da vida feliz.

**Palavras-chave:**

Memória. Interioridade. Felicidade. Agostinho de Hipona (354-430). *Confissões*.

## ABSTRACT

The aim of this work is to present a reading and commentary on Book X of *Confessions* focusing on the notions of memory and happiness. In the first chapter, we give an account of the *Confessions*, especially Book X, where Augustine, with his restless heart and his unique way of questioning, seeks to know the state of his soul. And in this pilgrimage into his interior, he observes the inner world, analyzes the health of his soul and, in the process, reorients himself through the conversion of his own life, leaving the vices behind, and through asceticism seeks to strengthen his soul in the virtues. In the second chapter, we analyze the search for God in interiority by reading the first part (X, 6,8 - 27,38), in which Augustine describes the discovery of interiority, the breadth of memory and the presence of God above and in memory. Through a gradual ascent, he considers the images learned and retained in memory, as well as the experience of recollection, memories, and forgetting. In this journey of listening to his own soul, permeated by hope, and with the desire to find God who is present in his interiority, he seeks to reach the happiness of life, which consists of arriving at the port of the homeland of happiness and resting in the fullness of peace. In the third chapter, referring to the second part (X, 28.39 - 39.64), we will deal with continence and the threefold concupiscence, when Augustine describes the need to ask God for the gift of continence in order to overcome the three temptations that afflict man in his existence: the concupiscence of the flesh (*concupiscentia carnis*), the concupiscence of the eyes (*concupiscentia oculorum*) and the pride or ambition of the world (*ambitio saeculi*). To overcome each of these temptations, which divert the will and generate vices, Augustine presents three remedies: (1) reflection to recover the order and purpose for which each thing was created harmoniously, (2) the search for the first truth, enlightening the intelligence through faith, and (3) charity, ordering love for God and neighbor. By praying for the gift of grace, living an asceticism that examines one's conscience to avoid and distance oneself from vices and temptations, and seeking to strengthen oneself every day through the virtues, in a life oriented and reorganized on the basis of love for God, it is possible to get closer to a happiness life every day.

**Keywords:**

Memory. Interiority. Happiness. Augustine of Hippo (354-430). *Confessions*.

*Agora vemos em espelho e de maneira confusa,  
mas depois veremos face a face.  
Agora meu conhecimento é limitado, mas,  
depois, conhecerei como sou conhecido.*

*[Videmus enim nunc per speculum in aenigmate,  
tunc autem facie ad faciem;  
nunc cognosco ex parte, tunc autem cognoscam,  
sicut et cognitus sum.]*

1 Coríntios 13, 12.

**SUMÁRIO**

ABREVIACÕES	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO PRIMEIRO	14
<i>Confissões X: gênese e interpretações</i>	
CAPÍTULO SEGUNDO	47
A busca de Deus na interioridade ( <i>Confissões X, 6,8 - 27,38</i> )	
CAPÍTULO TERCEIRO	75
Continência e tríplice tentação ( <i>Confissões X, 28,39 - 39,64</i> )	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
FONTES BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXO	113

## ABREVIACÕES E TRADUÇÕES DE TÍTULOS

As abreviaturas utilizadas referentes a textos bíblicos seguem o modelo fornecido na Bíblia de Jerusalém. Segue abaixo aquelas mencionadas ao longo desta dissertação:

### Antigo Testamento

Gênesis Gn

Salmos Sl

Sabedoria Sb

Tobias Tb

### Novo Testamento

Evangelho de Lucas Lc

Evangelho de João Jo

Romanos Rm

Filipenses Fp

Primeira Epístola de São Pedro 1Pd

Primeira Epístola de São João 1Jo

Segunda Epístola de São João 2Jo

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

## CITAÇÕES

As obras de Santo Agostinho serão citadas pelo título em itálico, e alguns algarismo, tanto romanos quanto arábico. Após o nome da obra haverá um algarismo romano fazendo referência ao livro que está sendo mencionado (uma vez que a grande maioria das obras de Agostinho está dividida em livros, ao que hoje nomeamos como “capítulos de um livro”). Por conseguinte, haverá um número arábico separado por vírgulas, referindo-se ao capítulo da obra. E por fim, o último algarismo também em arábico faz menção ao parágrafo ou alínea do trecho da obra. Por exemplo: *Confissões* I, 1, 1 (trata-se de uma referência a obra *Confissões*, livro I, capítulo 1, parágrafo 1). Diante da diversidade de formas serem referenciadas, opta-se por mencionar e desta forma, para que o leitor possa localizar as referências nas obras de Santo Agostinho, quer em latim (consultando o original), quer nas traduções diversas que temos disponíveis.

MAYER, Cornelius (org). LES OEUVRES D'AUGUSTIN ET LEURS EDITIONS CRITIQUES, AL3. In: *Augustinus-Lexikon*. Basel, Schwabe & Co. AG, 2004-2010, p. xi-xxv. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/fr/document/view/51555266/werkliste-pdf-15-mb-augustinus#>>. Acesso em: 02 jan. 2025.

## INTRODUÇÃO

No decorrer do ano de 2010, cursando graduação em filosofia pelo Instituto Agostiniano de Filosofia (IAF), na cidade de Franca-SP, tendo como mantenedores e sob a direção dos Frades Agostinianos, OAR (Ordem dos Agostinianos Recoletos), tive o contato com uma disciplina chamada Agostinologia. O principal objetivo consistia em: (1) propiciar o conhecimento da vida e obra de Santo Agostinho como parte integrante do estudo da filosofia; (2) levar o estudante a compreender o seu pensamento, com o objetivo de facilitar a abordagem de textos e pensamentos filosóficos da tradição patrística; (3) propiciar a capacidade de observar a sua influência no pensamento humano e na tradição cristã.

Este primeiro contato, mais pormenorizado da vida de Santo Agostinho, chamou-me a atenção e me encantou toda a sabedoria e amor com que este homem inquieto e santo conduziu a sua vida, deixando-se iluminar pela graça de Deus, procurando sempre alcançar a vida feliz. Isto posto, em 2022 decidi dar um passo significativo na minha formação acadêmica fazendo o meu pré-projeto, para ingressar no Mestrado em Filosofia na UNESP, em Marília-SP.

Dentre os possíveis pensadores e obras que poderiam fazer parte da minha linha de pesquisa, Conhecimento, Ética e Política, encontrei Santo Agostinho e sua obra *Confissões*. A partir desta escolha e com as recomendações do meu orientador, Dr. Andrey Ivanov, relata-se o projeto de pesquisa chegando ao tema: “Memória e vida feliz em Santo Agostinho: uma leitura de *Confissões X*”.

*Confissões*, é um dos textos mais conhecidos no mundo ocidental e mesmo tendo sido escrito há mais de dezesseis séculos, continua sendo estudada pelo seu fascínio e originalidade na literatura universal. O pensamento de Agostinho de Hipona, perpassa os séculos e até hoje sendo motivo de estudos, reflexões e discussões, por isso esta obra foi escolhida para tema de pesquisa.

Aurélio Agostinho nasceu no ano 354 d.C. em Tagaste, norte da África e Província Romana da Numídia, era filho de Patrício (pagão que se converteu no final da vida ao cristianismo) e Mônica (fervorosa cristã); tinha um irmão chamado Návigio e uma irmã que não se sabe o nome, após ficar viúva tornou-se chefe de um mosteiro feminino<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Aquino, 2015.

No ano de 371, ingresso em Cartago na escola onde estudou retórica; e terá maior contato com a filosofia clássica greco-romana, principalmente ao ler a obra *Hortensius* de Cícero (infelizmente esta obra se perdeu na história), que marcou profundamente sua vida e a filosofia foi sua sedução para sempre<sup>2</sup>. O contato com a filosofia e o modo como o homem busca em praticar a verdade e com a inquietude do seu coração, questiona e levanta perguntas para melhor compreender a realidade, chegar mais próximo da sabedoria verdadeira e conseqüentemente mais próximo da vida feliz.

Em 384 mudou-se para Roma, a fim de ensinar retórica e um ano depois contraiu uma enfermidade que o obrigou a mudar-se para Milão, assumindo a pedido do prefeito a cátedra de professor da cidade. É em Milão que Agostinho ouve os sermões do Bispo Ambrósio, admira-se com sua tamanha intelectualidade e sabedoria. Passou um período de alguns meses em Cassiciaco, para preparar-se ao sacramento do batismo, fez retiro em uma chácara com sua mãe, Mônica, seu filho Adeodato, seu irmão e alguns amigos/discípulos. Neste tempo retirado no sítio viviam no “ócio da vida cristã”<sup>3</sup>, rezavam, trabalhavam, estudavam, debatiam e foi aí que Agostinho escreveu suas primeiras obras filosóficas. Na Páscoa de 387, na presença de sua mãe Mônica e toda Comunidade Cristã, Agostinho é batizado na catedral de Milão e abraça a vida cristã.

Antes de sua conversão cristã em Milão, Agostinho experimentou uma vida envolvida com a seita dos maniqueus, depois simpatizou-se com as ideias neoplatônicas de Plotino e/ou Porfírio. No entanto, o seu coração sempre estava inquieto não havia descoberto ainda a Verdade que traria a paz para o seu coração<sup>4</sup>. Agostinho passou por várias “conversões” em cada momento da sua vida forjando mudanças e deslocamentos que norteavam sua vida, até descobrir sua própria interioridade e nela a presença de Deus na memória. Mesmo nesta busca ideal, pela sabedoria e contemplar o próprio Deus, Agostinho vai percebendo que sua condição humana no cotidiano, deveria enfrentar muitas tentações que se lhe apresentassem, e que o instigariam a desviar-se do caminho em direção a vida feliz.

No período entre 397 a 401, escreve as *Confissões*, composto por treze livros, sendo uma obra singular e de grande envergadura para a história da humanidade. Nesta

---

<sup>2</sup> Matthews, 2007, p.18.

<sup>3</sup> *Christianae vitae otium*, este momento enquanto catecúmeno até a sua ordenação de padre (391), será como o pano de fundo do seu ideal de vida, afastando-se da carreira pública e se dedicando a vocação cristã. Cf. Retratações I,1,1-3; Brown, 2017, p. 141.

<sup>4</sup> Conybeare, 2020, 30.

dissertação vamos analisar de modo particular o livro X, onde Agostinho apresenta o momento presente da sua vida, atuando como Bispo em Hipona e tendo aos seus cuidados pastorais, uma grande comunidade cristã que necessita das suas orientações e ensinamentos. Depois de toda uma vida dedicação ao estudo e pastoreio episcopal, no ano de 430 Agostinho morre na cidade de Hipona, antiga região da Província Romana no norte da África, na invasão das tropas dos Vândalos. Santo Agostinho não é um escolástico ou um manipulador de teorias mortas e nem mesmo um pensador solitário de gabinete, olhando para este pensador cristão e africano, se encontra um lutador corpo a corpo com os problemas mais gigantescos que afligem o homem em sua marcha para Deus<sup>5</sup>. “Criaste-nos para Vós [Senhor] e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós”.

Neste trabalho analisa-se o livro X das *Confissões*, fazendo uma leitura a partir dos relatos sobre a memória e a vida feliz. Observando esses dois conceitos apresentados no contexto da obra, podemos analisar a busca da interioridade, o descobrir, a presença de Deus no mais íntimo de si, os perigos sedutores das concupiscências e o dom da continência para se manter no caminho na busca da vida feliz.

Portanto, descreve-se o contexto histórico no qual *Confissões* foi escrita e algumas interpretações e temas que podem nos ajudar como chave de leitura e compreensão da obra, quanto no estudo do próprio livro X. Explicar o conceito de memória, neste processo gradual de movimento do exterior para o interior e de ascensão, transpondo a própria alma, para contemplar o resplendor divino, onde está presente as noções eternas da vida feliz, verdade, bondade e beleza. Por fim, analisar o dom da continência, enquanto perseverança e discernimento na realidade cotidiana existencial, para examinar os afetos e paixões, assim poder evitar as tentações como a graça divina que vem em auxílio para alcançar a plenitude da vida feliz, através dos remédios terapêuticos que curam e libertam a alma.

Queremos analisar sua obra em seu contexto e por meio desta investigação melhor conhecer o homem, como pessoa que se constrói no tempo e no espaço, emerge da existência como um ser vivente, ou uma criatura de Deus, que percebe que algo lhe falta, por isso sai a procura e procura questionando. Nesta peregrinação da alma em busca de respostas, a descoberta da interioridade, a presença divina e seus vestígios em toda

---

<sup>5</sup> Andrade, 2008, p.83.

criação, o desejo ardente de querer voltar para a pátria, onde o repouso e a plenitude da perfeição são eternos.

Agostinho descreve a trajetória do seu caminho em busca de Deus e percorre nas *Confissões* o caminho que foi percorrido por ele, nos evidencia um caminho seguro que poderá levar à plenitude do conhecimento e verdadeira felicidade. Por isso, propõe-se percorrer as *Confissões*, conhecer o caminho percorrido por Agostinho, analisar os seus itinerários, seja no exterior, bem como na interioridade e acompanhar sua romaria espiritual até chegar a pátria da alma que é Deus (*Patria animae Deus*)<sup>6</sup>. Desejamos que, essa pesquisa contribua na análise e reflexão sobre a grande questão que é o homem (*magna quaestio*), desbravar melhor este grande abismo (*grande profundum*)<sup>7</sup>, assim, saciar esta sede que inquieta e angustiante de alcançar a verdade e a vida feliz junto de Deus.

---

<sup>6</sup> Andrade, 2008, p.84, tradução nossa.

<sup>7</sup> Bento XVI, papa, 2008.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

**Confissões X: gênese e interpretações**

“[Ó Deus,] tu me conheces, faze que eu te conheça, como sou por ti conhecido”<sup>8</sup>. Agostinho inicia o livro X das *Confissões* com uma breve prece, invocando a Deus pedindo o conhecimento de si mesmo, uma vez que Deus sonda e conhece tudo no homem<sup>9</sup>. Agora, o homem tem o seu conhecimento limitado, porém depois conhecerá como sou conhecido. Sua prece breve e perfeita, cheia de fé e esperança, manifesta o profundo desejo de querer conhecer a Deus e conhecer a si próprio. Este ato manifesto em querer conhecer-se, reverbera sobre o caráter existencial de Agostinho, em seu desejo de querer entender quem é ele e quem é Deus. Em sua busca inquieta e angustiante dar-se-á por intermédio dos questionamentos, em vista de chegar à verdade e não se deixar levar pelo engano das aparências, pois são falsas e confusas.

Em seu firme propósito de amar e querer praticar a verdade, no mais íntimo do [meu] coração (*in corde meo*), apresenta suas confissões diante de Deus e das testemunhas, por meio dos seus escritos. Assim, inicia-se um dos processos de grande importância na vida de Agostinho, pois ao praticar a verdade, ao mesmo tempo ele vai se aproximando da Luz, manifestando suas obras sendo feitas conforme a ordem divina. Diante do litígio entre as vontades (*cupiditas* e *voluntas*), por meio do seu livre-arbítrio ele faz uma escolha e decide revelar que suas obras estão em profunda sintonia e harmonia com o próprio Deus, revelando seu processo de mudança e conversão<sup>10</sup>.

Possivelmente, não foi nada fácil para Agostinho selecionar alguns momentos de maior relevância em sua própria vida para falar a Deus em suas confissões: “Nas *Confissões*, Agostinho trata de narrar sobre si mesmo; mas não narra tudo de si; narra somente aquilo que está em sua perspectiva, que é aquela da conversão: conversão à fé e conversão ao serviço de Deus. Aquilo que não está nesta perspectiva não lhe importa e deixa fora”<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Cognoscam te, cognitor meus, cognoscam, sicut et cognitus sum. [Que eu te conheça, meu conhecedor, que eu te conheça como sou conhecido. Mammí, 2017]. *Confissões* X,1,1.

<sup>9</sup> Cf. Sl 139 (138), 1. 14. 23.

<sup>10</sup> *Cupiditas* é a vontade distraída e atraída pelas coisas e criaturas e, *Voluntas* é o amor ordenador, direcionado a Deus. Cf. “E por isso aquele que ama perversamente o bem de qualquer natureza, mesmo que o obtenha, torna-se mau no bem e miserável, privado do melhor”. *De civ. Dei*, XII,8.

<sup>11</sup> Trapè, 2024, p. 356.

Na Antiguidade Tardia, é possível constatar três formas de se realizar uma confissão (*confiteor*): (a) culpa, (b) louvor, (c) testemunho<sup>12</sup>.

- (a) Culpa: é o reconhecimento da pessoa que cometeu um ato que foi considerado errado, fala sobre suas fraquezas, suas misérias diante da misericórdia Divina;
- (b) Louvor: diz respeito sobre o reconhecimento e reverência a autoridade e existência de Deus, eterno, imutável, criador de todas as coisas e que mantém tudo para que exista e não caia no nada (*nihil*).
- (c) Testemunho: é a palavra que comprova sua vivência e comprova sua fé, é uma proclamação de veracidade daquilo que a pessoa como indivíduo afirma como real e verossímil. As Confissões iniciam com um louvor da grandiosidade de Deus: “Magnus es, Domine” - Grande és tu, Senhor<sup>13</sup>.

Mesmo que o leitor encontre nesta obra diversos aspectos e variadas perspectivas, como um todo é um dos livros mais complexos, devida a densidade de raciocínios mesclados com situações vivenciadas, em vista de encontrar a Deus. Por isso, “mais importante é perceber que as *Confissões* são uma autobiografia a que o autor impôs uma escolha drástica e plenamente consciente do que era significativo”<sup>14</sup>. Ao selecionar alguns momentos e situações da sua vida, contidas em sua memória, ora descreve com uma riqueza de detalhes, ora cita de modo sutil algo que tenha ocorrido naquele ponto da narrativa. Fato é que, o modo como Agostinho foi afetado por determinados momentos e diante da sua intenção ao relatar suas memórias, reflexões, questionamentos e investigações, nota-se a intencionalidade de manifestar a veracidade da sua conversar e expressar na sua miséria o amor misericordioso de Deus.

Certamente, as *Confissões* não é um livro fácil. Para captar seus diversos aspectos e, sobretudo, para compreender seu estilo e tom é preciso entrar bem a fundo no espírito do autor, no qual se encontram, juntas, agudas exigências intelectuais e profundas aspirações místicas, um vivo sentido do pecado e uma temente espera da salvação. (TRAPÈ, 2024, p. 356).

Sendo considerada uma obra-prima literária, filosófica, teológica e mística, ao mesmo tempo, as *Confissões* são uma das principais obras escritas por Aurélio Agostinho de Hipona: “As *Confissões* são uma obra-prima de autobiografia estritamente intelectual.

---

<sup>12</sup> GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles, 2023, p. 18 e 19.

<sup>13</sup> Cf. SI 145,3.

<sup>14</sup> Brown, 2017, p. 206.

Agostinho transmite o sentimento de um intenso envolvimento pessoal com as ideias que maneja, que somos levados a esquecer que se trata de um livro excepcionalmente difícil”<sup>15</sup>.

O sentimento de intenso envolvimento pessoal, tornando a pessoa de Agostinho alguém muito próximo e íntimo de nós, um grande amigo ou pai espiritual e somente quem experimentou aquilo que viveu, evidencia que seu testemunho é mais forte, pois brota do mais íntimo do seu coração. “É uma confissão feita, não com palavras e com a voz do corpo, mas com o **grito interior da alma** e com o **clamor do pensamento**, que teus ouvidos já conhecem”<sup>16</sup>. Palavra interna da alma e clamor do pensamento, não silenciosa e ao mesmo tempo silenciosa, “cala-se a voz, **grita o coração**”<sup>17</sup>, são o prelúdio e preparação para o que será dito no livro X, é necessário sair da realidade externa e sensorial e adentrar na própria intimidade de si mesmo, escutar o clamor da sua própria alma e o quanto ela deseja reencontrar-se na unidade com Deus.

Quem poderia escutar seu coração inquieto e cheio de angústia, a não ser o próprio Deus? “Fizeste-nos para ti [Senhor], e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”<sup>18</sup>. Agostinho diante da sua realidade existencial, com seus desafios e dificuldades, confessa a Deus, reorienta seus passos e coração rumo ao criador, Aquele que pode vir em seu socorro e trazer paz e tranquilidade ao seu mísero coração agitado.

A centralidade da inquietação das suas dimensões vitais, em uma metafísica do homem nos faz recordar o que disse o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não salvo a mim”<sup>19</sup>, ressaltando a concretude da própria vida, emergindo da própria ontologia metafísica do ser, na realidade existencial e vivencial do cotidiano e do temporal.

Escreveu-as no início do episcopado, entre os 44 e os 46 anos de idade. Talvez tenha sido induzido a isso pelos amigos, entre os quais, nesse caso, Paulino de Nola, amigo de Alípio e seu; talvez o desejo de se defender de seus louvores, que eram muitos e generosos; talvez a necessidade de encontrar um conforto nas duras fadigas do apostolado

---

<sup>15</sup> Brown, 2017, p.204.

<sup>16</sup> Neque id ago verbis carnis et vocibus, sed verbis animae et clamore cogitationis, quem novit auris tua. *Confissões* X,2,2 [grifo nosso].

<sup>17</sup> Tacet enim strepitu, clamat affectu [Silenciosa pelo ruído, mas gritante pelo sentimento]. *Confissões* X, 2,2 [grifo nosso].

<sup>18</sup> Quia fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te. *Confissões* X,1,1.

<sup>19</sup> Ortega y Gasset, 1967, p. 52.

ou de romper a solidão na qual a nova responsabilidade punha-o. (TRAPÊ, 2024, p.353).

As incertezas e dificuldades da vida que permearam a existência de Agostinho antes de sua conversão à fé cristã, o levam a comoção e as lágrimas diante da consciência do que realmente se deve chorar, alegrias e tristezas, conquistas e frustrações, medos e certeza da verdade, expressão o dinamismo da realidade fenomenológica que todo humano que assume com lucidez e liberdade carrega no mais íntimo do seu coração e da sua própria alma. Na certeza da fé e com a esperança de alcançar o tão sonhado e aguardado porto da felicidade, a plenitude da bem-aventurança, o estar diante, face a face do próprio eterno e imutável, aquele que não muda e permanece sempre o mesmo.

É convencional pensar que 391 marcou uma reviravolta importante, com afiliação formal à hierarquia eclesiástica por meio da ordenação. Aquele momento trouxe um choque real para Agostinho e abriu um período difícil e frustrante de sua vida, quando um projeto literário após o outro caiu em pedaços em suas mãos enquanto um bloqueio desesperado de escritores se instalava nele.<sup>20</sup> (O'DONNELL, 1992, *Prolegomena*, tradução nossa).

Assim, é possível dizer não apenas na “conversão” de modo singular, uma vez que na verdade, ao longo da obra nota-se várias “conversões” no plural. “Foram sucessivas conversões de modo a alcançar o fim último de suas inquietações, o conhecimento de Deus”<sup>21</sup>. Ou seja, não foi apenas uma única conversão na qual Agostinho passou, mas sim, foram várias conversões que se deram no decorrer da vida do filósofo de Hipona. “As conversões de Agostinho foram muitas, e elas não terminaram no jardim de Milão”<sup>22</sup>.

Assim, vamos iniciar esta leitura do livro X das Confissões junto com Agostinho de Hipona, “escutando” sua oração sincera e elevada a Deus, um testemunho eloquente de como por meio da filosofia, é possível alcançar a verdade junto de Deus que habita no mais íntimo do homem, tomar com consciência e liberdade a própria jornada existencial, que não está isenta de tentações e concupiscências que podem desviar a vontade e ofuscar

---

<sup>20</sup> It is conventional to think that 391 marked an important turning, with formal affiliation to the ecclesiastical hierarchy through ordination. That moment brought a real shock to Augustine and opened a difficult and frustrating period of his life, when one literary project after another fell to pieces in his hands as a desperate writers' block settled on him.

<sup>21</sup> Savian Filho, 1997, p.50-53 *apud* Contaldo, 2011, p.19.

<sup>22</sup> “*The conversions of Augustine were many, and they did not end in the garden in Milan*”. O'Donnell, 1992, *Prolegomena*.

os olhos da mente e se enganar por falsos mediadores fazendo se lançar sobre a formosuras das criaturas<sup>23</sup> e se esquecer da beleza do criador. “Concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres”, pois tudo o que existe só tem sua existência pois, o próprio Deus é quem sustenta para que tudo exista e nada caia no esquecimento ou no não-ser.

### 1. *Confissões*: a obra

No final da sua vida, Agostinho decide revisar sob a óptica teológica cristã<sup>24</sup> e catalogar a maioria de suas obras que não haviam se perdido, repassando uma a uma, corrigindo os equívocos, complementando algumas partes, destacando alguns pontos de maior relevância e apreciando o árduo trabalho de escrita, estudo e reflexão. Juntou todas as impressões em uma única obra intitulada *Retratações*: “Como que uma continuidade natural das *Confessiones*, que são a retratação da vida, as *Retractationes* são as confissões do progresso intelectual”<sup>25</sup>. Em seu exame de consciência e consulta da memória, Agostinho expressa sua responsabilidade pelo seu legado de pensador cristão, sua responsabilidade diante de Deus e do próximo, seus irmãos e irmãs espirituais cristãos.

Vejamos o que ele mesmo diz sobre suas *Confissões*: “Os treze livros das minhas *Confissões* louvam o Deus justo e bom tanto por minhas boas obras como pelas más, e despertam para ele a inteligência e o afeto humanos. Pelo menos pelo que me diz respeito, assim agiram em mim quando as escrevia e agem quando as leio”<sup>26</sup>. O bispo filósofo alude que, o principal sentido de suas *Confissões* consiste no louvor (*laudare*) a Deus, por sua justiça e bondade naquilo que ele, Agostinho, fez de bom e também por erros que cometeu, pois ao trazer da memória estas recordações sua consciência de si é despertada, saindo do torpor do esquecimento, nesta plenitude da consciência da sua identidade e

---

<sup>23</sup> Cf. *Confissões* X,27,38.

<sup>24</sup> Cf. *Retractationum libri duo* I, prol.1-3. Agostinho se submete ao juízo do único Mestre, para que com o auxílio da sua graça possa o auxiliar no exame dos seus escritos, para corrigir seus erros e deslizes, não por desejo exclusivo de perfeição, mas que aqueles que lerem seus escritos progredam na verdade. Podemos ver neste Prólogo que ao acompanhar o desenvolvimento dos escritos de Agostinho, seu processo de progresso e amadurecimento.

<sup>25</sup> Freitas, 2019, Introdução. *Retratações*. p.9; Cf. *Ep.* 143,2.

<sup>26</sup> *Confessionum mearum libri tredecim, et de malis et de bonis meis Deum laudant iustum et bonum, atque in eum excitant humanum intellectum et affectum. Interim quod ad me attinet, hoc in me egerunt cum scriberentur et agunt cum leguntur. Retratações* II,6,1.

personalidade, manifesta seu amor e união a Deus, pela sua inteligência e afetos humanos, em outras palavras, sua razão e emoção que compõe seu ser, louvam a Deus criador e uno-trino pôr o sustentar sua existência.

Agostinho tem consciência de que suas *Confissões* agradaram a muitos irmãos que tiveram contato e leram, ou pelo menos escutaram o que estava escrito, os relatos da vida do famoso e ilustre Bispo de Hipona. Mas também, ele não tem a pretensão de que todos entendam como ele quis escrever, delega o juízo do que pensam a responsabilidade de cada um por seus próprios atos e opiniões.

As *Confissões* foi um dos livros mais amplamente divulgado e lido com frequência<sup>27</sup>, despertando uma curiosidade sobre o testemunho de conversão de vida do próprio Agostinho de Hipona. No livro X, ele mesmo se dirige a estas pessoas curiosas, da seguinte forma: “Curiosos de conhecer a vida alheia, são indolentes em corrigir a própria. E por que desejam saber de mim quem sou, quando não se interessam em ouvir de ti quem são?”<sup>28</sup>. Estas pessoas que estão tendo contato com a obra das *Confissões* estão motivadas exclusivamente em saber os fatos sobre a vida de Agostinho, no período anterior de sua conversão, quando estava envolvido em seus vícios e pecados, quando estava afastado da vida cristã e do próprio Deus.

Mas esta curiosidade em si mesma, é uma concupiscência (*concupiscentia*), ou seja, ter um forte desejo por algo, querer ardentemente algo e cobiçando. O que pode seriamente desviar e reforçar a perversão que está instalada na vontade pessoal, por isso Agostinho aponta sobre a indiferença destes curiosos com a própria vida, destaca que a pessoa precisa se corrigir, reorientar-se para o caminho da interioridade e buscar a Verdade. O desinteresse e a apatia desta “raça curiosa”<sup>29</sup>, em não querer abrir os ouvidos da alma para ouvir de Deus quem eles realmente são, acabam distanciando-se ainda mais da Verdade, permanecem com os ouvidos tapados, sem terem o conhecimento de si mesmos, vivendo na indolência e efêmera falsidade.

Agostinho, no início do Livro 10, é claramente – e até penosamente – consciente de sua ampla audiência. Ele também é consciente de que eles podem não o estar ouvindo com corações bondosos. Ele também está consciente de que eles o podem estar ouvindo pelos seus pecados e,

<sup>27</sup> Quid autem meorum opusculorum frequentius et delectabilius innotescere potuit, quam libri Confessionum mearum?. *De dono perseverantiae* I,xx,53.

<sup>28</sup> Curiosum genus ad cognoscendam vitam alienam, desidiosum ad corrigendam suam. Quid a me quaerunt audire qui sim, qui nolunt a te audire qui sint?. *Confissões* X,3,3.

<sup>29</sup> Santos, 2002, p.16.

ainda assim, ele se sente obrigado a se expor a eles. (CONYBEARE, 2020, p. 28-29).

A respeito da realidade deplorável de como as pessoas estavam vivendo, ainda mais por serem consideradas cristãs batizadas<sup>30</sup>, gerou um estranhamento por parte do monge Pelágio da Bretanha (350–423 d.C.), que em 405 chegou em Roma e ao tomar conhecimento da oração de Agostinho “Dá o que ordenas e ordenas o que queres”<sup>31</sup>, ficou horrorizado e constatou que este era o problema da indecência e da indiferença à pureza moral da Igreja<sup>32</sup>.

Além de Pelágio e os pelagianos, temos outros grupos e pessoas que eram duros críticos de Agostinho e da sua forma de pensar, podemos elencar: os maniqueus, Fausto de Mileto (350-400 d.C.), os donatistas, os pagãos, os acadêmicos, Juliano de Eclano (380-454 d.C.). Muitos desses faziam uso das palavras e juízos de Agostinho para usar contra ele mesmo e assim poder acusar, humilhar, ofender e rechaçar<sup>33</sup>. No entanto, o filósofo cristão sabia que as críticas e acusações viriam, mas isso não o abalava ou diminuiria sua inteligência iluminada, ao contrário, ele aproveitava estas ocasiões para aprofundar e desmascarar o orgulho velado destas heresias e do orgulho que ofuscava estes líderes religiosos.

Agostinho recorda em suas *Retratações* que: “Do primeiro ao décimo livro, escrevi a meu respeito; nos outros três, escrevi sobre as santas Escrituras a partir das palavras: “No princípio, Deus fez o céu e a terra”, até o descanso no sábado”<sup>34</sup>.

Por muitos anos, algumas editoras publicaram apenas as *Confissões* do livro I ao IX, onde se encontra a autobiografia de Agostinho, da sua infância até a sua conversão e o falecimento de sua mãe, Mônica, correspondendo os anos de 354 a 387; elas não publicaram os livros XI ao XIII por terem sido escritos de modo tão peculiar e ser mais uma exegese dos primeiros versículos do Gênesis<sup>35</sup>. Porém, faz-se mister um adendo, pois

---

<sup>30</sup> Uma vez que o Edito de Milão (*Edictum mediolanense*) de 13 de junho de 313 d.C. não perseguia mais os cristãos; e Teodosio I proclama em 27 de fevereiro de 380 d.C, que o Cristianismo é a religião oficial do Império Romano, com o Edito de Tessalônica (*Cunctos Populos* ou *De Fide Catolica*), muitas pessoas batizadas não viviam conforme os costumes cristãos.

<sup>31</sup> Da quod iubes et iube quod vis. *Confissões* X, 29,40; 31,45; 37,60.

<sup>32</sup> Olson, 2001, p. 271-272.

<sup>33</sup> Trapè, 2024, p.355-356.

<sup>34</sup> A primo usque ad decimum de me scripti sunt, in tribus ceteris de Scripturis sanctis, ab eo quod scriptum est: In principio fecit Deus caelum et terram (Gn 1,1), usque ad sabbati requiem (Gn 2,2). *Retratações* II,6,1.

<sup>35</sup> Brachtendorf, 2020, p. 12.

o livro X tem particularidades próprias, uma vez que descreve o estado atual da vida de Agostinho, passado por volta dez anos após o falecimento de sua mãe e regresso para o norte da África. Encontramos no livro X um verdadeiro tratado sobre a memória e uma análise das concupiscências que toda pessoa pode ser tentada e exposta, mesmo já tendo se convertido e recebido o batismo cristão.

Mas no início do século V, depois de ter sido amplamente divulgado suas *Confissões* e se tornarem muito famosas, alguns cristãos pediram insistentemente que Agostinho continuasse seus relatos sobre sua própria história de vida. Alguns buscavam uma inspiração como testemunho para enfrentar os desafios e tentações da vida cristã no império Romano, porém outros queriam ler por mera curiosidade e como uma forma de atacar Agostinho, recém ordenado como episcopo de Hipona.

A datação média na qual as *Confissões* são demarcadas em torno dos anos de 397 e 401 d.C., haja visto que Agostinho foi sagrado bispo entre 395 e 397, a data mais provável sendo o fim da primavera ou início do verão de 395. Por mais que, possa-se ter algumas divergências, se a obra *Confissões* teria ou não uma unidade que ligasse cada um dos livros que a compões, fato é que diante deste tema abordado na obra como um todo, podendo ser um princípio de unidade: “é a história do itinerário rumo à conversão, uma odisséia da alma”, ou seja, é a “ascensão da alma para Deus é um tema que se repete com frequência nos escritos de Agostinho”<sup>36</sup>. A força do testemunho, que evoca na memória narrativas e histórias de pessoas que passaram por um processo de transformação e grande conflito no mais íntimo do próprio ser, que exigiu uma atitude decisiva para que superasse o desafio ou problema que estava diante de si, na esperança de alcançar a felicidade na vida, ou a realização do que havia idealizado como realidade futura em sua própria inteligência.

Nesse sentido, podemos citar o pensamento filosófico de Karl Jaspers (1883-1969), afirmava que o homem só toma consciência de si mesmo quando posto em "situações limites", ou seja, em momento que precisa enfrentar a luta, a culpa, o sofrimento, a doença e a morte. Em outros termos, é a barreira que se encontra lado a lado entre os dois opostos, o ser e o nada. Desta forma, o pensar filosoficamente através das perguntas (*quaestiones*) auxilia neste exercício da razão intelectual, permitindo que seja iluminada pela luz do Mestre interior, que fará a mediação e indicará o caminho a ser seguido, a vida da verdade. “O objetivo do pensar filosófico é levar a uma forma de

---

<sup>36</sup> Van Fleteren, 2018, p.260.

pensamento capaz de iluminar-nos interiormente e de iluminar o caminho diante de nós, permitindo-nos apreender o fundamento onde encontremos significado e orientação”<sup>37</sup>.

Outro ponto que não se pode esquecer, na percepção da obra como um todo, são as questões expostas no seu conjunto como destaca Contaldo (2011, p.84) destacam o tom de uma busca verdadeiramente filosófica “O ponto central em torno do qual gravita toda a sua filosofia – Deus – demanda um caminho feito por sucessivas perguntas, elencadas de modo autobiográfico. Isso se traduz, pois, num itinerário ascensional da finitude do homem à infinitude de Deus e no pleno exercício da razão”<sup>38</sup>. A filosofia é um caminho que por intermédio de perguntas e questionamentos da sua alma, instigam e inquietam o coração de Agostinho o projetando numa busca dinâmica e ativa na busca pela verdade, tornando sua busca mais forte e virtuosa, na certeza de se encontrar com Deus.

“Confessarei, pois, o que sei de mim; confessarei também o que de mim ignoro, porque o que sei de mim sei-o porque tu me iluminaste, e o que de mim ignoro não sei, enquanto as minhas trevas se não tornarem como o meio-dia na tua presença”<sup>39</sup>. Agostinho evoca a prece do sábio que medita profundamente tocado pelas Escrituras sagradas<sup>40</sup>, diante da fragilidade e fraqueza humana, as consequências do pecado que abrevia e diminui a própria vida. Na presença de Deus não há segredos, uma vez que Ele sabe tudo o que há no homem, seu conhecimento e luz brilham mais que o sol do meio-dia, tal qual é sua clarividência.

A afirmação do filósofo cristão ao dizer em sua confissão que “enquanto as minhas trevas se não tornarem como o meio-dia na tua presença”, recorda implicitamente uma prática religiosa que os grandes profetas do pós-exílio da Babilônia (538/537 a.C.) pediam ao povo: a necessidade da interiorização, por meio do jejum. Boa parte do capítulo 58, versículos 9 e 10 de Isaías, orienta as pessoas a se afastarem do gesto ameaçador, apontar o dedo (*extendere digitum*), da linguagem iníqua (*loqui iniquitatem*) uma linguagem perversa e maldosa, buscarem “derramar sua alma aos famintos e satisfazer a

---

<sup>37</sup> Jaspers, 2002, p.12 *apud* Contaldo, 2007, p.179.

<sup>38</sup> Contaldo, 2011, p.84.

<sup>39</sup> Confitear ergo quid de me sciam, confitear et quid de me nesciam, quoniam et quod de me scio, te mihi lucente scio, et quod de me nescio, tamdiu nescio, donec fiant tenebrae meae sicut meridies in vultu tuo. *Confissões* X, 5, 7.

<sup>40</sup> Cf. Sl 90 (89), 8.

alma aflita” (*si effuderis esurienti animam tuam et animam afflictam satiaveris*), sua luz vai brilhar nas trevas e a escuridão será clara como o meio-dia.

No espírito (*animus*) de Agostinho, na sua interioridade, ele reconhece que já recebeu algumas luzes que iluminaram sua consciência e o fizeram tomar conhecimento de si mesmo, porém tem algumas partes que ele desconhece, que ainda estão obscuras em trevas que mesmo nesta condição Agostinho deseja confessar. Enquanto a escuridão e inconsciente na interioridade não se tornar luz do ponto mais claro do dia, na presença de Deus que está no mais íntimo do seu ser, seu coração permanecerá inquieto e insistente até transformar suas trevas em luz na sua alma (*animus*). Assim, compreendemos com maior profundidade e consonância ao pensamento motivador de Agostinho em se sentir espiritualmente em jejum, uma realidade e situação limite de privação de alimento, sair das aparências externas e transpor a própria alma (*animus*), para desfrutar em si a plenitude da festa e contemplar a presença e beleza da face de Deus.

O próprio livro X traz o testemunho da atividade da sua alma, sendo uma transição entre os primeiros nove livros e os três últimos. O livro X é, por assim dizer, um “microcosmo” de toda a obra, uma vez que narra a ascensão da sua alma para Deus<sup>41</sup>. Nesse movimento ascensional, que vai das criaturas até o criador, Agostinho perfaz um processo de reflexão sobre a sua vida, nesse “microcosmo” percebe-se que sua distensão no tempo, a vida de Agostinho encontra-se num movimento de traslação, em que a luz divina, assim como o sol, vai iluminando cada momento da sua história.

Passados aproximadamente dez anos da escrita da classificada como primeira parte, originariamente descrevendo fatos selecionada e descritos nos livros de I a IX, relatando desde sua infância até o momento do falecimento de sua mãe Mônica, no ano de 387, quando acaba permanecendo num período de luto; Agostinho retoma a pena e continua a escrita de *Confissões*, porém com uma nova visão de homem, mais maduro e menos idealista<sup>42</sup>. Brachtendorf (2020) assinala que “Agostinho quer comunicar ao leitor como é sua situação na época da redação das *Confissões*, ou seja, dez anos após a conversão, para que este compartilhe com ele a felicidade devida à graça e reze por ele por causa das suas fraquezas restantes”<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Van Fleteren, 2018, p. 263.

<sup>42</sup> O futuro perdido, capítulo da obra de Peter Brown onde é analisado o deslocamento da motivação de Agostinho, saindo de uma visão idealista da vida e todo fervor inicial da conversão cristão no desejo de viver a vida contemplativa do sábio santo, para uma visão mais madura e concreta das dificuldades e dureza da vida mortal, na condição existencial humana (Cf. Brown, 2017, p.181-194).

<sup>43</sup> Brachtendorf, 2020, p. 250.

Isto posto, o livro X é um livro que se situa no estado presente da alma do autor e torna-se o eixo de ligação entre os nove livros precedentes e os últimos três livros, nos quais Agostinho reflete sobre o tempo, a criação e a paz. Desse modo, é possível encontrar na obra a seguinte divisão: a lembrança do passado (livros I-IX), a presença da atividade da sua alma (livro X) e a expectativa do futuro (livros XI-XIII).

Mesmo esses poucos parágrafos de resumo dão uma impressão enganosa de simplicidade e franqueza, para uma obra que extrai seu raro poder da complexidade, sutileza e nuance. [...] Ele era certamente o herdeiro de uma antiga tradição retórica que não escrevia para provar, mas para persuadir, que sabia que uma obra deve ter seu efeito sobre um leitor ou ouvinte diretamente ou é improvável que tenha o efeito desejado. [...] O único objetivo da interpretação é a leitura: a exegese leva à Palavra, e não o contrário. Se muitas vezes parece deprimentemente o contrário, então uma atenção renovada ao nosso maior mestre de exegese, hermenêutica, leitura - chame-o como quiser - não pode deixar de ser instrutiva, mesmo (especialmente?) onde não leva ao acordo e ao discipulado direto.<sup>44</sup> (O'DONNELL, 1992, *Prolegomena*).

Como diz Trapè: “Essa [obra, *Confissões*,] abraça horizontes muito mais vastos: abraça as três dimensões da própria vida - o passado, o presente, o futuro -; abraça os dons divinos da criação e da salvação; abraça os planos misteriosos da Providência.” (TRAPÈ, 2024, p. 354). Este estado de plena consciência, onde se reconhece, onde se está (presente, agora), olha para o passado e observa que está atrasado, passou muito tempo e reconhece que não agiu como deveria, já está tarde (passado). Se há esta percepção do passado, reconhecendo com certo remorso o que poderia ter feito e não fez, foi devido a clarividência do escopo (futuro), o local da plenitude e da bem-aventurança cujo local era a meta de chegada. É elevado grau de lucidez e reconhecimento sincero diante de si próprio, da sua condição humana miserável, porém confiando o auxílio da Graça divina que o pode transformar sua realidade atual, converter, ordenar para a verdade e a pátria querida, ordenando sua existência para o próprio Deus.

---

<sup>44</sup> Even these few paragraphs of summary give a misleading impression of simplicity and directness, for a work that draws its rare power from complexity, subtlety, and nuance. [...] He was assuredly the heir of an ancient rhetorical tradition that did not write to prove but to persuade, that knew that a work must have its effect on a reader or hearer directly or it is unlikely to have the desired effect at all. [...] If it often seems depressingly otherwise, then a renewed attention to our greatest master of exegesis, hermeneutic, reading - call it what you will - cannot fail to be instructive, even (especially?) where it does not lead to agreement and outright discipleship.

## 2. *Confissões*: o contexto histórico

Um dos seus discípulos e amigo, que sempre esteve muito próximo de Agostinho por mais de 40 anos, Possídio de Calama (370-440), retomando a citação de *Confissões* (X, 3, 3; 4, 6), escreve sobre a vida de Agostinho: “Não me cabe aludir a tudo o que o próprio Agostinho, de feliz memória, referiu nos livros das *Confissões* acerca da sua vida antes de receber a graça e da maneira como viveu depois”<sup>45</sup>; porém, em sua obra *Vida de Santo Agostinho*, escrita após a morte do seu amigo, testemunha a fidelidade e a dedicação pastoral do Bispo de Hipona no cuidado e orientação das almas para Deus.

O pensamento de Agostinho manifesta a sua própria vivência pessoal, seguindo o seu escrito é possível traçar o seu processo de evolução pessoal e amadurecimento humano<sup>46</sup>:

- (1) leitura do *Hortêncio* de Cícero (descoberta da filosofia, na idade de 19 anos).
- (2) leitura dos livros dos platônicos (aos 31 anos).
- (3) escuta do sermão de Ambrósio de Milão e leitura das *Cartas* de São Paulo.

Agostinho, a partir da leitura dos livros dos platônicos (sobretudo neoplatônicos), diante do seu orgulho e prepotência reconhece a necessidade da humildade, haja visto que a própria Sabedoria divina o *Logos* divino se encarnou e habitou entre os homens. Ao ler alguns trechos do prólogo do *Evangelho de São João* e o hino do servo de Deus da *Carta aos Filipenses*, analisando o caminho de descida do *Logos* à humanidade e qual o itinerário necessário para fazer o percurso de retorno a Deus. “Eu não tinha a humildade suficiente para possuí o meu Deus, o humilde Jesus, nem conhecia as lições que suas fraquezas nos davam.”<sup>47</sup>

Seu desejo de encontrar Cristo, a sabedoria revelada, caminho e pátria, início do seu caminho de conversão, esforçando-se por se assemelhar a ele, *Logos*, Verbo de Deus, que é a própria Verdade, encarnada, desaprovando tudo o que conduz a se afastar da unidade e harmonia, que faz tornar-se dessemelhante e disforme da imagem perfeita da unidade plena<sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup> Possídio (1997), prefácio, 5, p. 36.

<sup>46</sup> Moriones, 2022, P. 60.

<sup>47</sup> *Confissões* VII, 18, 24; 20, 26.

<sup>48</sup> *Sobre a verdadeira religião*, 36, 66.

Assim, no seu processo de conversão, Agostinho realizou um retiro no outono de 386 até março de 387 em Cassiciaco, em uma chácara de seu amigo, o gramático Verecundo, e estavam presentes sua mãe Mônica, seu filho Adeodato, seu irmão Navió e seus amigos e discípulos Alípio, Licêncio, Lastidiano, Rústico e Trigécio. Um tempo agradável e dedicado ao estudo e reflexão filosófica. Na Páscoa de 387, ele é batizado por Ambrósio em Milão, nesse mesmo ano acontece o êxtase em Óstia e o falecimento de sua mãe, Mônica. No ano de 388, Agostinho retorna à África para viver em Tagaste, por volta de um pouco mais de um ano morre seu filho Adeodato (389/390).

Em Cassiciaco, na preparação para o seu batizado, Agostinho tem no seu descanso e ócio recordações da sua vida com Deus, o estar plenamente no Senhor, ser gerado por sua infinita misericórdia. Sua meta é o descanso (*christianae vitae otium*, ócio da vida cristã<sup>49</sup>), a paz ou repouso em Deus<sup>50</sup>. Nesse período conhecido como fase filosófica, é quando escreve as suas primeiras obras, os diálogos de Cassiciaco: *Contra os acadêmicos* (ou *Sobre os acadêmicos*), *Sobre a vida feliz*, *Sobre a ordem e Solilóquios*<sup>51</sup>.

Um pouco antes da Páscoa de 391, ano em que foi ordenado presbítero, Agostinho escreve uma carta ao Bispo Valério<sup>52</sup>, em que pede tempo para melhor se preparar para o ofício de presbítero, administrando os sacramentos e a palavra de Deus

---

<sup>49</sup> *Retratações* I, 1, 1; Brown, 2017, p. 141.

<sup>50</sup> “Agostinho aspirava a conhecer Deus e sua alma, nada mais. Na realidade, porque todos os nossos conhecimentos e todas as nossas paixões, da mais baixa à mais elevada, são formas de um mesmo coração inquieto que procura, que não pode descansar a não ser no conhecimento do Divino Amante (cf. *Confissões* 1,1).” (CROUSE, 2018, p. 266).

<sup>51</sup> Obras filosóficas de Cassiciaco: **(a) *Contra os acadêmicos (Contra academicos)***: é composto de três livros onde Agostinho discute a relação entre felicidade e conhecimento da verdade. **(b) *Sobre a vida feliz (De beata vita)***: no dia do seu aniversário, Agostinho comemora com seus amigos e familiares, e reflete sobre o tema da felicidade que consiste no perfeito conhecimento de Deus; esta obra possui apenas um livro. **(c) *Sobre a ordem (De ordine)***: formado por dois livros, nos quais Agostinho analisa a ordem das coisas (*ordo rerum*), ou seja, a ordem na qual a Divina Providência governa e rege todas as coisas. **(d) *Solilóquios (Soliloquia)***: contendo dois livros, Agostinho inicia um diálogo com a sua própria razão, conversando consigo mesmo; nele encontramos a sua maior busca, encontrar a alma e a Deus (SANTOS, 2008, p. 11).

<sup>52</sup> “E se Deus não o fez para me condenar, mas para ter pena de mim - confio nisso com certeza, pelo menos agora que conheço a minha fraqueza -, devo examinar todos os remédios contidos nas suas Escrituras e dedicar-me à oração e lendo, para que minha alma alcance a saúde ideal para ocupações tão perigosas. Não fiz isso antes, porque não tive tempo; fui ordenado precisamente quando planejava um retiro para estudar as Escrituras divinas e queria me organizar para ter tempo livre para essa ocupação. Eu ainda não sabia o suficiente sobre minhas deficiências para essa empreitada, que hoje me atormenta e aterroriza. Os fatos me deram experiência do que um homem precisa para administrar o sacramento e a palavra de Deus ao povo.” (AGOSTINHO, *Carta à Valério, Bispo de Hipona*, nº 21; tradução nossa).

aos cristãos: “Fui ordenado precisamente quando planejava um retiro para estudar as Escrituras divinas e queria me organizar para ter tempo livre para essa ocupação.”<sup>53</sup>

Assim, em 391 é ordenado padre (*presbytero*) em Hipona e no ano de 395 é ordenado bispo em Hipona, sucedendo Valério. Com os desafios do episcopado, para dar testemunho e motivação aos cristãos, Agostinho inicia a escrita de *Confissões* em 397, que irá finalizar apenas em 401. Ao observar a necessidade de escrever a história de sua conversão, bem aos moldes de outros testemunhos de mudança de vida de outras grandes personalidades históricas, como por exemplo, a conversão de Vitorino<sup>54</sup>; e a conversão e vida do eremita Santo Antão<sup>55</sup>.

De fato, no início de sua conversão, Agostinho manifesta sua avaliação sobre os maniqueus<sup>56</sup> em escritos que podem ser chamados antimaniqueístas<sup>57</sup>. O maniqueísmo se torna o primeiro grupo religioso que Agostinho combate, expondo a fragilidade da sua doutrina dualista e tentando resgatar alguns amigos seus para se converterem a verdadeira religião, o cristianismo.

Agostinho também quer deixar claro que não pertence mais a essa seita que o seduziu com eloquência e explicações sobre o problema do bem e do mal, preconizando uma salvação certa sem mudança no estilo de vida e que suas respostas não saciavam a sua busca inquieta. “Foi então que comecei a empenhar as forças do espírito na busca de um argumento decisivo para demonstrar a falsidade dos maniqueus. [...] resolvi abandonar os maniqueus.”<sup>58</sup>

De modo que, a relação do livro X com os livros anteriores (I - IX), em que faz uma autobiografia, estaria no interesse de descrever o passado para encorajar e incentivar os leitores e, em seguida, descrever o momento presente para que o leitor por meio da sua crítica, elogio ou desaprovação, melhore ainda mais o autor, ou seja, o próprio Agostinho.

A apresentação do estado interior atual de Agostinho se dá entre os capítulos 28 e 39, onde trata dos perigos aos quais se encontra exposto, aos vícios e às concupiscências

---

<sup>53</sup> AGOSTINHO, *Carta à Valério, Bispo de Hipona*, nº 21; tradução nossa.

<sup>54</sup> *Confissões* VIII, 2, 3-5.

<sup>55</sup> *Confissões* VIII, 2, 6-15.

<sup>56</sup> É uma religião filosófica, fundada por Mani, que teve duas revelações divinas que lhe confiaram a tarefa de levar ao mundo a plenitude da revelação, por isso, sua ele chamou sua seita de “Revelação da luz”; completando assim as revelações de Buda, Zoroastro e Jesus. A sua mensagem enquanto doutrina misturava elementos do Evangelho e da Sagrada Escritura com ocultismo e astrologia (COYLE, 2018, p. 625-629).

<sup>57</sup> Cf. Coyle, 2018, p. 706-707.

<sup>58</sup> *Confissões* X, 14, 25.

da carne e dos olhos, e à ambição do século (o orgulho). Agostinho pede por mais de uma vez o dom da continência<sup>59</sup> para Deus, porém ele conhece suas fraquezas e sua tendência ao pecado<sup>60</sup>. Abordaremos os vícios, as tentações e a continência em relação a eles, no terceiro capítulo.

Agostinho reconhece que mesmo “durante a vida terrena, até mesmo o virtuoso está sempre exposto a tentações”<sup>61</sup>. Um conflito constante entre as falsas tristezas e as verdadeiras alegrias, sem saber quem sairia vencedor; na prosperidade, tem-se medo da adversidade e na adversidade, deseja-se muito a prosperidade. “Quem poderá negar que a vida humana sobre a terra seja uma tentação sem tréguas?”<sup>62</sup> Entre os extremos, há um estado intermediário, no qual a vida humana não seja uma tentação; a vida do homem na terra é uma grande provação, onde há trabalhos e dificuldades, chagas e enfermidades.

Durante boa parte do século passado, a unidade dos treze livros foi debatida e sujeita a inúmeras investigações. No entanto, quais seriam as razões pelas quais Agostinho teria a necessidade de escrever sobre o seu passado? Alguns possíveis motivos podem ser presumidos<sup>63</sup>:

(1) **conflito interno**: a inquietação da alma, em busca de Deus, relatando sua busca no início de sua conversão no retiro de Cassiciaco, onde em seus *Solilóquios*, ele conversa consigo mesmo, dialogando com sua razão, até chegar à conclusão da imortalidade da alma (um degrau importante no seu itinerário de ascensão até a plenitude divina); e em *Confissões*, apresenta a “história do seu itinerário rumo à conversão”, a queda da alma nos vícios e pecados, e sua luta e busca para sua alma retornar, purificada e justificada, para Deus, seu criador, presente para além da memória.

(2) **conflito na comunidade cristã**: uma vez que ele assumiu como Bispo de Hipona (norte da África), e muitas pessoas que haviam ouvido falar ou conheciam Agostinho e sua família, tinham dúvidas sobre a veracidade da sua conversão à fé cristã; em decorrência de algumas acusações donatistas que Agostinho teria permanecido um *criptomaniqueu*, ou seja, um maniqueu velado, escondido, disfarçado, pois havia feito parte da seita dos maniqueus por 12 anos.

---

<sup>59</sup> “Da quod iubet et iube quod vis” [Dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes]. *Confissões* X, 29, 40.

<sup>60</sup> Cf. Brachtendorf, 2020, p. 300-301.

<sup>61</sup> Brachtendorf, 2020, p. 273

<sup>62</sup> *Confissões* X, 28, 39.

<sup>63</sup> Van Fleteren, 2018, p. 260.

Diante dessa dura constatação, Agostinho aconselha a manter viva a esperança em Deus, em tom de caridade e com coração fraterno, como presbítero e futuro bispo, procura animar e motivar os cristãos a ele confiados na diocese de Hipona e reconhece que Deus ordena ao homem a continência, ou seja, pedir a Deus o dom da continência para sermos reconduzidos à unidade em Deus. “É graças à continência que nos reunimos e nos reconduzimos à unidade, da qual nos perdemos na multiplicidade.”<sup>64</sup> O dilema entre partes e todo, ciência e sabedoria, corpo e alma, é ordená-los numa unidade harmoniosa, para não ultrapassar a oposição entre eles, sem suprimir uma distinção que permanece fundamental em cada uma deles<sup>65</sup>.

“A busca intelectual, as tentativas do entendimento para penetrar nos mistérios divinos, não podem ser separadas do desejo de perfeição moral e do amor da vontade. É preciso buscar a verdade com amor”<sup>66</sup>. Por isso, o homem deve apegar-se a Jesus Cristo, o único e verdadeiro mediador, para ser elevado até Deus. Jesus Cristo, é o *Logos* divino conosco, o mestre interior, exemplo de humildade, pois assumiu a condição humana com exceção do pecado.

Agostinho fica maravilhado com o encontro da verdade que habita o homem interior, o mais íntimo do seu coração, recorda a descoberta da interioridade, onde o homem transcende chegando até Deus, como também, evidencia o erro materialista dos maniqueus<sup>67</sup>. E nessa profunda interioridade, nesse retorno a si mesmo, auxiliado pela graça, com os olhos da alma, acima da inteligência e contempla a luz imutável, “quem conhece a verdade conhece esta luz e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor a conhece”<sup>68</sup>.

Portanto, observar a peregrinação do jovem Agostinho em direção à posse da suma verdade, todo este itinerário de conversão, e retorno ao criador, será resultado do auxílio da graça e do esforço pessoal reconquistando a sensibilidade, a inteligência e a vontade do estado corrompido da sensualidade, curiosidade e orgulho. “Tudo para que o homem interior se harmonize com Aquele que nele habita”<sup>69</sup>.

---

<sup>64</sup> *Confissões* X, 29, 40.

<sup>65</sup> Gilson, 2010, p. 234.

<sup>66</sup> Mariones, 2022, p. 62.

<sup>67</sup> *Sobre a verdadeira religião*, 39, 72.

<sup>68</sup> *Confissões* VII, 10, 16.

<sup>69</sup> *Sobre a verdadeira religião*, 39, 72.

A consideração de alguns pontos essenciais do livro X podem auxiliar numa melhor compreensão da obra e do pensamento de Agostinho na primeira fase da sua vida até o início do seu ministério episcopal.

### 3. *Confissões*: as interpretações

Na filosofia de Agostinho de Hipona temos dois pilares fundamentais: a alma e Deus. Esses dois aspectos são o principal foco da sua investigação e desejo de conhecer: “Desejo conhecer a Deus e a alma”<sup>70</sup>. Absolutamente nada mais, assim, começa sua investigação filosófica nos primeiros escritos de modo especial em *Solilóquios*, dialogando com sua própria razão, até que ponto conhecia a Deus e a alma. É uma análise reflexiva em que, o objeto de estudo está de modo “objetivo”, porém, quando vemos Agostinho nas *Confissões*, notamos um deslocamento principalmente no livro X, pois esse objeto de estudo se tornará mais “subjetivo”, ou seja, o autor é o objeto de estudo e analisa a partir da sua própria vivência. Isso faz com que toda a originalidade e complexidade da obra torne mais difícil a precisar e classificar a qual o gênero dessa pertença para se fazer um estudo mais sistematizado.

Este processo de conhecimento da alma e de Deus, acontece na própria interioridade de Agostinho. A metodologia empregada pelo Doutor da Graça é um itinerário do exterior para o interior de si, de baixo para o alto, para ver com os olhos da alma, além de si mesmo, a plenitude da verdade, o próprio Deus eterno e imutável.

Van Fleteren nos diz: “Sua atenção aos estados internos do homem e sua descrição deles suscitaram o interesse de filósofos e psicólogos.”<sup>71</sup> A novidade e a perspicácia como Agostinho analisa o processo de conhecimento, a impressão das percepções na memória, a significação e ressignificação de emoções e afetos, até mesmo a realidade do esquecimento, são temas não tratados de modo tão minucioso no período em que foram escritos, os séculos IV e V d.C. O funcionamento da mente humana, tão estudada atualmente pela neurociência, com tantos aparelhos tecnológicos, não eclipsam a densidade e profundidade filosófica e psicológica de Agostinho de Hipona.

As *Confissões* são um manifesto do mundo interior, afirma Brown (2017), e recordando Agostinho assinala: “Ficam os homens boquiabertos com os picos das

---

<sup>70</sup> “Deum et animam scire cupio”. *Solilóquios* I, 2, 7.

<sup>71</sup> Van Fleteren, 2018, p. 259.

montanhas, as ondas alterosas do mar, a vasta correnteza dos rios, a amplidão do oceano e os movimentos dos astros: mas se deixam passar despercebidos, não se deslumbram com eles mesmos [consigo mesmo].”<sup>72</sup> Diante da grandiosidade da natureza, altas montanhas, fortes ondas do mar, caudalosas correntezas dos rios, imensos oceanos, corpos celestes que se movem pelo universo, fazem o homem ficar abismado, assombrado, “uma pequena partícula”, e isso é o começo do filosofar, de modo semelhante os filósofos pré-socráticos, em busca da *archè*, observam e se maravilhavam com os fenômenos naturais em magna escala. No entanto, o ponto nevrálgico que o filósofo da graça aponta é que o homem não olha para si mesmo, não olha para o microcosmo que há na sua própria interioridade. Estão apegados e fixos na visão externa e sensível, esquecem de olhar com os olhos do espírito o amplo campo e o grande palácio que há no mais íntimo de si mesmos. Não são conscientes ainda do si mesmo (*self*), correm o risco de viver no turbilhão dos impulsos instintivos (*id*) ou na ditadura do eu (*ego*).

O homem não pode ter esperança de encontrar Deus se não encontrar antes a si mesmo: pois esse Deus é “mais profundo que o meu próprio íntimo”, e a vivência torna-se “melhor” quanto mais é “interior”. Acima de tudo, a tragédia do homem é ser impelido a fugir “para o lado de fora”, a perder o contato consigo mesmo, a “vagar para longe” de “seu coração”: “Estáveis bem diante de mim, porém eu me apartara de mim e, se não podia encontrar a mim mesmo, muito menos encontraria a Vós.” (BROWN, 2017, p. 205).

No “manifesto do mundo interior”, Agostinho afirma, para que seja possível transpor a própria alma para poder encontrar a Deus é necessário antes disso conhecer a si mesmo. Não é possível que o homem, disperso na multiplicidade das coisas, retido sua atenção pela sua formosura das criaturas, procurando na exterioridade o próprio Deus que habita a interioridade da pessoa humana<sup>73</sup>, assim reunir e reorientar a sua plena unidade em Deus. Faz-se necessária esta primeira conversão neste itinerário da interioridade, sair do homem exterior, adentrar na própria interioridade de si mesmo, conhecendo em si a existência do homem interior<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> *Confissões* X, 8, 15 [grifo nosso].

<sup>73</sup> Cf. *Confissões* X, 27, 38.

<sup>74</sup> Cf. A Trindade XII, 1,1.

“No caso do Livro X das Confissões, o primado que Agostinho atribui à ação da graça, não elimina, mas reforça a necessidade de uma lúcida consciência de si mesmo e de um esforço para conformar as próprias motivações e a própria conduta aos apelos desta graça divina”<sup>75</sup>. Observando a ação da graça divina, não exime ou retira a plena responsabilidade dos atos de Agostinho, pelo contrário, evidenciam com maior peso a necessidade de uma lucidez, uma clarividência de si mesmo, enquanto homem, como pessoa, um indivíduo. Como destaca Santos (2002, p. 1), um sujeito consciente, que diante da própria existência *re-forma* e *con-forma* suas intenções e ações para realizar em sua vida o que ordena o próprio Deus: “[...] ordenai-me o que quiserdes”.

No capítulo v, parágrafo 7, Agostinho afirma que o espírito do homem (*spiritus hominis*<sup>76</sup>), que habita na sua interioridade tem conhecimento de si que outros homens não têm. No entanto, há uma ambiguidade no homem, pois nele existe também algo que não conhece. Esse algo inconsciente e desconhecido no homem, ao mesmo tempo é conhecido por Deus, pois na perspectiva da criação Deus criou com sua palavra, chamando a existência do nada, formou o homem à sua imagem e semelhança. A identidade e dignidade do homem, se evidencia como ser individual singular (*solitude*<sup>77</sup>), sendo reflexo das Pessoas da Trindade Santíssima, tornando-se pessoa humana, pois carrega em si aspectos trinitários, como por exemplo: memória, inteligência e vontade<sup>78</sup>, ou existo, conheço e quero<sup>79</sup>.

Agora, é certo, que vemos por meio de um espelho, de modo refletido, ou seja, a realidade transcende a nossa compreensão humana, no entanto é possível constatar algumas noções que vão além do aprendizado por meio das vivências sensitivas ou do crédito no testemunho de outrem. Um enigma a ser decifrado, pois algumas pessoas podem compreender a realidade de modo não tão claro e acabar confundindo a sua mente, caindo no engano. Mas ainda não vemos face a face, a plenitude da verdade, com nossos pobres e miseráveis olhos frágeis e mortais, então se faz necessário um processo de

---

<sup>75</sup> Santos, 2002, p.5.

<sup>76</sup> Tu enim, Domine, diiudicas me, quia etsi nemo scit hominum, quae sunt hominis nisi spiritus hominis, qui in ipso est, tamen est aliquid hominis, quod nec ipse scit spiritus hominis, qui in ipso est, tu autem, Domine, scis eius omnia, qui fecisti eum. Cf. *Confissões X*, 5, 7.

<sup>77</sup> Não no sentido de solidão, apartado de tudo e de todos, como um imanentismo, não neste sentido; mas este estar sozinho consigo mesmo, na *solitude*, uma solidão voluntária, onde é possível o contato consigo mesmo, com nossos pensamentos e emoções. Um dos pensadores da atualidade que pode ser consultado neste sentido é o teólogo cristão e filósofo da religião Paul Tillich (1886 - 1865 d.C.).

<sup>78</sup> Trindade do Conhecimento de Si; Cf. *A Trindade X*.

<sup>79</sup> Cf. *Confissões XIII*, 11, 12.

purificação e reorientação da própria existência para alcançar a contemplação e poder vislumbrar a verdade (*veritas*) e beleza (*pulchritude*) divina e eterna.

Ao observar essa realidade, Agostinho se propõe, numa inversão para alcançar o conhecimento de si (da sua própria alma) e de Deus, esse método consiste num processo de entrada na sua própria interioridade. Em vista de tornar mais didático e claro no que está narrando, o pedagogo cristão, faz a metáfora da peregrinação<sup>80</sup> (*peregrinatio*), como viagem para chegar a um lugar desejado, percorrendo os desafios e obstáculos que podem desviar sua atenção no caminho, animando a esperança de perseverar em vista de alcançar o seu desejo.

Agostinho ao fazer uso da conjunção “enquanto”, “tanto tempo quanto” (*quandiu*), que significa esta temporalidade, esta duração de tempo, destaca a realidade que Paulo<sup>81</sup> apóstolo considera a vida humana na terra como uma peregrinação, uma vez que habitamos neste corpo qual uma tenda, porém, nossa mansão definitiva é junto com Deus. O ato de reconhecer a dinâmica e transitoriedade da vida, confronta com a inviolabilidade e eternidade de Deus. Em outras palavras, o homem no decorrer da sua existência terrestre está em uma peregrinação em direção à sua pátria.

Outro texto correlato, que pode auxiliar em nossa análise, é o da *Primeira Carta de Pedro*: “Amados, exorto-vos, como *estrangeiros e peregrinos* neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma”<sup>82</sup>. Comparando assim a vida cristã como uma vida no desterro, em um lugar estrangeiro e no mais íntimo do coração arde o desejo de voltar para a pátria, buscar a morada na cidade de Deus. Semelhante a parábola do filho pródigo, que vai para o estrangeiro com a herança paterna, gasta todos os seus bens, vê as intempéries da vida e se encontra em um lugar estrangeiro, trabalhando como servo, lembrando com pesar da casa paterna, seu verdadeiro lar<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> O termo “peregrinação” deriva do latim *peregrinatio*, formado pela junção dos termos *pero* (longínquo) + *ager* (campo, terra cultivada), significando uma longa viagem a uma terra estrangeira ou exílio (Cf. Peregrinação [verbetes], in JUBILEU 2025: Peregrinos da Esperança). A peregrinação é um processo, em que vai fazendo-se a caminhada passo a passo, analisando o itinerário, enfrentando os desafios da jornada, porém, sempre com confiança e esperança de, após percorrido o trajeto, chegar ao destino esperado.

<sup>81</sup> Cf. 2 Cor 5,6.

<sup>82</sup> 1Pd 2,11.

<sup>83</sup> “De fato, insisti em apoderar-me de boa parte da minha herança, e não quis confiar-vos minha força, mas afastei-me de Vós para uma região longínqua a fim de tudo dissipar em paixões luxuriosas”. Cf. *Confissões* IV, 16, 30.

“E caindo em si”<sup>84</sup> (*In se autem reversus*), momento de tomada de consciência de onde se está, o que aconteceu, como se chegou naquela situação. Um momento de discernimento e lucidez em escolher continuar naquela situação ou seguir por outro caminho, ou conforme a parábola retornar para o caminho de casa, junto do pai. Enquanto se vive a experiência terrena, acontece o conflito na alma entre os desejos da carne e a busca da vida feliz, fazendo-se mister abster-se da perversão da vontade com os vícios e pecados, que nos afastam da meta e do caminho em direção a Deus e buscar sempre se colocar a caminho e procurando as coisas do alto<sup>85</sup>, junto de Cristo, o verdadeiro mediador e Mestre interior da alma.

Agostinho, no início do livro X, manifesta o seu desejo de conhecer a Deus, uma vez que ele próprio já é conhecido por Deus, conhece-o pelo nome. Além do conhecimento de Deus, o pensador cristão pede a força da virtude para que purifique sua alma, tornando-a pura e repleta da graça. Finaliza o primeiro capítulo com a vontade de praticar a verdade, assim se aproximar da luz divina, ser ouvido por Deus e pelas pessoas no relato de suas confissões. “Confessarei, pois, o que sei de mim; e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, eu o conheço graças à tua luz, e o que não sei, ignorarei, até que minhas trevas se transformem na luz do meio-dia diante de tua face”<sup>86</sup>. A luz divina que ilumina a inteligência de Agostinho revelando a verdade e o conhecimento de si próprio, quanto mais próximo da luz, mais próximo do conhecimento da verdade, ao mesmo tempo dissipando-se a ignorância e o erro. Pois somente através da iluminação das mentes pela luz de Deus, é possível conhecer as verdades divinas e eternas, em tudo o que o homem deseja realizar necessita da ajuda e auxílio divino, caso contrário nada é possível realizar uma vez que a alma não é autossuficiente<sup>87</sup>. Como bem assinala Teske:

Desde os diálogos de Cassiciaco, a alma humana constituiu um dos principais focos de interesse de Agostinho. Em *Soliloquios* (1, 7), ele afirma querer conhecer só Deus e a alma e, em seus outros diálogos de juventude, escritos em Cassiciaco, e nos anos que seguiram imediatamente ao seu batismo, concentrou-se na felicidade da alma (*Sobre a vida feliz*), na sua capacidade de alcançar o conhecimento e a sabedoria (*Contra os acadêmicos*), na sua imortalidade (*Sobre a*

---

<sup>84</sup> Cf. Lc 15,17.

<sup>85</sup> Cl 3,1-2.

<sup>86</sup> *Confissões X*, 5, 7.

<sup>87</sup> Nash, 2018, p. 530.

*imortalidade da alma*), na sua grandeza (*Sobre a grandeza da alma*), na sua liberdade (*Sobre o livre-arbítrio*) e no seu culto a Deus (*Sobre a verdadeira religião*).<sup>88</sup>

Temos assim o início da peregrinação da alma a procura de Deus, que é amado sobre todas as coisas: “Deus, que nos chama para o caminho”<sup>89</sup>, Ele chama para retornar (*revocas*) ao caminho. Se chama a retornar ao caminho, traz no bojo o sentido que o homem tem uma noção do caminho no qual estava e acabou se desviando. Em seu diálogo com Deus, por meio da oração em *Solilóquios*, Agostinho reconhece que Deus é capaz de reordenar a rota da sua vida, por meio da sua docilidade (aceitar os ensinamentos de Deus), será possível chegar à Pátria definitiva, o Porto da Felicidade. Para isso, utiliza um bom método pedagógico para que, a cada etapa percorrida, possa se aprofundar no conhecimento da sabedoria: “Porque faz parte de um bom método pedagógico chegar à sabedoria com certa ordem, pois sem ordem quase não há confiabilidade na felicidade.”<sup>90</sup>

Por exemplo, em *Solilóquios* são em si uma “ascensão” consciente, no entanto, os diálogos de Cassiciaco discutem as questões, aos moldes de uma aula com debate de conhecimentos entre os discípulos e o mestre como mediador, tentam exemplificar a prática. *A grosso modo*, todas as obras escritas e publicadas por Agostinho anteriormente às *Confissões* apresentam três temas que perpassam cada uma delas: ascensão, exegese escritural ou polêmica antimaniqueísta<sup>91</sup>.

Este processo de se observar como indivíduo, este “eu” que fala de si próprio e observa-se a si mesmo, leva Agostinho a utilizar o conceito de “pessoa” atribuído por primeiro às Pessoas Divinas da Santíssima Trindade, declinando como imagem e semelhança no homem, conferindo-lhe o ser como “pessoa”, ou como ele mesmo se referia, “homem interior”. Acontece então a descoberta da pessoa como essência da condição humana, que leva Agostinho a observar a presença de uma série de tríades que espelham as três Pessoas da Trindade e sua estrutura uno-trina, como marca (*signo*, *sinal*) do criador. Por exemplo: ser, conhecer e amar; ou memória, inteligência e vontade. Portanto, “como pessoa, Agostinho torna-se protagonista de sua filosofia”<sup>92</sup>, buscando

---

<sup>88</sup> Teske, 2018, p. 99.

<sup>89</sup> “Deus qui nos revocas in viam.” *Solilóquios* 1, 3.

<sup>90</sup> *Solilóquios* 1, 23.

<sup>91</sup> O'Donnell, 1992, Prolegomena.

<sup>92</sup> Reale, 2003, p. 89-90.

por intermédio dos questionamentos e perguntas inquietantes, o entendimento e as respostas às grandes questões da própria existência (*magna quaestio*<sup>93</sup>).

O método escolhido por Agostinho se dá em duas etapas: do exterior para o interior, depois de baixo para cima. Como se dá esse processo no interior da própria alma? Através das questões (*quaestiones*): “Agostinho de Hipona é esse perguntador que vai ao ‘fundo das coisas’. Seja pela qualidade e intensidade de interrogações que encontramos em seus escritos, seja pela capacidade inesgotável de pôr-se em questão permanentemente”<sup>94</sup>.

Contaldo (2011, p. 11) destaca que diante do enigma que é a condição humana, em sua realidade fenomenológica, torna-se essa factualidade uma “carta náutica” para Agostinho: “Eu próprio me tornara para mim uma questão magna”<sup>95</sup>. Mas em que consiste uma carta náutica? Equivalente aos mapas terrestres, a carta náutica é a representação cartográfica de uma área onde se pode navegar, podendo apresentar correntes marítimas, relevos aquáticos, vegetação, ou seja, pontos para aportar. Agostinho faz uso desta alegoria da vida como uma viagem em alto mar, onde todos almejamos chegar ao porto da filosofia e desembarcar na pátria da vida feliz<sup>96</sup>. Por isso, ao lermos e problematizarmos as *Confissões*, buscamos pistas e sinais que nos auxiliem na navegação da nossa própria jornada humana, com seus desafios e tempestades, mares suaves e às vezes ondas turbulentas, porém, com a certeza de alcançar o porto da bem-aventurança, no repouso pacificador.

Como peregrinos que sobem a escada em direção ao templo da memória, onde Deus habita na interioridade em cada grau a alma ascende (*gradibus ascendens*) na direção do conhecimento de Deus e do seu fim que é a vida feliz: “Ultrapassarei então essas minhas energias naturais, subindo passo a passo até aquele que me criou.”<sup>97</sup>

Ao analisar esta escala, recordando o livro de *Gênesis*, onde o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, fica manifesto como dado revelado na Sagrada Escritura que “a grande dignidade da alma humana está em ser capaz de Deus”<sup>98</sup> [*capax Dei*], isto

---

<sup>93</sup> *Confissões* IV, 9, 4.

<sup>94</sup> Contaldo, 2011, p.11.

<sup>95</sup> “factus eram ipse mihi magna quaestio”. *Confissões* IV, 4, 9.

<sup>96</sup> *A vida feliz*, preâmbulo, p.117-123.

<sup>97</sup> “Transibo ergo et istam naturae meae, gradibus ascendens ad eum, qui fecit me”. *Confissões* X, 8, 12.

<sup>98</sup> A respeito do *homo capax Dei*, no livro XIV do *Sobre a Trindade*, diz Agostinho: “E ela [alma] é imagem de Deus, porque precisamente é **capaz de Deus** [grifo nosso], e pode ser partícipe dele. E não poderia alcançar tão grande bem, se não fosse ela a sua imagem”. Desse modo se evidencia três faculdades da alma,

é, capaz de possuir a Deus, a natureza mais alta, por quem foi criada e de quem é a imagem”<sup>99</sup>.

Agostinho depois de sentir o coração tocado pela palavra de Deus, afirma sem dúvida que começou a amá-lo, pergunta para si mesmo sobre o que ele ama quando está amando a Deus; a premissa do conhecimento de Deus como parte do amor, pois só se ama aquilo que se conhece: “Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor”<sup>100</sup>. O homem exterior ao conhecer as criaturas, contempla a sua beleza, através dos sentidos externos forma imagens na memória e o homem interior toma conhecimento dessas percepções. E por meio de uma interrogação às criaturas, essas dizem que não são Deus, mas que foram criadas pelo próprio Deus, as criaturas mostram os sinais e os vestígios do criador. É necessário transcender as criaturas e ir além dos sentidos externos para chegar ao conhecimento de Deus.

“Que amo então, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está acima de minha alma?”<sup>101</sup> O conhecimento de Deus está presente no interior do homem e quando olhamos para o universo, todo ente racional pode reconhecer quem é o autor, ou seja, Deus. “De início, está claro que para Santo Agostinho a ideia de Deus é um conhecimento universal naturalmente inseparável do espírito humano.”<sup>102</sup>

Por isso, para transcender e assim chegar a encontrar Deus, é necessário o processo de conversão, com continência testemunhando e vivendo a fé: “A alma humana, em seu estado presente, não pode alcançar o mais alto grau de conhecimento, não por causa da insuficiência da luz divina, mas porque o “olho do intelecto humano só se focaliza na luz suprema ao ser sustentado pela retidão da fé”<sup>103</sup>. Faz-se necessário acertar e corrigir a perspectiva para poder alcançar a sabedoria que está fundada na verdade: “Assim, a fé tem a função de corrigir e sustentar o intelecto, proporcionando-lhe a correta perspectiva que permite alcançar a sabedoria.”<sup>104</sup>

---

como imagem da Trindade: memória, inteligência e vontade. Ao se submeter a Deus, a alma desenvolve sua sabedoria, tornando-a apta a participar da luz suprema. Ela, porém, tem noção de não ter essa luz própria, imanente, que ilumina a si mesma por si, mas por refletir e deixar-se iluminar pela luz divina.

<sup>99</sup> *Sobre a Trindade* XIV, 6 e 11 *apud* TESKE, 2018, p. 103.

<sup>100</sup> 1 Jo 4,8.

<sup>101</sup> *Confissões* X, 7, 11.

<sup>102</sup> Gilson, 2010, p. 31.

<sup>103</sup> *Sobre a Trindade* 1, 4 *apud* Crouse, 2018, p. 265.

<sup>104</sup> Crouse, 2018, p. 265.

A natureza humana formada pelo corpo e pela alma, possui um terceiro elemento que Agostinho denomina “inteligência” ou “razão”, a cabeça ou o olho da alma, sendo um sentido interior, cabe-lhe a faculdade de julgar o que os sentidos exteriores percebem. Acima da razão está o próprio Deus, uma vez que é imutável e eterno<sup>105</sup>.

A peregrinação da alma percorrerá o itinerário do mundo para alma como interioridade e em seguida da alma para Deus; essa estratificação parte das criaturas, segue em direção à interioridade, percorrendo os amplos campos, o palácio da memória e transcendendo a própria memória, através da razão chega a Deus, realizando assim o objetivo de alcançar a vida feliz<sup>106</sup>. Partindo dos sentidos exteriores até o interior e do interior até o superior, transcendendo até a presença de Deus além da memória.

[...] ascendendo com o mais ardente afeto a ele próprio, percorremos gradativamente todas as coisas corpóreas e o próprio céu [...]. E ascendendo daí ainda mais ao interior, pensando, falando e admirando tuas obras, e chegamos às nossas mentes e as transcendemos, para atingir a região de abundância infinita (*Confissões IX, 10, 24*).

No ímpeto dessa ascensão, com o amor ardente para alcançar a sabedoria, chegando a tocá-la no silêncio, ouvindo a palavra do criador, encontrando a plenitude da paz. Eis, o itinerário da alma em busca da vida feliz, onde Deus está. “A contemplação, como uma espécie de viagem do indivíduo no interior de si mesmo, permite-lhe abrir-se ao mundo e, até mesmo, constitui uma virtude terapêutica”<sup>107</sup>. Por meio dessa alegoria da existência humana como viagem, no íntimo de si mesmo, contemplando a amplidão do microcosmos dentro de si, proporcionando o autoconhecimento e a tomada de consciência, o exercício da virtude por meio da razão iluminada e a vontade reordenada, acontece esse processo terapêutico, de cuidado de si próprio em vista de realizar a cada dia e no fim a plenitude da vida bem-aventurada, a vida feliz.

Procuremos entender melhor o que significa esta terapia da alma, em vista da vida feliz. A palavra grega *therapeía* (θεραπεία, do verbo θεραπεύω, cuidar de, servir) significa “cuidado”, “cuidados médicos”, “tratamento”<sup>108</sup>. *Therapia* é “guardar-se puro de toda paixão, irreflexão e humor para com aquilo que vem dos deuses e dos homens”,

---

<sup>105</sup> *Sobre o livre-arbítrio II, 6, 13-14.*

<sup>106</sup> *Sobre o livre-arbítrio II, 16, 41.*

<sup>107</sup> Cf. Japiassú, 2001, p.42

<sup>108</sup> Bailly, 1935, p. 927-928.

como diz em seus *Pensamentos* o imperador filósofo Marco Aurélio (121-180 d.C.). Um dos sentidos do termo terapeuta é de homem que sabe “orar” pela saúde daqueles que estão sofrendo<sup>109</sup>.

Fílon de Alexandria (20 a.C.-50 d.C.), define os terapeutas como “filósofos”, por serem pessoas, homens e mulheres que amam a sabedoria; eles não se limitam a somente especular, mas procuram se transformar. “O homem é o seu livro de estudo e ele deve folhear-lhe as páginas e descobrir o seu Autor”<sup>110</sup>. O terapeuta segue o método alegórico de Fílon, analisando e considerando a história além da realidade sensível, transpondo para o sentido espiritual hermenêutico, tendo sempre o cuidado de não relativizar os fatos como se apresentam.

Nesse sentido, podemos pensar que a função da filosofia, consiste em afastar as dúvidas filosóficas, tirando o homem das incertezas e erros, como expressou Wittgenstein (1999) ao afirmar a filosofia como “terapia”: “Não há *um* método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias”<sup>111</sup>. O filósofo iniciado no pensamento e por amor à sabedoria, pode acompanhar e cuidar como um terapeuta das pessoas que o procuram com a finalidade de livrarem a alma do seu estado, ou conhecerem o estado atual da alma e se exercitarem na virtude em vista de superar a paixão (*pathos, παθος*) desordenada ou o vício, fazendo assim uma “terapia filosófica”<sup>112</sup>, mediando a cura ou auxiliando no restabelecimento da saúde do indivíduo.

“A família dos terapeutas, cujo esforço constante é aprender a ver claro, deve apegar-se à contemplação do ser, elevar-se acima do sol sensível e nunca abandonar esta regra de vida que conduz à perfeita felicidade”<sup>113</sup>. Conforme descreve Fílon, a comunidade dos terapeutas passa por um processo de esclarecimento, para enxergar com mais clareza a realidade e esse processo de purificação da visão da razão, se dá por meio da contemplação do ser, a plenitude da unidade perfeita. Aponta o caminho para essa metodologia de maior clarividência, que é, superando a visão dos sentidos, elevar o olhar da própria alma e contemplar a luz divina, nunca esquecendo o principal objetivo que é a busca pela felicidade perfeita. Essa interpretação alegórica tem pontos em comum com o

---

<sup>109</sup> Leloup, 1999, p.25.

<sup>110</sup> Leloup, 1999, p.69.

<sup>111</sup> Wittgenstein, 1999, p. 52.

<sup>112</sup> Cf. Abbagnano, 2012, p.522.

<sup>113</sup> Loloup, 1999, §11, p.39.

pensamento de alguns padres da Patrística e de modo específico com nosso autor, Santo Agostinho.

Agostinho fora forçado a se reconciliar consigo mesmo. A redação das *Confissões* foi um ato de terapia. As muitas tentativas de explicar o livro em termos de uma única provocação externa, ou de uma única *idée fixe* filosófica, ignoram quanto de vida o perpassa. Nessa tentativa agostiniana de encontrar a si mesmo, cada fibra isolada de sua meia-idade cresceu junto com todas as demais, transformando as *Confissões* no que elas são (BROWN, 2017, p.202, *grifo nosso*).

A grande questão que perpassa as *Confissões* é a vida, num processo de tomada e examinada de consciência a partir da sua própria vida. É um realinhamento da própria vida em vista de conseguir alcançar a sabedoria. “O indivíduo precisa realmente de uma terapia para poder alcançar a meta da sua vida”<sup>114</sup> [grifo nosso]. Pois ao recordar da ética antiga, seria o remédio, diante do diagnóstico do homem estar doente de alma; necessita deste cuidado, oferecendo medidas curativas por meio de recomendações, aconselhamentos, olhar para dentro de si mesmo.

Esse ponto é importante, “as modificações de Agostinho no diagnóstico do homem, na explicação e na terapia de sua doença que contribuem decisivamente para um traslado da cura de almas ao terreno da religião”<sup>115</sup>, da contemplação e da oração que abre a alma para estar em diálogo com Deus. Então, a ética no conceito filosófico de arte de viver (*ars vivendi*), é desconsiderada e ganha novo significado no processo de consciência de si, correção dos erros e desvios da paixão, a busca da virtude para reorientar a vontade no caminho da verdade, com o auxílio da graça divina para chegar a plenitude da vida feliz.

A investigação filosófica, portanto, beirava a natureza concentrada de um ato de oração, e a busca da sabedoria era impregnada de uma ânsia de esclarecimento que ia buscar sua própria origem na consciência humana - no estabelecimento de uma relação direta com Deus. [...] A própria enunciação verbal dessa prece íntima era considerada uma terapia: era um ‘reviramento do coração, uma purgação do olhar interior’ (BROWN, 2017, p. 202-203).

---

<sup>114</sup> Brachtendorf, 2020, p.15.

<sup>115</sup> Idem.

Poderíamos pensar as *Confissões* como um projeto de terapia, ou mesmo, uma terapia cristã, que ressalta a importância da filosofia no processo de reconduzir o homem ao caminho da felicidade verdadeira; porém, ela por si só não é suficiente. Daí a necessidade da interação e translação para o ambiente religioso e místico para salvar o homem da danação, do pecado e dos vícios na sua existência. Por isso, a oração enquanto transporte da investigação especulativa, como método para que fossem lidas as *Confissões*, assim como também as orações em outras obras do Bispo Hiponense como, por exemplo, *Solilóquios* e *Sobre a Trindade*.

Não percamos de vista que um dos elementos importantes das *Confissões* consiste na oração de Agostinho, se confessando a Deus no desejo de conhecer o próprio Deus, por intermédio da contemplação filosófica<sup>116</sup>. Depois de um período sem se dedicar à escrita dessas confissões, Agostinho retoma novamente, buscando encaminhar a significação dessa continuação dos relatos de sua vida. Com efeito, escreve *Confissões* “com o espírito de um médico que se houvesse comprometido recentemente [...] com uma nova forma de tratamento”<sup>117</sup>. Essa nova forma de tratamento da sua própria vida, não será senão uma *anamnese* do seu processo de conversão, as recordações contidas na história da sua vida, seu afastamento de Deus e sua inquieta busca pela verdade e vida feliz, onde pudesse repousar e descansar seu coração.

Agostinho, no capítulo 3 do livro X, utiliza metaforicamente as noções de enfermidade, cura e medicina; e a confissão como tomada de consciência das próprias fraquezas e males do passado, confiando em Deus como “médico interior meu” (*medice meus intime*), para perdoar e esquecer seus pecados, a fim de torná-lo feliz em Deus, podendo permanecer em Deus (*ut beares me in te*)<sup>118</sup>. Uma *anamnese* e relato dos sintomas que está afligindo a alma e a deixando em estado de enfermidade e o único que a pode curar e sair desse estado moribundo é o próprio Deus que vem em auxílio com sua misericórdia e graça.

---

<sup>116</sup> O olhar interior, da própria mente, em vista de contemplar o próprio Deus que está no mais íntimo de mim mesmo.

<sup>117</sup> “Assim, nos primeiros nove livros, ilustrou o que acontecia quando esse tratamento não era ministrado, a maneira como viera a descobri-lo e, pulando uma década, demonstrou no Livro X a sua aplicação contínua no presente. Foi esse o tema da confissão que, aos olhos dos leitores, tornou a abordagem agostiniana de si mesmo diferente de qualquer autobiografia existente na época. Isso porque a insistência na abordagem pela ‘confissão’ havia acompanhado Agostinho até o momento presente de sua vida. O surpreendente Livro X das *Confissões* não é a afirmação de um homem curado: é o autorretrato de um convalescente” (BROWN, 2017, p. 213-214).

<sup>118</sup> *Confissões* X, 3, 4.

A saúde da alma sempre foi objeto da filosofia, entendendo saúde como bem-estar da pessoa na sua totalidade<sup>119</sup>. Uma pessoa integral, saudável na sua totalidade, reflete a harmonia interior e sua integração com a plenitude da verdade, pois procura no mais íntimo de si cultivar as virtudes que fortalecem o espírito, e direciona a sua vontade para praticar o bem, busca realizar o conveniente com propósito de alcançar a melhor conduta. Mas pelo contrário, quando a alma está enferma, reflete o quanto está em desarmonia dentro de si, entregue aos vícios e paixões, que consomem a si com todos os tormentos e ilusões que impedem de alcançar a plenitude de paz e quietude na interioridade. A perversão da vontade consiste no seu adoecimento, vendo a realidade em vertigem, ou como diria Paulo aos Coríntios, “agora vemos de forma confusa e em enigma”<sup>120</sup>. A realidade é tateada de modo incerto e pelas percepções parciais e incertas das aparências.

Quando a alma se volta para o exterior e se dispersa na multiplicidade, vai perdendo-se. Agostinho faz sua investigação olhando para si, diferentemente de Plotino para quem a alma é cósmica e sua queda é um pano de fundo da condição do homem.

Em Agostinho, essa “queda” é intensamente pessoal: ele a vê como um campo de forças no cerne de cada homem, uma fraqueza angustiante que o obriga a fugir de si mesmo, um “declínio”, uma “errância” que se mostra numa centena de incidentes precisos de sua vida pregressa. (BROWN, 2017, p. 205-206)

Diante dessa queda e da tomada de consciência do estado atual de sua alma, Agostinho tem condições de escolher direcionar sua vontade e começar interiormente sua busca por Deus. O caminho interior e de ascensão da alma passa pela confissão, o exame da consciência e desejo de mudança de estado de vida, louvando a Deus por sua misericórdia e apresentando através da palavra seus erros e pecados que o mantiveram retido longe do próprio Deus. A graça divina é o auxílio e o remédio, para corrigir os erros e tratar do adoecimento da vontade, fazendo assim voltar e redirecionar à vontade para a busca da verdade, cumprindo sua plena finalidade e ordenamento, alcançar a bem-aventurada plenitude da paz.

Em Agostinho o ponto de partida para a salvação é o pecado, que tem em si um movimento contrário no qual não conduz o homem para Deus. Ao reconhecer esse

---

<sup>119</sup> Cf. Cacciatote, 2012, p. 1026.

<sup>120</sup> Cf. 1 Cor 13, 12.

descaminho, há um movimento de conversão em vista da salvação e reorientação dos seus passos no caminho da salvação, pois seu ponto de chegada é a posse de Deus, estar presente face a face pela sua graça.

O caminho até Deus, preceito agostiniano: “volta-te para ti mesmo, transcende a ti mesmo”<sup>121</sup>. Por isso, este caminho interno da interioridade de si mesmo é semelhante a uma peregrinação no mais íntimo de si, uma via interna onde se procura chegar à vida feliz e poder contemplar e gozar da plenitude de Deus. Sobre o problema da interioridade da pessoa humana e o estado interior do espírito (*animus*) e as relações entre graça e livre-arbítrio, remetemos ao próximo capítulo da nossa leitura do livro X das *Confissões*.

Nestes primeiros escritos filosóficos, notamos que Agostinho vai aperfeiçoando e traçando o itinerário de como o homem deve proceder para chegar a Deus, saindo do exterior, indo para o interior e a partir da interioridade ascender superando e ultrapassando a própria alma. Vejamos brevemente, em *Solilóquios*<sup>122</sup>, o que a razão diz para o próprio pensador cristão sobre como avançamos para Deus curando-nos e contemplando a luz.

São necessárias três coisas para que a alma fique sã e possa ver a Deus:

**a) Purificação:** a mente precisa estar isenta de qualquer mancha do corpo, apartada dos vícios e obedecer ao rigor das prescrições médicas<sup>123</sup>, com fé de que seguindo corretamente o processo terapêutico, estará saudável para contemplar a Deus;

**b) Esperança:** além da necessidade da fé para compreender, é fundamental a esperança na certeza de que alcançará a saúde, poderá rejeitar as trevas dos vícios e erros, buscar constantemente a virtude, que é a razão correta e perfeita<sup>124</sup>, desejando a cada dia estar mais próxima da luz divina;

**c) Amor (*caritas*):** nada mais é tão necessário e fundamental do que o amor, pois ele eleva o homem a transcender e amar ainda a mais a Deus, sua beleza singular e verdadeira, permanecer no seu amor, contemplando sua plenitude e resplendor<sup>125</sup>.

Na ética antiga, o indivíduo era diagnosticado como doente de alma e seu tratamento com base na filosofia helenista e neoplatônica, apresentavam algumas linhas

---

<sup>121</sup> Trapè, 2024, p. 360

<sup>122</sup> *Solilóquios* I, 6, 12 - 8, 15.

<sup>123</sup> *Solilóquios* I, 6,12.

<sup>124</sup> Cf. *Solilóquios* I, 6,12-13.

<sup>125</sup> *Solilóquios* I, 6,12-14.

normativas para que a pessoa pudesse recuperar a saúde e sua harmonia integral. Em seguida esse cuidado das almas passou para a religião e, por fim, sabemos que a ética moderna migrou o tema para novos campos como a psicologia, psicoterapia e pedagogia. “As modificações de Agostinho no diagnóstico do homem, na explicação e terapia de sua doença, contribuem decisivamente para o traslado da cura de almas ao terreno da religião e, com isso, para a demolição do conceito da ética filosófica como arte de viver”<sup>126</sup>.

E notamos esse traslado principalmente nas *Confissões*, naquilo que pode ser um dos temas que perpassa toda obra, e pode ser considerado um dos temas de unificação dos treze livros que a compõem, que é o tema da felicidade do homem, ou como diz Agostinho, a vida feliz (*beata vita*). O tema clássico da filosofia sobre a busca da felicidade, e os diversos questionamentos sobre esse estado da condição humana, deixando o inquieto, apreensivo, e em estado de alerta: pois todos querem a vida feliz, e gozar sem fim da plenitude da felicidade.

*Confissões* continua sendo um livro atual, de grande importância e relevância, com temas que envolvem a vida do homem e o fazem refletir sobre o agora da sua própria história pessoal. Ao mesmo tempo em que lemos os relatos a partir da perspectiva da vivência de Agostinho, também é possível analisar os percalços e desafios que tangem a condição humana, suas escolhas, suas memórias, seus afetos, seus medos e seus sonhos e desejos. Ao falar de si no agora, no momento presente, ocorre esta transposição do espaço físico e tempo cronológico, para um espaço interior e no tempo psicológico e metafísico, distendendo a pessoa que vive sua existencialidade na realidade concreta e corporal, porém com sua alma e intelecto conectados com Deus, tendo a percepção e noção da eternidade, da felicidade, do imutável, o próprio transcendente.

Ao olhar para o homem e sua realidade existencial, suas alegrias e tristezas, prazeres e sofrimentos, concupiscências e vida santificada, vícios e virtudes, destacamos em nossa pesquisa este viés moral e metafísico, antropológico e teológico, pois ao lermos as *Confissões*, especificamente o livro X, temos contato com a história narrada por um homem, e o modo como percebeu seu processo de mudança, com uma perspectiva cristã na Antiguidade tardia (século IV - V). Inserindo a pessoa de Agostinho no seu contexto vital (*Sitz im Leben*), seu relacionamento consigo mesmo enquanto intimidade e interioridade, seu relacionamento com seus familiares e amigos mais próximos, momentos marcantes de cada fase da sua vida, e o modo como deu ênfase a alguns

---

<sup>126</sup> Brachtendorf, 2020, p.15.

aspectos, e outros simplesmente citou, ou seja, as *Confissões* são um eco da sua própria vida vivida a cada momento com intensidade e inquietude, em cada circunstância que lhe acontecia. Por isso, a complexidade e dificuldade de simplesmente classificar e reter em uma única análise algo tão profundo e com temas tão abrangentes, que perpassam cada página desta obra singular.

Agostinho é o homem do coração ferido, inquieto, e através dos mais variados questionamentos procurar entender o que está acontecendo e quem ele é. As perguntas fundamentais da filosofia repercutem no coração agostiniano, e anseiam por uma resposta que traga paz e tranquilidade. Um dos símbolos utilizados desde o século XV para expressar todo legado de Agostinho, sua vida e espiritualidade, seus tratados filosóficos e teológicos, é a imagem do coração trespassado por uma flecha e em chamas: o coração simbolizando o primado do amor e da caridade, a flecha das Escrituras Sagradas, às quais dedicou toda sua vida aos estudos e escrita, e as chamas sinalizando o fogo inquieto que ardia o seu coração, em busca de alcançar Deus, e poder fruir da vida feliz. “O símbolo baseia-se em duas passagens das *Confissões*: “tu, com a tua caridade, tinhas asseado o nosso coração” (Conf. IX, 2, 3: *sagittaveras tu cor nostrum caritate tua.*) e “feriste o meu coração com a tua palavra, e eu amei-te” (Conf. X, 6, 8: *percussisti cor meum verbo tuo, et amavi te*)<sup>127</sup>. Portanto, ao ler as *Confissões* é necessário observar alguém que escreve com o coração, não faz uma mera cronologia dos acontecimentos que se sucederam. Ele relata aquilo que seu coração vivenciou, sua memória reteve, seu pensamento significou e simbolizou em sua mente, somado ao conhecimento com sabedoria.

“E como a ‘caridade tudo crê’ (cf. 1 Cor 13,7) ao menos entre aqueles que ela unifica unindo-os a si mesma, também eu, Senhor, te faço esta confissão para que os homens a ouçam.”<sup>128</sup> Agostinho deseja que as pessoas que lerem ou ouvirem falar de suas confissões escutem com amor, não com julgamentos ou condenações, mas como alguém que percorre um caminho em vista de alcançar sua meta, mesmo que no itinerário aconteça alguns acidentes ou desvios que o tenha distraído; porém, a graça divina veio em seu socorro, reajustando a rota e reorganizando sua vontade, para que chegue ao verdadeiro porto da vida feliz. Tudo o que Agostinho faz é por amor ao Senhor e aos irmãos, nesse tom de esperança para aqueles que se sentem fracos e incapazes, para que

---

<sup>127</sup> Cardoso, 2017, p.163.

<sup>128</sup> Sed quia caritas omnia credit, inter eos utique, quos connexos sibimet unum facit, ego quoque, Domine, etiam sic tibi confiteor, ut audiant homines. *Confissões* X, 3, 3.

tomem consciência das próprias fraquezas e despertem o amor adormecido pela misericórdia divina e pela doçura da graça. Por isso, é imprescindível ao ler ou ouvir as *Confissões*, ter um coração e ouvidos abertos pela caridade: “Não posso provar a sinceridade da minha confissão, mas acreditarão em mim aqueles cujos ouvidos se me abrem pela caridade.”<sup>129</sup>

Outro ponto que não se pode deixar de levar em conta na leitura é a característica da fé, o conhecimento necessita da fé, pois “caminhamos pela fé e não pela visão”, vivência de itinerância e caminho. A fé está para a visão clara, assim como o imperfeito para o perfeito; faz-se mister a purificação da visão a partir da fé, para se chegar à visão clara e beatífica; o reconhecimento da imperfeição e deformidade, para buscar o aperfeiçoamento e alcançar a perfeição.

Neste processo de aperfeiçoamento e desenvolvimento, o homem não está isento das enfermidades e moléstias que atacam sua saúde e atividade vital; por isso, Agostinho observa por meio da sua enfermidade e a partir do conhecimento dos filósofos terapeutas da antiguidade, poder-se dizer como um projeto de terapia, em vista de auxiliar as pessoas a se apartar dos vícios e doenças que comprometem a saúde da alma e a buscarem se exercitarem nas virtudes para que fortaleçam seus espíritos e alcancem uma vida integralmente saudável e feliz. Agostinho será o terapeuta pois Deus é o próprio médico das almas: “Tu és o médico, eu sou o enfermo. Tu és misericordioso e eu sou miserável”<sup>130</sup>. E ao reconhecer Deus como médico interior meu (*medice meus intime*), Agostinho deseja ser por primeiro curado, para assim, poder acompanhar melhor e orientar o tratamento terapêutico para mediar a cura das outras pessoas; pois sem o verdadeiro mediador Jesus Cristo e a misericórdia divina, eu estaria sem esperança, *maior, porém, é o teu remédio! (sed amplior est medicina tua)*. Lembrando que esta é uma metáfora utilizada por Agostinho e que no seu tempo, era utilizada por outros Padres como Orígenes e Ambrósio de Milão.

Ao reconhecer a condição miserável desde a juventude, em que implorava ao Senhor pela castidade, mas tinha medo de que fosse atendido em sua oração e fosse curado do mal da concupiscência, querendo satisfazer seus desejos carnis: “Dá-me a

---

<sup>129</sup> Quibus demonstrare non possum, an vera confitear; sed credunt mihi, quorum mihi aures caritas aperit. *Confissões* X, 3, 3.

<sup>130</sup> *Confissões* X, 28, 39: “Ecce vulnera mea non abscondo: medicus es, aeger sum; misericors es, miser sum”.

castidade e a continência, mas que não seja para já.”<sup>131</sup> Agostinho percebe interiormente o combate entre duas vontades, uma antiga e carnal, outra nova e espiritual; tenta, porém, alcançar a liberdade da sua alma quebrando os grilhões que o prendem e o impedem de ir a Deus, sua única felicidade: “Da vontade pervertida se produz a luxúria; e servindo à luxúria, produz-se o hábito; e não resistindo ao hábito, produz-se a necessidade.”<sup>132</sup>

Mas a conversão da vontade só pode ocorrer com o auxílio de Deus. “A renúncia à sede de glória e à luxúria só é possível para aquele que se entrega confiadamente em Deus.”<sup>133</sup> A necessidade de pedir a ajuda de Deus e nele confiar, revela a dicotomia soberba-humildade, em que não basta usar somente as próprias forças para se libertar dos vícios, mas é fundamental a humildade diante do criador, pois Deus nunca abandona e deixa desamparado a quem clama por socorro: “Vem livrar-me, ó Deus! Senhor, vem depressa em meu socorro!”<sup>134</sup>.

Depois de derramar suas lágrimas de contrição e arrependimento, Agostinho escuta o auxílio do Senhor por meio da cantiga das crianças, “Toma e lê, toma e lê”, e após ler na *Carta aos Romanos* (13,13-14): “[...] adquire firmeza numa nova conduta de vida, [...] resolve agora seguir uma vida de humildade e continência”<sup>135</sup>. O conhecimento acerca de Deus, a certeza pela fé de que foi o próprio Senhor que o chamou a mudar de vida, ensinou a Agostinho sobre a importância da graça e principalmente sobre a mediação realizada por Jesus Cristo iluminando sua memória e conduzindo sua vontade até à vida feliz.

Reconhecendo a própria debilidade e misérias da condição humana, Agostinho sabe que há tentações que ele é capaz de resistir, tem consciência de que existem tentações que ele não pode resistir. Ao nomear o que pode resistir e o que seria queda nas tentações, isso corresponde a um processo de autoconhecimento, um movimento de entrar na própria interioridade e reconhecer as próprias forças e virtudes, mas também a inteligência, iluminada pela graça, de fugir dos perigos da tentação e desvio da vontade.

Assim, o filósofo cristão atualiza e redefine o seu propósito nesta nova “fase” de suas *Confissões*: “Confessarei, portanto o quanto sei sobre mim mesmo, o quanto eu não

---

<sup>131</sup> “Da mihi castitatem et continentiam, sed noli modo.” *Confissões* VIII, 7, 17.

<sup>132</sup> *Confissões* VIII, 5, 10.

<sup>133</sup> Brachtendorf, 2020, p. 194.

<sup>134</sup> Sl 70 (69), 2: grito de angústia.

<sup>135</sup> Brachtendorf, 2020, p. 195.

sei sobre mim mesmo, porque o quanto eu sei sobre mim mesmo, eu sei através da sua iluminação, o quanto eu não sei sobre mim mesmo, eu não sei até que minha escuridão mude como meio-dia em seu rosto”<sup>136</sup>. A iluminação da mente humana por meio da Luz da Verdade Divina, permite a captura e retenção das ideias, gerando o ato do conhecimento, onde são pensadas, entendidas e guardadas na memória<sup>137</sup>.

Nos últimos capítulos do livro VIII de *Confissões*, Agostinho expressa toda a sua angústia, inquietação e preocupação na tomada de decisão no início do seu processo de conversão. Sentia-se ainda preso ao passado e no seu diálogo com Deus grita desesperadamente: “Por quanto tempo, por quanto tempo [darei ainda]: amanhã e amanhã? Por que não agora mesmo? Por que não, nesta hora, o fim da minha indignidade?”<sup>138</sup>

*Quare non hac hora*, o momento presente, o agora da salvação: “Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação”<sup>139</sup>. Ou melhor, “já é hora de acordar. Agora, está mais perto a nossa salvação, que quando abraçamos a fé.”<sup>140</sup> É agora o tempo concedido para a conversão e Agostinho inicia a sua peregrinação espiritual em busca de encontrar a vida feliz, transcender os degraus, entrando no palácio da memória e assim conhecer e encontrar Deus. É o momento da reconciliação entre a criatura e o criador, entre Agostinho e Deus, entre o enfermo e o médico; não é momento de deixar para “amanhã e amanhã” (*cras et cras*), postergando a graça batismo e profissão da verdadeira religião.

Nesta hora (*hac hora*), o momento presente da alma de Agostinho, entre lágrimas e angústias ouve a voz de crianças cantando e repetindo com frequência: “Toma e lê, toma e lê!”<sup>141</sup> Pondo atenção na cantarola das crianças e vendo que não conhecia tal jogo ou se recordava destas palavras da canção, Agostinho interpreta esse momento como um apelo do Senhor impelindo-o a pegar o códice dos Apóstolos e ler o primeiro capítulo que seus olhos mirrassem. O trecho lido foi da *Carta aos Romanos*: “Não em orgias e

---

<sup>136</sup> Confitear ergo quid de me sciam, confitear et quid de me nesciam, quoniam et quod de me scio, te mihi lucente scio, et quod de me nescio, tamdiu nescio, donec fiant tenebrae meae sicut meridies in vultu tuo. *Confissões* X, 5, 7.

<sup>137</sup> Reale, 2003, p. 90-91.

<sup>138</sup> “Quamdiu, quamdiu: ‘cras et cras’? Quare non modo? Quare non hac hora finis turpitudinis meae?” *Confissões* VIII, 12, 28.

<sup>139</sup> 2Cor 6,2.

<sup>140</sup> Rm 13,11.

<sup>141</sup> “Tolle lege, tolle lege.” *Confissões* VIII, 12, 29.

bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne.”<sup>142</sup> O cristão é filho da luz e não das trevas.

As lágrimas (*flenda, fletur*) são as águas que vão purificar a sua alma (*animae*), lavando dos pecados, da mesma forma que as águas do batismo, transformando Agostinho em uma nova criatura, revestida de Jesus Cristo. Por isso, coloca toda a sua confiança em Deus, para que aceite o seu reconhecimento como pecador, que deseja ardentemente reatar sua união e amizade com Deus, o criador de todas as coisas.

Depois dessa recordação do momento decisivo na conversão de Agostinho, o seu agora da salvação, é possível encontrar no livro X de *Confissões* o estado da alma de Agostinho, em que não mais reflete sobre o passado, mas sobre o presente, explicando o sentido de suas *Confissões*: “Este poderá ser o fruto de minhas confissões, em relação, não àquilo que eu era, mas ao que sou agora”<sup>143</sup>. A consciência do momento presente, na percepção do tempo, sentir o agora, faz com que as decisões e vivências por meio da liberdade e no ato da vontade faça com que a pessoa permaneça no curso em direção a vida feliz.

Neste agora da conversão à vida cristã, faz-se necessário analisar o ato da vontade pelo qual a sua alma busca se aproximar a cada degrau da escalada rumo a vida feliz, o encontro e conhecimento de Deus presente na sua memória, na interioridade e assim alcançar o desejado repouso no Senhor, o entrar no Paraíso celeste.

Retomando o livro VIII, nota-se o relato de como finalmente Agostinho efetua a conversão da sua vontade, depois de aprender a trilhar a via da humildade, aprendendo através da encarnação de Jesus Cristo, modelo de verdadeira humildade e serviço. Por meio da reorientação da vontade, o filósofo e teólogo cristão vai superando o desejo de glória e o afastamento da concupiscência que o faziam desviar o olhar apenas para as criaturas e esquecer dos vestígios do criador em toda criação<sup>144</sup>.

“E tu, Senhor, enquanto ele [Ponticiano] falava, me fazias refletir sobre mim mesmo, tirando-me da posição de costas, em que eu me havia colocado para não me

---

<sup>142</sup> “Non in comessionibus et ebrietatibus, non in cubilibus et impudicitiiis, non in contentione et aemulatione, sed induite Dominum Iesum Christum et carnis providentiam ne feceritis in concupiscentiis.” Rm 13,13-14.

<sup>143</sup> *Confissões* X, 4, 6.

<sup>144</sup> Brachtendorf, 2020, p. 191.

enxergar a mim mesmo e me colocavas diante de minha própria face [...].”<sup>145</sup> Agostinho está atento às palavras de Ponticiano e a narrativa de conversão dos dois amigos ao ler a vida de Santo Antão, começa a refletir como estava se enxergando; e fazendo uma analogia da pessoa que olha para o espelho, nota que está de costas, para não ver a si mesmo, ou seja, não quer encarar a si; porém neste momento, o Senhor faz com que Agostinho se vire, tira-o da posição de costas e o coloca frente a si para que veja a própria face. “É certo que ‘agora vemos em espelho e de maneira confusa e ainda não vemos face a face’. Por isso, enquanto peregrino longe de ti, estou mais presente a mim que a ti”<sup>146</sup>.

Quando Agostinho se permite virar-se para si, ao se olhar fica totalmente horrorizado diante da sua deformidade, a beleza da imagem e semelhança com Deus corrompida pela vida carnal, afastado para as trevas do erro e dos vícios, marcado na carne e manchado pela concupiscência: “[...] e me colocavas diante de minha própria face, para que eu visse quanto era indigno, disforme e sórdido, coberto de manchas e de chagas. Eu via, me horrorizava e não tinha como fugir de mim mesmo”<sup>147</sup>.

O exemplo que testemunham esses homens de fé, são luzeiros de esperança no mar tempestuoso da história da vida. “Confesso-te, todavia, que o apego a uma mulher e a atração pelas honras impediam-me de voar, com prontidão, até o seio da filosofia [porto da vida feliz].”<sup>148</sup> O exemplo de humildade do orador Mário Vitorino em abrir mão da sua glória e dinheiro para viver e professar publicamente a fé cristã; e o desejo sexual personificado no exemplo dos dois amigos que junto de suas respectivas noivas deixaram a realização sexual e buscaram a castidade, após lerem a vida de Santo Antão e toda a sua luta contra as concupiscências e permanecer fiel a vida cristã.

Agostinho fica encantado com os dois amigos que tomam a decisão de entregarem a vida para o Senhor, através da castidade e da continência; e, no entanto, detestava e reprovava a si próprio: “E mesmo agora não me decidia a desprezar a felicidade puramente terrena e empenhar-me a procurar aquela da qual, não só a posse, mas a própria busca, era de preferir-se a todos os tesouros, [...] e aos prazeres do corpo.”<sup>149</sup> Fazia doze anos que havia lido e se encantado com o *Hortêncio* de Cícero, quando então

---

<sup>145</sup> *Confissões* VIII, 7, 16.

<sup>146</sup> *Confissões* X, 5, 7.

<sup>147</sup> *Confissões* VIII, 7, 16.

<sup>148</sup> *A Vida Feliz* I, 4.

<sup>149</sup> *Confissões* VIII, 7, 17.

desejava uma vida dedicada à busca da sabedoria e renúncia de toda felicidade e prazeres desta vida.

Chegamos assim, as próximas etapas que constituem esta dissertação, a necessidade de entrar na própria interioridade e iniciar um processo de purificação, do externo para o interno e depois de baixo para cima, percorrendo o palácio da memória em busca de Deus. Na sequência desta pesquisa acadêmica, como a continência enquanto busca constante e inquieta para se manter na via da verdade, juntamente com a temperança e a graça, auxiliam no processo de discernimento e reflexão das concupiscências que podem desviar e corromper a vontade, afastando a pessoa novamente do seu objetivo primeiro, retornar para Deus, sua pátria e porto da felicidade.

## CAPÍTULO SEGUNDO

**A busca de Deus na interioridade (*Confissões* X, 6,8 - 27,38)**

Nesta segunda parte, consideraremos os principais tópicos da nossa pesquisa, aqueles compreendidos entre os parágrafos 6 a 27 do livro X das *Confissões*, onde Santo Agostinho resgata o sentido de suas revelações, ao mesmo tempo em que analisa sua memória, as imagens contidas nela e o modo gradual e ascendente, pelo qual encontramos a presença divina no seu mais íntimo. No Livro X das *Confissões*, encontramos um itinerário existencial em que Agostinho transpõe sua alma entrando na sua própria interioridade. Podemos dizer que é um “tratado” da memória que o filósofo cristão elabora para auxiliar no entendimento e reflexão de como se dá o processo de captura e armazenamento das imagens na memória, as recordações de noções e conceitos que vão além dos aprendidos por alguém, como acontece o ato de pensar (*cogito*).

Não percamos de vista que *Confissões* apresenta Agostinho em “ato de fala”<sup>150</sup> a Deus sobre a própria vida, os acontecimentos alegres ou tristes do passado, o seu momento presente e motivações, o que almeja para o futuro, tudo aquilo que pensa e deseja verbalizar, coloca diante de Deus. Nesse exame da consciência e aproximação da luz da verdade, tem vontade de conhecer a Deus. Depois de um período sem se dedicar à escrita dessas confissões, Agostinho a retoma, buscando encaminhar a significação dessa continuação dos relatos de sua vida. Com efeito, escreveu *Confissões* “com o espírito de um médico que se houvesse comprometido recentemente [...] com uma nova forma de tratamento”<sup>151</sup>. Essa nova forma de tratamento da sua própria vida, não será senão uma *anamnese* do seu processo de conversão, as recordações contidas na história da sua vida,

---

<sup>150</sup> É uma teoria inicialmente desenvolvida por filósofo da linguagem John Langshaw Austin, e depois continuada por John Searle, que diz respeito a intencionalidade sobre o que o locutor está dizendo, e qual o efeito vai causar no interlocutor, a partir das informações emitidas no ato de falar. Do ponto de vista filosófico, é uma ferramenta de análise do contexto histórico no qual foi “falado” e o que o pensamento do filósofo causou naqueles que tiveram acesso as suas “palavras”.

<sup>151</sup> “Assim, nos primeiros nove livros, ilustrou o que acontecia quando esse tratamento não era ministrado, a maneira como viera a descobri-lo e, pulando uma década, demonstrou no Livro X a sua aplicação contínua no presente. Foi esse o tema da confissão que, aos olhos dos leitores, tornou a abordagem agostiniana de si mesmo diferente de qualquer autobiografia existente na época. Isso porque a insistência na abordagem pela ‘confissão’ havia acompanhado Agostinho até o momento presente de sua vida. O surpreendente Livro X das *Confissões* não é a afirmação de um homem curado: é o autorretrato de um convalescente.” (BROWN, 2017, p. 213-214).

seu afastamento de Deus e sua inquieta busca pela verdade e vida feliz, onde pudesse repousar e descansar seu coração.

Se encontramos nas Confissões, do Livro I ao IX um Agostinho que retrata fatos marcantes da sua vida, elencados e selecionados por sua vontade ao examinar as imagens e situações retidas em sua memória, como um homem enfermo e convalescente, que voltou as costas ao médico da sua alma, ignorou o tratamento terapêutico da sua alma, em contraponto no Livro X encontramos um Agostinho amadurecido, uma vez que se passaram por volta de dez anos desde sua conversão à Igreja Católica e a sua filosofia e ética de vida, ele se autopercebe não como um homem curado e totalmente são, mas alguém que ainda está procurando respostas as suas inquietações, pois o seu futuro sonhado de modo idealizado estava perdido<sup>152</sup>.

Pode-se dizer então que Agostinho é um desses pensadores que se distingue pela construção de um canteiro de obras. Por exemplo, logo no início de *Confissões*, sucessivas interrogações encadeiam o tema da interioridade, numa espécie de mosaico de perguntas cujas respostas demandam aprofundamento e volta a si mesmo: “E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é para dentro de mim mesmo que o invoco quando o invoco? E que lugar há em mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, para onde, dentro de mim, possa vir o Deus que fez o céu e a terra?” (*Conf.* I, 2, 2). Aliás, será esse o tom filosófico que perpassa todo o texto de *Confissões*. De uma pergunta nasce outra e outra e assim sucessivamente, constituindo-se em alicerce para sua composição literária e aventura da inteligência. Sua empreitada filosófica conjuga o perguntar e o responder *ad infinitum* e convida à reflexão acerca do homem e de suas inquietações existenciais. O centro de sua especulação filosófica está indissociavelmente ligado à sua própria vida interior e aí deve ser buscado. Trata-se de um caminho de radical interiorização da pesquisa filosófica. (CONTALDO, 2011, p. 12).

O processo de entrar em contato consigo mesmo, na própria interioridade, se dá por meio das perguntas e questionamentos profundos que Agostinho dirige a si mesmo, em busca de encontrar respostas no mais íntimo de si que satisfaçam e tranquilizem seu coração inquieto. As questões são manifestação do mundo interior de Agostinho, trazem no seu bojo o ensinamento socrático aprendido em Delphos do “conhece-te a si mesmo”, um valor perene que no desenrolar da história humana, arde no coração humano em vista de alcançar uma percepção mais clara da vida humana, da própria interioridade e, também, como percebemos a distensão da alma, no tempo e na realidade (*nunc*) que nos

---

<sup>152</sup> Cf. Capítulo X : O futuro perdido, do Livro Agostinho uma biografia escrita por Peter Brown.

circunda e nos afeta. Por isso, o conhecimento filosófico nasce a partir dos questionamentos, “sempre partir de perguntas, de interrogações, de inquietudes”<sup>153</sup>.

O ato de fazer perguntas a si mesmo gera um desconforto e uma inquietação, que provoca um sair em busca de respostas e soluções, vemos que o próprio livro X traz o testemunho da atividade da alma de Agostinho, realizando uma transição entre os primeiros nove livros e os três últimos. O livro X é, por assim dizer, um “microcosmo” de toda a obra, uma vez que narra a ascensão da sua alma para Deus<sup>154</sup>. Nesse movimento duplo de interiorização e ascensão, partindo das criaturas até o criador, Agostinho perfaz um processo de reflexão sobre a sua própria vida e, nesse “microcosmo”, percebe que a distensão de sua alma (*distentio animae*) no tempo, sua vida, encontra-se num movimento de traslado, em que a luz divina, assim como o sol, vai iluminando cada momento da sua história. E assim como o ano formado por meses e dias, pelas estações e estágios da vida, vai percorrendo nesta rotação diária pelo cosmos, em vista de retornar a um ponto demarcado como princípio ou começo, numa translação em torno do sol.

Como dissemos anteriormente, o livro X é um livro que se situa no estado presente da alma do autor e se torna o eixo de ligação entre os nove livros precedentes e os últimos três livros, nos quais Agostinho reflete sobre o tempo, a criação e a paz. Desse modo, é possível encontrar na obra a seguinte divisão: a lembrança do passado (livros I-IX), a presença da atividade da sua alma (livro X), e a expectativa do futuro (livros XI-XIII).

Passados aproximadamente dez anos, Agostinho retoma, portanto, a escrita de *Confissões*; originariamente descreve fatos que são encontrados nos livros I a IX, relatando desde sua infância até o momento do falecimento de sua mãe, Mônica, em 387, quando acaba permanecendo num período de luto. Brachtendorf (2020) assinala que “Agostinho quer comunicar ao leitor como é sua situação na época da redação das *Confissões*, ou seja, dez anos após a conversão, para que este compartilhe com ele a felicidade devida à graça e reze por ele por causa das suas fraquezas restantes”<sup>155</sup>.

Em vista de melhor compreender o pensamento agostiniano e fazer uma leitura que auxilia uma melhor compreensão do livro X, faz-se necessário analisar as diferentes

---

<sup>153</sup> Contaldo, 2011, p.24.

<sup>154</sup> Van Fleteren, 2018, p. 263.

<sup>155</sup> Brachtendorf, 2020, p. 250.

camadas<sup>156</sup> de sua experiência passada, em que Agostinho no momento presente retoma a sua autobiografia. No processo de autoconhecimento é necessário passar pelo processo de transpor as camadas. Semelhantes a uma cebola, vamos passando da realidade exterior para uma camada mais interna, assim sucessivamente, até chegar ao núcleo, centro mais íntimo de si mesmo. Nesta região mais interior do homem, onde sua consciência habita, é o ponto de ligação com o sagrado, onde pode se encontrar com o próprio Deus, transcendendo e elevando a própria alma, pois Deus “[Tu] estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais interior. E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado”<sup>157</sup>.

Agostinho no livro X realiza a princípio uma gradação, saindo do mundo exterior, com tudo o que existe, como as camadas de uma cebola, percorre cada uma das camadas até chegar ao homem exterior, que por sua vez, constata que a alma é superior ao corpo, por isso reconhece a sua interioridade, o homem interior. O filósofo cristão tem consciência que todo o conhecimento que ele adquiriu durante seu processo de conhecimento e estudo foi em parte graças ao homem exterior, que por meio dos órgãos dos sentidos tornaram impressos em sua memória as imagens sobre as coisas ao seu redor. “O homem interior conheceu tais fatos graças ao homem exterior. Eu os conheci, eu, o espírito, graças aos sentidos do corpo”<sup>158</sup>.

Assim, a pessoa interior tem uma estrutura que se assemelha à exterior, portanto, a pessoa exterior é um sinal da coisa da interioridade; Da mesma forma, a natureza criada é um sinal da realidade da divindade. Além disso, embora a tentativa de perceber Deus com os sentidos do corpo esteja fadada ao fracasso, há, no entanto, uma maneira pela qual Deus é compatível com os sentidos da pessoa interior, na qual ele não está apenas no alto e distante, mas pode ser encontrado de forma mais confiável dentro de si<sup>159</sup>. (O'DONNELL, 1992, tradução nossa).

---

<sup>156</sup> O texto em si impõe uma disciplina ao comentarista, chamando a atenção de volta para o assunto em questão, que é principalmente a exegese das camadas mais importantes de significado discernível no texto. [The text itself enforces a discipline on the commentator, drawing attention back to the business at hand, which is mainly the exegesis of the most important layers of discernible meaning in the text]. O'Donnell, 1992, Prolegomena, tradução nossa.

<sup>157</sup> *Confissões*, III, 6, 11: “*interior intimo meo*”.

<sup>158</sup> *Confissões* X, 6, 9.

<sup>159</sup> Thus the inner person has a structure that resembles the outer, hence, the outer person is a *signum* of the *res* of interiority; similarly, created nature is a *signum* of the *res* of divinity. Further, though the attempt to perceive God with the senses of the body is doomed to failure, there is nevertheless a way in which God is

Agostinho utiliza metaforicamente as noções de enfermidade, uma vez que todo homem passa pela experiência da dor, da doença, da cura e dos cuidados da medicina. E ao relatar suas confissões, passa pelo processo de tomada de consciência das próprias fraquezas e males do passado, confiando em Deus como “médico interior meu” (*medice meus intime*), para perdoar e esquecer seus pecados, curar suas enfermidades, enxugar suas lágrimas e assim chegar à felicidade em e com Deus, podendo permanecer em Deus (*ut beares me in te*)<sup>160</sup>.

Agostinho escreveu as *Confissões* com o espírito de um médico que se houvesse comprometido recentemente, e portanto, de modo ainda mais fervoroso, com uma nova forma de tratamento. Assim, nos primeiros nove livros, ilustrou o que acontecia quando esse tratamento não era ministrado, a maneira como viera a descobri-lo e, pulando uma década, demonstrou no Livro X a sua aplicação contínua no presente. (BROWN, 2017, p. 213-214).

Agostinho ao observar e reconhecer os “sintomas” de uma existência totalmente afastada de Deus, ao tomar consciência que desde o momento que ele conheceu a Deus e sentiu transpor seu coração com sua seta de amor, inicia seu processo de conversão, inicia um tratamento terapêutico de sua alma para alcançar a cura, a saúde integral, pela misericórdia e graça divina. As perguntas que o auxiliam no conhecimento de si, ao mesmo tempo são uma *anamnese* para observar como está a saúde da sua própria interioridade, são questionamentos muitas vezes desconfortantes, mas necessários para diagnosticar o que está causando a enfermidade e o vício na alma, assim procurar um remédio adequado que fortaleça e restaure a saúde da alma, em vista de contemplar com os próprios olhos a beleza eterna de Deus.

Portanto, há um deslocamento, um movimento de restauração e transformação, semelhante a uma peregrinação, onde o jovem Agostinho partindo em direção à posse da suma verdade, todo esse itinerário de conversão e retorno ao criador será resultado do auxílio da graça e do esforço pessoal (*ascese*), recuperando a sensibilidade, inteligência e vontade do estado corrompido da sensualidade, curiosidade e orgulho. “Tudo para que o homem interior se harmonize com Aquele que nele habita”<sup>161</sup>.

---

commensurate to the senses of the inner person, in which he is not merely high up and far away, but to be found more reliably within.

<sup>160</sup> *Confissões* X, 3, 4.

<sup>161</sup> *Sobre a verdadeira religião* 39, 72.

A consideração sobre alguns pontos essenciais do livro X auxiliam melhor compreensão da obra e do pensamento de Agostinho na primeira fase da sua vida até o início do seu ministério episcopal. A intencionalidade das palavras narradas em suas confissões, são resultado de sua reflexão e maturação como filósofo cristão e bispo de Hipona: “O sucesso de *Confissões*, visto nesses termos, é que a obra integrou a vivência intelectual e religiosa privada de Agostinho com as responsabilidades públicas do bispo”<sup>162</sup>. A preocupação de Agostinho não é que as pessoas apenas saibam da sua vida pessoal, mas aponta que para entender a própria existência é necessário ter fé. O conhecimento necessita da fé, pois “caminhamos pela fé e não pela visão”<sup>163</sup>, vivência de itinerância e caminho. A fé está para a visão clara, assim como o imperfeito para o perfeito; faz-se mister a purificação da visão a partir da fé, para se chegar à visão clara e beatífica; o reconhecimento da imperfeição e deformidade, para buscar o aperfeiçoamento e alcançar a perfeição.

Podemos encontrar três conceitos que se inter-relacionam, no que diz respeito a interioridade em Agostinho, sendo eles: (1) “eu” interior; (2) retorno a si; e (3) sinais exteriores como expressão da interioridade<sup>164</sup>. A noção de sujeito como “eu” expressa todo o espaço interior privado, como ele mesmo disse: “Grande é o poder da memória, Senhor; tem algo de terrível, uma infinita e profunda complexidade. Mas isto é o meu espírito, **isto sou eu próprio**”<sup>165</sup>(negrito nosso). No início de sua conversão ao Cristianismo, os escritos neoplatônicos influenciaram sua cosmovisão e serviram de apoio para o entendimento da nova realidade de batizado, Por exemplo: sobre o retorno a si mesmo, Agostinho, sente-se guiado por Deus, para adentrar neste espaço interior, dentro de si mesmo, para procurar o próprio Deus<sup>166</sup>. O eu interior é o espaço ou dimensão do ser própria da alma, lugar não físico e concreto, mas dimensão e espaço interno, que a metafísica no estudo e análise do ser enquanto ser se propõe a estudar e conhecer com profundidade.

---

<sup>162</sup> O'Donnell, 1992, tradução nossa: The success of the *Confessions*, seen in those terms, is that the work integrated the private intellectual and religious experience of Augustine with the public responsibilities of the bishop.

<sup>163</sup> 2 Cor 5,7.

<sup>164</sup> A respeito desses conhecimentos desenvolvidos pelo filósofo cristão, nota-se a influência Neoplatônica, como também do pensamento de Plotino na *Enéadas*. (cf. Nota 18. PLOTINO, *Enéadas* IV 3,31-32; 4,1-4 *apud* Santos, 2002, p.7

<sup>165</sup> *Confissões* X, 17, 26.

<sup>166</sup> Cf. *Confissões* VII, 10, 16.

“O espaço interior de Agostinho é, por conseguinte, mais do que um mundo privado, é o reino no qual a alma encontra a verdade inteligível, acima de tudo essa única verdade eterna que é Deus”<sup>167</sup>. Pois o conhecimento de si é um passo fundamental para o conhecimento de Deus. Como peregrinos que sobem a escada em direção ao templo da memória, onde Deus habita na interioridade, essa escada é composta de degraus, que a alma vai ascendendo (*gradibus ascendens*) cada um na direção do conhecimento de Deus e da vida feliz: “Ultrapassarei então essas minhas energias naturais, subindo passo a passo até aquele que me criou”<sup>168</sup>. Portanto, a psicologia agostiniana em diálogo com a filosofia e teologia, acompanham o eu interior no seu caminho de retorno para si mesmo.

Um pequeno adendo, temos nesta frase acima *Confissões* X, 8, 12 uma mescla entre o pensamento cristão de Agostinho (*transibo*, ultrapassarei, transporei) e a influência do pensamento neoplatônico (*ascendens*, ascender, elevar, subir). Plotino deseja ascender toda multiplicidade das criaturas e matéria, para se unir em plenitude ao Uno eterno, Agostinho quer ultrapassar a própria natureza humana, seu corpo e alma, para contemplar com os olhos do espírito o Criador, encontrar com Deus. Podemos assim dizer que o caminho místico e filosófico traçado por Agostinho é uma estrada pelo caminho da beleza (*via pulchritudinis*), pois ao contemplar as criaturas, com os olhos purificados pelo Mestre Interior, consegue discernir e localizar os sinais e vestígios do Criador, todas apontam e direcionam para que as fez.

Depois deste itinerário da alma, adentrando o palácio da memória, o homem na mais profunda intimidade, depara-se e se encontra com Deus; e essa vivência transforma toda a sua vida, transcendendo para a vida divina, iluminado pela graça, confessando arrependido suas misérias e pecados, sempre esperando e confiando na misericórdia e no amor de Deus. Estar *con-forme* a vontade de Deus, a plenitude da imagem do criador e transformar-se em um homem novo, pela graça batismal que regenerou e purificou a alma, para que pudesse através da ascese e das vivências das virtudes, reorientar sua rota para chegar até Deus. Mas enquanto peregrino e forasteiro nesta vida terrestre, Agostinho se dá conta da necessidade da graça para o ajudar por meio do dom da continência a não perverter a sua vontade e se afastar da luz divina que revela toda a verdade. Ao expressar a necessidade e a fragilidade do homem, Agostinho contrapõe e denuncia a heresia do

---

<sup>167</sup> Cary, 2018, p.558.

<sup>168</sup> “Transibo ergo et istam naturae meae, gradibus ascendens ad eum, qui fecit me.” (*Confissões* X, 8, 12).

pelagianismo, sua busca de autossuficiência e prepotência de alcançar a salvação somente pelas próprias forças.

No retorno a si mesmo, Agostinho traça um novo itinerário para Deus, em que entra mais íntimo em si, transpondo a própria alma com os olhos do espírito olhando acima de si mesmo e contempla a luz da Verdade imutável, ou seja, Deus mesmo. Portanto, a alma possui em si as duas faculdades de olhar para dentro de si e de voltar a sua atenção para olhar acima de si, contemplando aquilo que está no mais alto<sup>169</sup>. Esse movimento interior marca o processo de interioridade para a transcendência: “Pela minha própria alma subirei até ele, ultrapassarei a força que me prende ao corpo e vivifica meu organismo”. O processo de mudança e movimento se dará na interioridade, por meio do intelecto, para contemplar a luz da verdade imutável. A natureza humana formada pelo corpo e alma, possui um terceiro elemento que Agostinho denomina “razão” ou “inteligência”, a cabeça ou olho da alma e sendo interior, cabe-lhe julgar o que os sentidos percebem. Acima dessa razão está o próprio Deus, uma vez que é imutável e eterno<sup>170</sup>. A trindade na alma humana, referente a memória, inteligência e vontade, Agostinho aprofundará no livro XIV da *Trindade*.

O itinerário para Deus se dá em duas etapas, segundo uma hierarquia: (1) **para dentro**: o movimento do exterior para o interior, do corpo para a alma, de fora para dentro; e (2) **para cima**: o movimento de baixo para cima, partindo dos sinais visíveis, em direção a Deus invisível, porém, Deus está em um nível muito mais alto que o ser, pois por mais que a mente utilize toda a sua potência de entendimento, ele se encontra além da razão<sup>171</sup> e mantém tudo existindo.

Agostinho depois de sentir o coração tocado pela palavra de Deus, afirma que, sem dúvida, começou a amá-lo e pergunta para si mesmo o que ele ama quando ama a Deus; a premissa do conhecimento de Deus é o amor: “Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor”<sup>172</sup>. O homem exterior ao conhecer as criaturas, contempla a sua beleza e através dos sentidos externos forma imagens que ficam gravadas na memória, o homem interior toma conhecimento destas imagens e experiências. Agostinho para melhor ilustrar utiliza sua retórica apresentando ele próprio interrogando as criaturas se

---

<sup>169</sup> Cf. Cary, 2018, p.558.

<sup>170</sup> *Sobre o livre-arbítrio* II, 6, 13-14.

<sup>171</sup> Cf. Cary, 2018, p.557.

<sup>172</sup> 1 Jo 4,8.

elas seriam deus e cada uma delas vão dizendo que não são Deus, mas foram criadas por Deus; as criaturas mostram os sinais e os vestígios do criador. Mas, é necessário transcender as criaturas e ir além dos sentidos externos para chegar ao conhecimento de Deus, uma vez que ele não é um ser concreto e material, no qual fosse possível medir, pesar, quantificar e reter para experiência.

“Que amo então, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está acima de minha alma?”<sup>173</sup>. O que amo? (*quid, o que?*), ou seja, não é algo criado nem inventado pelo ente humano e nem é material corpóreo; Quem é? (*quis, quem é?*), então é alguém, quem é este ser eterno e imutável, que está acima de mim e ordena e criou todo o que existe e mantém tudo existindo? Para invocar é preciso conhecer, onde (*ubi*) então, te encontrei, para que eu pudesse te conhecer?<sup>174</sup>. O conhecimento de Deus está presente no interior do homem e quando olhamos para o universo, todo ente racional pode reconhecer quem é o autor, ou seja, Deus criador. “De início, está claro que para Santo Agostinho a ideia de Deus é um conhecimento universal e naturalmente inseparável do espírito <sup>174</sup>. O homem traz dentro de si esta noção de um ser eterno e imutável, que chamamos ou invocamos como Deus. Mas por que o homem se esquece de Deus? E como poder-se-á saber que é Deus, se não se lembra quem ele é? São questionamentos latentes e constantes para Agostinho que o angustiam e o deixam a inquieto por um lado, mas por outro, constata e reconhece a grandeza de Deus, que está além da memória e da natureza humana. Os sinais exteriores e sensíveis, são pistas que indicam a existência e a presença de Deus que sustenta e mantém todas as coisas no ser; em outros termos, através das criaturas e sua beleza, Deus se deu a conhecer e se tornou inteligível à mente humana. Deus se comunica por meio da sua palavra (*Logos*) com toda sua criação, chamando a existência: *Fiat*, faça-se, que assim seja.

“Desde que te conheci, tu me elevaste para me fazer ver que havia algo para ser visto, mas que eu era incapaz de ver. Atingiste minha vista enferma com a tua irradiação fulgurante, eu tremi de amor e de temor”<sup>175</sup>. Por isso, para transcender e assim chegar a encontrar Deus, é necessário o processo de conversão, com continência, testemunhando e vivendo a fé: “A alma humana, em seu estado presente, não pode alcançar o mais alto grau de conhecimento somente por suas próprias forças, não por causa da insuficiência

---

<sup>173</sup> *Confissões* X, 7, 11.

<sup>174</sup> Gilson, 2010, p. 31.

<sup>175</sup> Cf. *Confissões* VII, 10, 16.

da luz divina, mas porque o “olho do intelecto humano só se focaliza na luz suprema quando sustentado pela retidão da fé”<sup>176</sup>. Faz-se necessário acertar e corrigir a perspectiva para poder alcançar a sabedoria que está fundada na verdade: “Assim, a fé tem a função de corrigir e sustentar o intelecto, proporcionando-lhe a correta perspectiva que permite alcançar a sabedoria”<sup>177</sup>. Esse processo de abertura e humildade, faz com que Agostinho reconheça a iniciativa do criador de elevar a criatura humana, da sua condição pecadora e telúrica, para transcender e ascender sua alma na contemplação das realidades eternas e espirituais.

“Mesmo quando descobre que possui um mundo interior isolado das outras pessoas, ele percebe que está exposto diante de Deus: não há onde se esconder, nem para onde fugir”<sup>178</sup>. A peregrinação da alma percorrerá o itinerário do mundo para alma como interioridade e em seguida da alma para Deus; essa estratificação parte das criaturas, segue em direção à interioridade, percorrendo os amplos campos e o palácio da memória, transcendendo a própria memória através da razão chega a Deus, realizando assim o objetivo de alcançar a vida feliz<sup>179</sup>. Partindo dos sentidos exteriores até o sentido interior, do sentido interior até o superior e transcendendo até a presença de Deus além da memória.

[...] ascendendo com o mais ardente afeto a ele próprio, percorremos gradativamente todas as coisas corpóreas e o próprio céu [...]. E ascendendo daí ainda mais ao interior, pensando, falando e admirando tuas obras, e chegamos às nossas mentes e as transcendemos, para atingir a região de abundância infinita. (*Confissões IX, 10, 24*).

Portanto, a ascensão da alma humana está presente na maioria dos escritos da juventude de Agostinho, pois procurando conhecer a alma e a Deus, adentra no espaço da interioridade e através do intelecto começa a perceber os vestígios e os sinais Deus e somente nele a alma encontrará a felicidade e a plenitude da paz. Assim, Agostinho aparece diante de nós percorrendo o autoconhecimento como preâmbulo do

---

<sup>176</sup> *Sobre a Trindade 1, 4 apud Crouse, 2018, p. 265.*

<sup>177</sup> Crouse, 2018, p. 265.

<sup>178</sup> O'Donnell, 1992, *Prolegomena: Even as he discovers that he possesses an interior world cut off from other people, he realizes that he lies open before God: there is nowhere to hide, nowhere to flee.*

<sup>179</sup> *Sobre o livre-arbítrio II, 16, 41.*

conhecimento de Deus; seu Deus ele busca e encontra somente em sua própria alma<sup>180</sup>. No ímpeto dessa ascensão, com o amor ardente para alcançar a sabedoria, chegando a tocá-la no silêncio, ouvindo a palavra do criador, encontrando a plenitude da paz. Eis, o itinerário da alma em busca da vida feliz, onde Deus está.

A ascensão começa com a realidade visível. A partir da beleza, percebida na matéria, a alma volta-se para o eu interior, para a virtude da purificação moral. Em seguida, o intelecto limpa-se pelo estudo das artes liberais, concluindo com a dialética e a filosofia. Nesse processo, a alma começa a compreender sua verdadeira natureza. (VAN FLETEREN, 2018, p. 145).

Alegoricamente podemos recordar a parábola do filho pródigo e sua experiência existencial de afastamento da casa paterna. O filho mais novo só pode ser revestido pela melhor túnica, o anel em seu dedo e sandálias nos pés, graças ao amor misericordioso do pai generoso que acolheu as lágrimas que lavaram e purificaram o coração do filho que havia se afastado para o estrangeiro em vista de encontrar a felicidade longe da casa paterna<sup>181</sup>. Ao cair em si, tomando consciência da dura realidade da vida longe da verdade e da luz, é quando a consciência recorda e lembra da verdade eterna, do esplendor da Luz e plenitude da vida feliz. “Onde estavas então? E como estavas longe de mim! Antes era eu que errava afastado de ti, excluído até das bolotas que distribuía aos porcos”<sup>182</sup>. Por isso, a razão iluminada pela Luz divina, desperta na consciência a situação de indigência e inferno em que o homem se encontra, longe da sua própria natureza, dignidade e como urge tomar a decisão de se levantar da queda, com a cabeça erguida para o alto, purificado pelas lágrimas do arrependimento, com a reorientação da vontade, a fim de ajustar a rota na busca de Deus. Assim, Agostinho aparece diante de nós conquistando o conhecimento de Deus como consequência do autoconhecimento<sup>183</sup>.

---

<sup>180</sup> O'Donnell, 1992, Prolegomena, tradução nossa: *So Augustine appears before us winning self-knowledge as a consequence of knowledge of God; but his God he searches for and finds only in his own mind.*

<sup>181</sup> Cf. Lc 15, 13-32.

<sup>182</sup> Confissões III, 6, 11.

<sup>183</sup> O'Donnell, 1992, Prolegomena, tradução nossa: *So Augustine appears before us winning self-knowledge as a consequence of knowledge of God; but his God he searches for and finds only in his own mind.*

Portanto, o conhecimento de Deus e de si mesmo, se dá através da busca da interioridade, atenção (*atentio*<sup>184</sup>) e intenção (*intentio*<sup>185</sup>) que prestamos em olhar para as coisas criadas não com os olhos da carne e com o desejo de possuí-las, fazendo uso delas ao bel prazer e conseqüentemente tornando-se escravos dos vícios e pecados, mas olhemos as coisas com os olhos do espírito, através do homem interior que vê a beleza em todas as coisas, a harmonia e a ordem em toda criação, todas clamam em alta voz: Foi Deus que nos criou! E transpondo as vozes e sinais das criaturas, é possível alcançar além da visão do espírito a própria Sabedoria eterna, “e esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade e não outra”<sup>186</sup>. Desse modo, Agostinho inicia seu empreendimento na própria interioridade na sua procura (*quaerere*<sup>187</sup>) por Deus na memória.

### 1. Memória (*Confissões X, 8, 12 – 26, 37*)

A memória é um dos temas que Agostinho sempre manifestou interesse no livro X das *Confissões*, encontramos um dos primeiros escritos sobre essa questão explanado com maior destaque. O interesse pelo tema da memória vai sendo amadurecido com o passar do tempo, aliado a uma melhor compreensão e pesquisa sobre o assunto. No livro X de *Confissões*, a memória é um dos objetos de estudo analisados, em vista da alma transpor a si mesma na busca de Deus e neste movimento de interiorização e processo gradual de ascensão, encontrar Deus ontologicamente acima e além da memória e noéticamente está presente na memória<sup>188</sup>.

Ele percebe que a memória tem a capacidade de associar imagens com entidades corporais conhecidas através dos órgãos dos sentidos, como também através da racionalidade do intelecto, a memória está interligada fazendo com que os pensamentos (*cogitationes*) façam conexões e unificações criando fantasias, conceitos, imagens na

---

<sup>184</sup> Atenção (*atentio*) é uma das condições da vida psíquica, e “o ato pelo qual o espírito toma posse de forma clara e vívida de um de seus possíveis objetivos, ou a apresentação clara e vívida de um desses possíveis objetos ao espírito”. (Abbagnano, 2012, p. 101).

<sup>185</sup> Intenção (*intentio*) no pensamento de Agostinho significa a concentração ou unificação da alma em si mesma em vista de tentar fixar sua atenção ou seu pensamento sobre Deus, ou para Deus. (Cf. Almeida, 2016, p.188).

<sup>186</sup> Cf. *Confissões X, 22, 32*.

<sup>187</sup> Quid horum est, unde quaerere debui Deum meum, quem iam quaesiveram per corpus a terra usque ad caelum, quousque potui mittere nuntios radios oculorum meorum? *Confissões X, 6, 9*.

<sup>188</sup> Quinn, 2007, p. 598.

própria mente (*mens*). Mas, percebe-se também que, um outro tipo de memória que tem acesso a noções inteligíveis como, números, noções conceituais e teorias, definições sobre literatura, gramática e artes liberais. Então, há uma realidade imaterial e eterna que existe sem a necessidade de conhecer e experimentar através dos sentidos. Ao entrar na própria interioridade, “Agostinho procura uma resposta para essa pergunta em meditações que contêm interessantes discussões antropológicas e teológicas”<sup>189</sup>. Mas porque os homens se esqueceram da sua essência, não se recordam de onde vieram, procuram nas criaturas aquilo que é eterno e imutável? Porque procuramos a felicidade nas criaturas e nem lembramos do criador? Como trazemos na memória o conceito de vida feliz e empenhamos toda vontade na busca pela felicidade? Neste itinerário de busca por Deus, eterno e imutável, princípio e fim de tudo o que existe e é sustentado por seu amor e misericórdia, Agostinho começa a percorrer os amplos campos da memória, à procura de respostas e na esperança certa de que poderá encontrar a Deus, assim poder repousar seu coração inquieto na *beatitudo*.

Agostinho se admira (*admiratio*) e ao mesmo tempo se espanta ao questionar sobre toda a força e capacidade da memória em armazenar informações, uma dimensão que existe no mais interior de cada homem. E é interessante que Agostinho utiliza do latim o termo “*penetrabile*” que significa um lugar mais restrito, retirado ou interno; pois a etimologia referencia um costume romano onde as imagens dos deuses domésticos eram guardadas na parte mais íntima da casa (*penetrabile*). Por isso, algumas traduções e versões em português deste trecho *Confissões* X, 8, 15, utilizam a palavra *casa* ou *santuário* complementando o sentido deste termo na frase. Assim, ao manifestar seu encantamento com a força e poder da memória, reforça o sentido da interioridade, do conhecimento limitado que Agostinho tem de si mesmo, de como estes espaços são tão profundos, é impossível compreender toda amplitude da memória.

Ao contrário, quantos homens se admiram apenas com a grandeza das criaturas e vivem uma vida toda para fora, na exterioridade, esquecendo que a verdade e vida feliz, habitam no interior da própria pessoa humana. Maravilham-se com o mundo exterior e ao mesmo tempo desprezam e são indiferentes ao mundo interior, com suas maravilhas.

Os homens vão admirar os cumes das montanhas, as ondas do mar, as largas correntes dos rios, o oceano, o movimento dos astros, e deixam de lado a si mesmos, e não se admiram do fato de eu falar de todas essas

---

<sup>189</sup> Cipriani, 2018, p. 657.

coisas sem vê-las com os próprios olhos; mas eu não poderia mencionar tais coisas, se não as visse, na memória, em toda a sua imensidão, como se tivesse diante de mim as montanhas, as ondas, os rios e os astros, que vi pessoalmente, e o oceano, no qual acredito. No entanto, quando os vi com os olhos, não os absorvi; são as imagens deles que em mim residem, e não eles próprios. E sei através de qual sentido do corpo me foi impressa cada imagem. (*Confissões* X, 8, 15).

O palácio da memória é a imagem que Agostinho utiliza para expressar de modo alegórico toda a capacidade e amplitude da memória (*in campi et lata praetoria memoriae*). Nela podemos encontrar, portanto, inumeráveis “lugares” repletos de informações e conhecimentos, tesouros e imagens guardadas com esmero, como também grutas sombrias em que se abrigam os instintos animais e cavernas tenebrosas em que repousam nossos esquecimentos, lembranças dos pecados e a busca pela vida feliz. Vale recordar que os termos empregados são alegorias ou metáforas para melhor compreensão da realidade metafísica pela memória e intelecto no homem interior. O palácio da memória é um “espaço” tão amplo que Agostinho nomeia, de forma alegórica, com outros termos diversos, por exemplo: tesouro, palácio, campo, templo, ventre/estômago/vísceras da alma; são analogias utilizadas por Agostinho.

Agostinho, mesmo tendo conhecido a seita dos maniqueus<sup>190</sup> e as obras dos acadêmicos e neoplatônicos, não pretende aprofundar a teoria da reminiscência, como se o conhecimento que temos das ideias são consequência das lembranças e memórias de uma outra vida; mas a partir do conhecimento de fé cristã, inicia uma reinterpretação da teoria neoplatônica, a sua intitulada teoria da iluminação<sup>191</sup>. Nesta, o *Logos* ilumina a mente de quem deseja atingir a verdade e desse modo, quanto mais próximo da luz divina, mais iluminada essa pessoa se torna, mais próxima da bem-aventurança e da vida na graça. O mestre interior, Cristo, ao ser consultado no íntimo do homem, sobre a realidade pela qual o signo se refere, consiste no fundamento ou na possibilidade sobre a qual está na base do conhecimento humano<sup>192</sup>. O aprendizado humano acontece interiormente, no movimento do pensamento em unir as imagens contidas na memória com a realidade que está diante de si, através do entendimento (*intellectum*) e da vontade (*voluntas*), dar significado ou resignificar o que se está conhecendo.

---

<sup>190</sup> Houve acusações donatistas de que Agostinho teria permanecido um criptomaniqueu, ou seja, um maniqueu velado, escondido, disfarçado. (Cf. Fleteren, 2020, p. 260).

<sup>191</sup> “Para Agostinho, a memória é o lugar da iluminação divina e é no interior de sua teoria da memória que ele ultrapassa de modo significativo seus predecessores estoicos e platônicos.” (Crouse, 2018, p. 265).

<sup>192</sup> Kries, 2018, p. 622.

A princípio Agostinho inicia a sua busca de Deus na memória através do questionamento dos quatro elementos da natureza: terra, água, ar e fogo. É um recurso retórico sobre os vestígios de Deus na criação, mas as criaturas não são “deus”, elas foram criadas por ele. Depois de perguntar para as criaturas quem é Deus e cada uma “dizer” que não é Deus, que é apenas criatura, Agostinho acrescenta que fará uso das forças da sua natureza humana, iniciará uma escalada, degrau a degrau, com o escopo de chegar àquele que o criou<sup>193</sup>. Ao contemplar as criaturas e reconhecer a beleza da criação, ele reconhece a marca do criador.

A natureza criada fala de Deus, mas somente para aqueles que ouvem; O próprio Deus, demonstravelmente silencioso, também é objeto da mesma afirmação: ele fala àqueles que ouvem. Ambas as afirmações concentram a atenção no ato de interpretação: a qualidade da comunicação não depende mais do falante, mas do ouvinte.<sup>194</sup> (O'DONNELL, 1992, tradução nossa).

A necessidade de ouvir e poder entender qual a mensagem que está sendo emitida, por isso, a atenção se faz necessária para perceber o que as criaturas e a criação toda estão dizendo sobre o seu criador. De modo alegórico as criaturas respondem aos questionamentos de Agostinho afirmando que Deus é o criador, que para encontrar a resposta das suas mais profundas inquietações é necessário ascender para chegar até Deus e contemplar a sua presença inefável. Ou seja, pela verdade interna que o homem traz no mais interior de si, quando contempla as criaturas, todas elas expressam claramente que foi Deus quem as criou, porém, quem vive uma vida entregue aos vícios e paixões não escuta a voz das criaturas e as vê somente com o desejo utilitário e de gozar delas a seu bel prazer. Portanto, “somente as entendem aqueles que comparam a voz vinda do exterior com a verdade interior”<sup>195</sup>.

Quando os sentidos estão desviados, seguindo sua vontade pervertida, ficam como que “*desconfigurados*”, não realizando a finalidade pela qual foram feitos por natureza. Mas, quando o homem está plenamente harmonizado e ordenado conforme a vontade divina, consegue ordenar seus sentidos para que exerçam sua função com

---

<sup>193</sup> “Transibo ergo et istam naturae meae, gradibus ascendens ad eum, qui fecit me.” (*Confissões* X, 8, 12).

<sup>194</sup> Created nature speaks of God, but only to those who hear; God himself, demonstrably silent, is also the object of the same claim - that he speaks to those who hear. Both claims concentrate attention on the act of interpretation: the quality of communication no longer depends on the speaker, but on the listener. (Comentário *Confissões* X, 6, 10).

<sup>195</sup> *Confissões* X, 6, 10.

intencionalidade e racionalidade, diferenciando-se assim dos animais irracionais, como cita Agostinho: o cavalo e a mula não têm inteligência. Não possuem a luz da razão pela qual somos iluminados pelo Mestre interior, que aproxima nossa alma do próprio Deus, numa distensão reversa que proporciona analisar a realidade ultrapassando a realidade material do mundo, o retorno para unidade com Deus e para as realidades eternas e imutáveis.

Nessa trasladação, em escala ascendente e transcendente, o Hiponense afirma chegar na memória e a compara de maneira metafórica com um amplo palácio (*lata praetoria*), uma ampla sede, lugar onde se encontram inumeráveis tesouros e imagens recebidas e captadas pelas percepções dos sentidos. Não significa um lugar físico, mas um entrar na própria interioridade.

Chegarei assim ao campo e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção. Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento. (*Confissões* X, 8, 12).

Depois de ascender e chegar aos campos e portais da memória, Agostinho entra no palácio e encontra inumeráveis imagens de todos os tipos trazidas pelos sentidos até à visão interior, ao seu rosto da memória (*facie recordationis meae*): “Lá está escondido também tudo o que reunimos”<sup>196</sup>, com a mão do espírito vou selecionando as imagens que quero, algumas vem com facilidade e de modo ordenado, outras saltam repentinamente como se dissessem: “Não somos nós que você está procurando?”. Na própria interioridade, Agostinho realiza essa atividade de identificação, classificando ou rejeitando o que sua mente está procurando. A cada imagem que lhe é apresentada, sabe que não é aquilo que é procurado, pois lá no fundo da sua alma, a memória tem noção da verdade, da imutabilidade, do eterno que está procurando em si mesmo.

As imagens retidas na memória são julgadas e analisadas pela mente, para ordenar e armazenar, de modo que a vontade solicitará à memória e os olhos do espírito vão verificar se são o que estava procurando para organizar o pensamento (*cogito*). E a memória enquanto um “espaço” presente no homem, em que são recebidos os conhecimentos dos sentidos externos e entendidas as noções que o homem pode relacionar pela razão; como também o estudo da vida feliz enquanto meta na qual todo

---

<sup>196</sup> “Ibi reconditum est, quidquid etiam cogitamus.” (*Confissões* X, 8, 12).

homem busca no decorrer do seu itinerário existencial. A memória no pensamento agostiniano consiste no próprio ser do homem, sua história e sua essência mais profunda, como imagem e semelhança de Deus. Mesmo de modo oculto ou “escondido”, Deus está presente na memória, de modo indelével, porém, com a queda, a memória se enfraqueceu, ficando impotente para ascender a Deus. Por isso, a memória para Agostinho é meio de salvação<sup>197</sup>.

Agostinho inicia a procura de Deus pela reflexão sobre as percepções dos sentidos no capítulo 6,8 e termina esta primeira parte no desfecho no capítulo 27,38, uma vez que essa vivência de reorientação e ordenamento do amor, passa por uma mudança, ou seja, saindo da realidade de estar voltado para as criaturas, para uma nova vida voltada para Deus, criador. Agostinho redefine a escrita das suas confissões, agora como bispo de Hipona e sua missão de pastorear os fiéis a ele confiados daquela região do norte da África; o segundo bloco, dos capítulos 6 a 27, consiste na análise e estudo da memória para encontrar a Deus e nesse percurso, reflete sobre a busca da vida feliz que coincide com a possibilidade de retornar ao estado de origem, quando o homem foi criado no estado de graça e convivia em plenitude e harmonia com Deus no Paraíso.

A amplitude do palácio da memória, contém as diversas vivências coletando e organizando as imagens na memória, esse processo da vontade de selecionar as imagens e apresentá-las à alma, proporciona novas aprendizagens e junções de conhecimentos, através do pensamento e reflexão. O reconhecimento de que o homem pode passar pelo esquecimento, faz com que tenha contato com as suas misérias e a contingência humana, mas também instiga a sua vontade a procurar superar os desafios, acender uma lamparina, consultar o Mestre interior, deixar que sua luz ilumine o espírito e assim, transcender a si mesmo chegando à contemplação e encontro com Deus. A vontade da alma humana de buscar a verdadeira vida feliz, deixando os hábitos maus, aprendendo a fazer o bem, deixando-se iluminar pela luz divina, numa conversão constante, torna o homem mais apto a alcançar a plena felicidade e seu aperfeiçoamento.

Todas as percepções dos sentidos são classificadas e distinguidas, aglutinando cada umas das imagens que lhe são correspondentes; tudo fica guardado no grande receptáculo da memória, para que sejam recordadas e disponibilizadas quando necessário. Assim é possível no amplo palácio da memória recordar, conforme a própria vontade, as percepções que foram reunidas e acumuladas pelos sentidos; e é lá que se encontram as

---

<sup>197</sup> Rigby, 2018, p. 762.

lembranças dos sentimentos e das ações realizadas no tempo e no espaço; lá estão também presentes todos os conhecimentos recordados, aprendidos ou por vivência própria ou por crença no testemunho de outrem<sup>198</sup>. Ou seja, tudo aquilo que afetou (*affectus*) Agostinho, no seu processo de desenvolvimento humano, ficou retido nessa vivência em sua memória.

Além da memória sensitiva, existe também a memória intelectual, em que se encontram os conhecimentos aprendidos nas artes liberais, ou seja, noções da ciência das letras (gramática), da habilidade de discutir (dialética, retórica), noções e leis dos números (aritmética) e das dimensões (geometria), sendo diferentes das imagens dos números sensíveis. Pensar (*cogitare*), consiste em aprender (*discere*) algo do qual não recebemos imagens dos sentidos, mas que “vemos interiormente” (*intus cernimus*), sem imagens, assim como é, por si mesmo. E isso é como que reunir pensando (*cogitando*) aquilo que a memória continha disperso e desordenado.

Mas Agostinho apresenta a realidade de uma memória mais profunda, na qual se tem acesso quando se transcende e olha acima da própria alma; é a apreensão de noções que existem enquanto abstratas, eternas. A memória é a sede e o lugar onde se guarda todas essas noções apreendidas, noções de literatura, dialética, diferentes espécies de problemas existentes etc.; por exemplo, a noção de verdade é algo que não é uma convenção; há uma Verdade primeira, eterna e que existe, através da própria vivência cotidiana temos a percepção da sua presença e necessidade de que exista, pois sem a Verdade, tudo poderia se tornar confuso, desordenado, os enganos e erros seriam muito maiores, impedindo o homem de alcançar a vida feliz, sua finalidade natural.

Em outro exemplo de noções, Agostinho apresenta três tipos de problemas: a existência, a natureza e os atributos, por onde passaram os conhecimentos sobre esses três e como foram apreendidos e retidos na própria memória? Nisso, ele ensina como a mente humana aprende através da reflexão as dispersas e desordenadas noções contidas na memória e através do pensamento (*cogito*), reuni-las, organizá-las e aprender novas noções. Pensamos fazendo uso de imagens que estão contidas na memória, por meio do intelecto (*mens*), a partir da vontade daquilo que queremos trazer a lembrança.

Pedagogicamente, vamos agrupar e classificar os tipos de memória apresentados por Agostinho, que comentamos acima<sup>199</sup>:

---

<sup>198</sup> *Confissões* X, 8, 14.

<sup>199</sup> Cf. QUINN, 2007, p. 548 – 578.

- (a) **Memória Sensorial ou Sensível:** é a primeira dimensão da memória, é a memória dos sentidos, onde estão retidas e impressas as imagens adquiridas do mundo externo. Por meio do uso dos sentidos são realizadas as experiências, onde são retidas na memória as percepções (*species*) e são cogitadas (unidas) na imagem gravada na memória. De certa forma, Agostinho delinea aquilo que o pensamento fenomenológico irá aprofundar, a distinção entre *a coisa em si* e *a imagem mental da coisa*.
- (b) **Memória Intelectual:** anterior a experiência dos sentidos, são noções e informações recordados na memória. Estas noções ao serem recordadas podem ser pensadas (*cogitare*) com imagens aprendidas diretamente das imagens. A alma conserva as imagens impressas pelos sentidos, mas também as ideias e noções de conceitos, conhecimento, ciências universais. A memória intelectual é como uma ponte entre a experiência e o intelecto, permitindo pensar o que foi vivido com as noções dos conhecimentos que estão na memória. Neste campo da memória, além das imagens que podem ser imaginadas e criadas, também a base da consciência racional e o local sagrado e íntimo (*penetrabile*) onde está a identidade pessoal.
- (c) **Memória Afetiva e Moral:** A memória guarda também afetos, dores, alegrias e desejos. Vemos as noções de sentimentos e paixões que afetam a alma e criam uma lembrança na alma daquele momento no qual apercebeu esta sensação ou emoção. Com isso, Agostinho constata que a memória está ligada ao desejo (*voluntas*), nesta busca por aquilo que trouxe alegria ao coração humano, esta lembrança prazerosa já é uma aproximação da vida feliz.
- (d) **Memória de Deus ou Memória Espiritual:** A própria lembrança de Deus (*memoria Dei*) contida na memória, algo que transcende a realidade sensório-intelectual, alcança a dimensão espiritual e noética do próprio espírito (*animus*). É o ponto culminante do Livro X, pela certeza que Agostinho tem que Deus está no homem interior, no mais íntimo de sua memória. Esta lembrança viva de Deus, faz com que Agostinho reconheça o Sumo Bem e o fundamento da vida feliz (*beata vita, beatitudo*).

A memória se torna um lugar tão amplo quanto um campo ou um palácio, mas também um lugar profundamente íntimo, um santuário onde abriga Deus, sendo um lugar onde o tempo toca-se com a eternidade, o material e o imaterial. No ato de lembrar-se,

Agostinho une em si a memória com a *beatitudo* (vida feliz), ao recorda-se de Deus na sua busca existencial, o simples ato de lembra-se d'Ele, já consiste em viver na presença divina.

## 2. Recordações, lembranças e esquecimentos (*Confissões X, 15,23 – 19,28*).

Neste trecho das *Confissões*, Agostinho pensa sobre o ato de recordar, se fazemos uso das imagens contidas na memória ou sem elas. As coisas exteriores são aprendidas e retidas na memória por meio dos sentidos, uma memória sensorial, até mesmo experiências próprias do eu, como passar pela dor e saúde, depois de serem vivenciadas são nomeadas e permanecem sua imagem na memória. Ao se nomear esta imagem retida na memória pela experiência, atribui-se um significado, para que na ação dialética e no ato de pensar, ela se torne acessível a mente (*intellecto*), em consequência possa ser recordada e utilizada na compreensão e entendimento daquilo que está sendo referenciado.

Quando se diz algo, vem à recordação, não o objeto em si, mas sim sua imagem (*fantasia*) retida na memória, ao mesmo tempo em que foi significado o seu nome. Agostinho começa a refletir sobre o que seriam as recordações e lembranças que guardamos e retemos na memória<sup>200</sup>. O que seria então o esquecimento, a ausência dessa imagem, este lapso? Como é possível falar sobre o esquecimento, como é possível reconhecê-lo, se dele não se lembra? “Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde e o esquecimento que lembro”<sup>201</sup>. Então, chega-se à conclusão que a memória retém em si mesmo a própria imagem do esquecimento, algo paradoxal quando Agostinho fala do esquecimento como privação da memória.

O esquecimento fica impresso na memória pela imagem do esquecimento e não por si mesmo, mas para que isso fosse possível foi necessário que se passasse pela vivência de esquecer algo, mesmo que procurando com toda vontade, vasculhando cada cômodo espaço da memória e não conseguir encontrar o que se procurava. Uma busca

---

<sup>200</sup> *Confissões X, 15, 23.*

<sup>201</sup> “[...] cum vero memini oblivionem, et memoria praesto est et oblivio, memoria, qua meminerim, oblivio, quam meminerim.” (*Confissões X, 16, 24*).

inquieta na memória, onde a mente procura com veemência o conceito ou imagem que se faz necessário para poder pensar e verbalizar, porém, mesmo fazendo algumas conexões que a princípio julgasse estarem relacionadas a determinado assunto, em vista de ajudar na procura. No entanto, isso pode não surtir efeito nenhum, aquilo que se procurava permanecerá no esquecimento, podendo vir em algum outro momento à memória, quando menos se esperar, de modo não solicitado, ocasionando uma nova lembrança. No dia em que precisava dessa informação, não estava disponível para ser utilizada. Diante desse problema ao qual Agostinho se dedicou, a solução encontrada por ele foi: “[...] estou certo de que me lembro do esquecimento, que nos varre da memória tudo aquilo de que nos lembramos”<sup>202</sup>, em outros termos, não há solução para o problema do esquecimento.

Segundo Quinn<sup>203</sup>, “assim como só podemos encontrar Deus lembrando-nos dele de alguma forma, em um nível mais humilde, descobrimos coisas perdidas ao nos lembramos delas. A lembrança é a condição essencial para a recuperação de objetos perdidos”. Citando a parábola contada por Jesus sobre a mulher que perdeu uma dracma<sup>204</sup>, em que ela acendeu uma lanterna, varreu e organizou a casa, procurando diligentemente até encontrar a moeda perdida, Agostinho afirma que a mulher só reconheceu a sua moeda perdida porque ela conhecia qual moeda havia perdido. Ela tinha conhecimento de que era aquela determinada moeda e não outra, mesmo que houvesse características semelhantes na sua cunhagem, mas algo no seu íntimo confirmava a identidade verdadeira da moeda que estava perdida e agora fora encontrada. Essa personagem feminina, arquétipo da alma humana, que busca na casa da memória, varre e procura diligentemente o objeto, a imagem, que está procurando; e quando encontra, enche-se de alegria porque encontrou e reconheceu o que estava procurando e que estava gravado em sua memória.

Mas o conhecimento não só depende completa e radicalmente da memória de si, mas também da memória de Deus<sup>205</sup>. Por isso, no mais interior da própria memória, tem-se a percepção que transcende as imagens e experiências apreendidas no campo da memória, conhecimentos que a própria alma traz no mais interior de si, ligando-a à realidade transcendente, ou na linguagem agostiniana, uma distensão que liga a realidade

---

<sup>202</sup> “[...] etiam ipsam oblivionem meminisse me certus sum, qua id quod meminerimus obruitur.” (*Confissões* X, 16, 25).

<sup>203</sup> Quinn, 2007, p. 585, tradução nossa.

<sup>204</sup> Lc 15,8.

<sup>205</sup> Cf. Crouse, 2018, p. 265.

corpórea com a realidade eterna e permanente, por meio do espírito (*animus*) que foi insuflado em cada homem para que se torne imagem e semelhança do criador.

Na memória também jazem pensamentos que não são recuperados com frequência, restando uma vaga lembrança; como também o esquecimento pode absorver e sepultar os objetos que os sentidos formaram em na mente. Por isso, no sentido bíblico aparece a expressão “não conheço” (*non novi*<sup>206</sup>) significa a ausência deste conhecimento perfeito, algo inexistente, aquilo que não faz parte da minha interioridade, ou seja, eu desconheço você, não tenho convivência.

No entanto, há o caso da vontade que quer encontrar algo na memória. É esse modo de volição, que predispõe e coloca em movimento o homem para encontrar a Deus e usufruir da sua plenitude e misericórdia. Agostinho, depois de mencionar a parábola da dracma perdida e a alegria ao ter sido encontrada depois de uma procura atenta e iluminada pela lamparina, constata que a alma humana está inquieta porque perdeu algo, isso lhe provocou uma percepção de perda, de esquecimento e com a vontade de reencontrar isso que falta. A alma constata que esqueceu de algo que não devia ter esquecido, pois lhe faz falta. De modo que, iluminado pelo exemplo da mulher da parábola, Agostinho acende a lamparina da fé para entender melhor, começa diligentemente a procurar o que falta, para reconquistar a alegria e a plena felicidade.

Ele deseja transpor (*transibo*) a memória, o pensamento e a vontade de encontrar a plenitude em Deus, o criador e sentido pleno de todas as coisas, na mais perfeita harmonia, equilíbrio e essência<sup>207</sup>. Desejo de transpor a memória para se encontrar a Deus, pois Deus está além da memória. A força da vontade é o impulso da alma, no qual a pessoa tende para esta ou aquela coisa<sup>208</sup>. O homem só emerge da memória e traz ao conhecimento aquilo que quer recordar. Depende da vontade em colocar em movimento e motivação para que siga em direção na busca de Deus. Todavia, faz-se mister analisar a saúde da alma, pois se esta estiver enferma, sua vontade estará corrompida e “cega”, tendendo facilmente ao erro e à busca das concupiscências da carne para satisfazer seus instintos animais. Mas se a alma está saudável e curada pela misericórdia divina, regenerada pela graça e com o amor ordenado, seguirá em direção à vida feliz e poderá alcançar a felicidade do encontro com Deus, na plenitude eterna.

---

<sup>206</sup> Cf. Pr 30,3; Mt 26,72; Lc 22,57; Mc 14,68; Jo 18,25.

<sup>207</sup> *Sobre a Trindade* XI, 6, 10; 7, 12a.

<sup>208</sup> Cf. Almeida, 2016, p. 193.

Quando a alma se recorda da vida feliz, conhece o que significa felicidade, irradia de alegria. Mas “onde e quando experimentei a vida feliz, para a poder recordar, amar e desejar?”<sup>209</sup> Todo homem experimentou e gravou em sua memória o que é felicidade e reconhece a alegria só de ouvir o som dessa palavra. Portanto, “a vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós”<sup>210</sup>. A felicidade e a plenitude da vida feliz estão somente em Deus, por isso é necessário esse retorno para ele, pois Agostinho observa sua vida e constata quantas misérias e dificuldades o homem encontra nesta existência terrena. Diante dessa vivência, temos a firme esperança de que existe um outro lugar, oposto a esta realidade de dor e sofrimento, lá é a nossa pátria e nosso porto seguro é Deus. Portanto, o homem deve ajustar as velas da sua nau e reorientar seu leme, sintonizando sua rota de navegação para chegar até Deus.

Na perspectiva ética do pensamento agostiniano, é fato que no livro VIII de *Confissões*, Agostinho faz uma reflexão sobre as duas vontades que dilaceram e cindem a alma humana: a vontade pervertida, consequência da concupiscência; e a vontade espiritual, do encontro e gozo da presença de Deus, provinda do livre-arbítrio e da iluminação da graça. No entanto devemos observar o risco no qual Agostinho alertou sobre a influência do pensamento dualista dos maniqueus, que afirmavam haver duas naturezas, uma boa, vinda de Deus e uma má, vinda do Inimigo, cujas descendências, num combate eterno opõem-se numa luta constante. Agostinho permaneceu por dez anos ligado à seita dos “falsos mediadores” (X, 42, 67), mas nesse momento das suas confissões, precisa afirmar sua fé, desvincular-se do seu passado, pois encontrou a Verdade que ilumina todo homem, o *Logos* ensinando e iluminando a alma para alcançar a plenitude. Por isso, mesmo diante de duas opções boas, que se apresentam diante da vontade, ela deverá discernir para escolher a melhor, pois há uma hierarquia nos graus de bondade e aquelas que ao serem usufruídas por amor a Deus, o aproximará da verdade eterna.

“Deus está na memória [...] dignastes-Vos habitar na minha memória, desde que Vos conheci”<sup>211</sup>. “Eis que habitáveis dentro de mim e eu lá fora a procurar-Vos! [...]

---

<sup>209</sup> “Ubi ergo et quando expertus sum vitam meam beatam, ut recorder eam et amem et desiderem?” (*Confissões* X, 21, 31).

<sup>210</sup> “[...] et ipsa est beata vita, gaudere ad te, de te, propter te.” (*Confissões* X, 22, 32).

<sup>211</sup> “Deus in memoria invenitur [...] dignatus es habitare in memoria mea, ex quo te didici.” (*Confissões* X, 24, 35; 25, 36).

Estáveis comigo e eu não estava convosco!”<sup>212</sup> O pecado original deixou uma marca em todo homem por isso, toda pessoa traz em si a memória do estado edênico. Esse sentimento de esquecimento se torna saudade (memória) do descanso eterno. A partir dessa iluminação, Agostinho procura incansavelmente buscar a Deus, transcendendo, encontra Deus que habita na sua memória, quando ainda não conhecia a Deus. “Eis que habitáveis dentro de mim e eu lá fora a procurar-Vos!”.

Ao observar em seu interior, o coração inquieto de Agostinho, eleva um questionamento à Deus: “Quando é que Vós, ó Verdade, não me acompanhastes para me ensinardes o que havia de evitar e o que devia desejar, todas as vezes que Vos consultei?”<sup>213</sup>. O acompanhamento da presença divina com o intuito de ensinar o que se deveria evitar, no caso os vícios da concupiscência da carne, a vontade orientada para os prazeres terrenos e o que deveria desejar, a vida bem-aventurada e o deleite eterno em Deus criador, que revela toda a Verdade e a ordem de todas as coisas para que alcancem a perfeição da sua essência.

O verdadeiro mediador entre Deus e os homens, que nos comunica toda a Verdade, é Jesus Cristo, revelado pela misericórdia divina como intermediário entre os mortais pecadores e o Justo Imortal, pois “com razão nele coloco toda a minha firme confiança”<sup>214</sup>. E apresenta pela imagem do próprio Agostinho, participando da Eucaristia, o memorial litúrgico da última ceia e da morte de Cristo e agora como bispo de Hipona, um relacionamento constante e regularmente renovado com Cristo Redentor<sup>215</sup>.

Na *Primeira Carta aos Coríntios*, São Paulo recorda as palavras que recebeu e transmitiu aos cristãos, recordando a cena da última ceia com Jesus Cristo, quando naquela noite em que seria entregue, pegou o pão e o vinho, agradeceu e o entregou aos discípulos, dizendo que era o seu corpo e o sangue de nova aliança para perdão dos pecados e por fim recomendou: “Fazei isto em memória de mim.”<sup>216</sup>. Nesse ágape, o próprio Senhor Jesus, pediu aos seus seguidores que fizessem memória perpétua da entrega do seu corpo e do seu sangue derramado, para o perdão dos pecados e o ressurgir

---

<sup>212</sup> “Et ecce intus eras et ego foris et ibi te quaerebam [...]. Mecum eras, et tecum non eram.” (*Confissões* X, 26, 37; 27, 38).

<sup>213</sup> *Confissões* X, 40, 65.

<sup>214</sup> “Merito mihi spes valida in illo est.” (*Confissões* X, 43, 68).

<sup>215</sup> Cf. Conybeare, 2020, p. 144-146.

<sup>216</sup> “Hoc facite in meam commemorationem.” (1Cor 11,24.26).

para uma nova vida, a nova criatura, o novo Adão. É *co-memoração*, isto é, o trazer à memória o sacrifício na cruz, refazendo-o continuamente e do qual participamos.

Agostinho reafirma que ele não faz parte mais da mesa dos neoplatônicos, não compartilha dos seus ritos pagãos, não compactua mais com essa seita herética e manifesta a sua conversão e busca incansável para estar sentado na ceia com o Mestre, que ilumina o seu interior, mostrando a verdade e oferecendo misericórdia e perdão para quem tem vontade de nascer para vida da graça e conviver no descanso perene com Deus. Trazer à memória aquele que amamos, satisfaz e pacífica o coração, a vontade encontra o que procurava, estar diante daquele que fez tudo o que existe, Deus mesmo, podendo então repousar na plena bem-aventurança.

### 3. A vida feliz (X, 20,29 – 27,38)

No livro X, como também em toda a obra das *Confissões*, um dos temas que pode ser analisado como unidade de toda a obra, mesmo escrita em momentos distintos, é a percepção e a busca da vida feliz. A noção de felicidade sempre esteve presente nos questionamentos e na busca incessante dos entes humanos, diante da sensação de bem-estar, plenitude, de poder gozar e usufruir de uma sensação profunda e prazerosa, de realização e de completude. “Como então procurar a felicidade?<sup>217</sup>”. E Agostinho inicia explicando como está procurando, por primeira busca nas lembranças, como se houvesse se esquecido da felicidade, depois procura no desejo de conhecer o desconhecido, mesmo que não tenha percebido que tenha esquecido o que é a vida feliz. Então, por que todas as pessoas querem ser felizes? Por que procuram com tamanha insistência a felicidade? Mas é fato que possuímos a felicidade, mas sem saber como.

Em sua forma peculiar de pensar questionando, o filósofo cristão observa o modo como as pessoas expressam e testemunham sua alegria e felicidade, seja em sentido inferior através da posse de coisas aqui no contexto existencial, seja na esperança projetada no futuro de alcançar a posse da felicidade, de modo superior. Portanto, se o ente humano traz em na memória uma noção de felicidade, é porque em algum momento, que no momento presente é desconhecido, ele foi ou experimentou a vida feliz caso não

---

<sup>217</sup> *Confissões* X, 20, 29: Quomodo ergo quaero vitam beatam?

fosse assim, nenhum homem ficaria procurando e desejando a felicidade, posto que não a haveria conhecido.

Como o homem possui a vontade da vida feliz<sup>218</sup>? Agostinho inicia diversos questionamentos, procurando a Deus e a vida feliz e, constata que a felicidade da sua vida está em Deus: “Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da minha alma e a alma vive de ti”<sup>219</sup>. Assim como o corpo vive da alma, assim também a alma vive de Deus, de maneira que, para chegar à alegria da vida feliz, é necessário se colocar a caminho em vista de encontrar a Deus, uma vez que ele é a fonte, a causa e o termo<sup>220</sup>.

Em *Solilóquios*, no segundo livro, Agostinho analisa a imortalidade da alma através da conclusão necessária de que a verdade é imortal. E a alma sendo imortal, pela sua participação por misericórdia e benevolência, da realidade eterna, por ser imagem e semelhança de Deus, retornará para ele no final desta existência terrena. Mesmo que o sujeito enquanto indivíduo, no decorrer da sua realidade temporal, termine sua vida nesta condição terrena, a alma permanecerá viva, para que esteja viva, ela retornará para seu “lugar” de origem, já que a morte não poderá atingi-la ou destruí-la. A alma como a luz, ilumina e vivifica o corpo e ao se afastar ou se retirar do corpo, esse deixa de viver e começa a se decompor, mas a alma é imortal e permanece para sempre, assim como permanece para sempre a Verdade eterna<sup>221</sup>, o próprio Deus, que subsiste e mantém todas as coisas no ser.

Agostinho afirma que é certo que possuímos a noção de felicidade, alguns em certa medida já a possuem, outros nutrem a alegre esperança de alcançá-la um dia. Não se sabe como chegaram a conhecer a felicidade, mas o filósofo cristão se esforça por aprender o modo como eles trazem em si a imagem da vida feliz. Para exemplificar esta tese, Agostinho relaciona o termo com a imagem nomeada na memória, por isso, não importa a procedência, seja latina, grega, ou qualquer outra, todos têm a noção de felicidade em sua mente. E por meio da razão, também conseguem perceber ao autoexaminar a si mesmo, quando não estão felizes, vivendo a infelicidade. A felicidade habitaria na memória? Ou fomos felizes coletivamente no primeiro Adão ou

---

<sup>218</sup> A felicidade nos escritos de Santo Agostinho corresponde à expressão “vida feliz” (*beata vita*).

<sup>219</sup> *Confissões* X, 20, 29; Cf imm. an. 15,24.

<sup>220</sup> Santos, 2002, p.24.

<sup>221</sup> *Solilóquios* II, 2, 2; 13, 23-24.

individualmente? E, depois, nascemos para a infelicidade em decorrência do pecado original? Independentemente disso, o fato é que todos os homens buscam e querem a vida feliz e isso acontece pois trazemos na memória o seu significado<sup>222</sup>.

Não importa o idioma ou a linguagem, toda pessoa humana se fosse questionada se gostaria de ser feliz, responderia que sim. Agostinho ao citar este exemplo linguístico, ilustra com maior clareza que o termo “vida feliz” ou felicidade está além dos signos que compõem a palavra e que convencionamos na fala. Isso “não aconteceria se em sua memória não se conservasse a realidade que esta palavra significa”<sup>223</sup>. A vida feliz transcende as imagens dos sentidos e também, não é apreendida pelo testemunho ou ensinamento de outrem. Pois, a questão que perpassa esse questionamento sobre a felicidade é que, ao procurarmos a vida feliz, estamos na verdade, procurando a Deus em que a plenitude da alegria e da paz integral está nele, com ele e para ele.

A vida feliz é mais do que uma simples recordação, não a podemos ver, pois não é corpórea. É uma noção que vai além do conhecimento dos números, pois queremos amar e possuir a felicidade; é mais do que a arguta eloquência, uma vez que a pessoa ao ouvir o orador falar sobre a vida feliz, deleita-se sobre a lembrança ou o desejo dela.

Então, Agostinho se questiona: “Será que a recordamos como nos lembramos de uma alegria? Talvez sim. De fato, minhas alegrias são lembradas mesmo quando estou triste e penso na felicidade, ainda que esteja infeliz”<sup>224</sup>. Pois foi pela vivência da alegria na alma, sem utilizar os sentidos, que mesmo estando triste, permanece o sentido da alegria na memória. O que permanece na memória é a vivência existencial da alegria associada com a noção de felicidade, para que se pudesse recordar mais tarde, algumas vezes com desgosto e noutras com saudade, de acordo com a diversidade das circunstâncias ao lembrar de ter estado alegre. Em outros termos, conforme a diversidade de circunstâncias que a pessoa possa estar vivendo no agora da sua condição humana, ela é capaz de recordar os momentos em que pôde vivenciar a alegria e essa vivência fica retida na memória, que com o tempo pode-se recordar, desde lembranças que viveu com

---

<sup>222</sup> “Agostinho distingue a vontade de felicidade da vontade de retidão, o sentido que ele atribui a *voluntas* se aproxima mais do de desejo que do de escolha. Como a vontade de felicidade é inerente a natureza humana e, por conseguinte, é inseparável dela, pessoas boas ou pessoas más igualmente desejam a felicidade. Mas, no fim, somente os bons alcançam a verdadeira felicidade, porque só eles renunciam aos caminhos do mal, em vista de sua vontade de viver retamente. Os maus, por outro lado, devido à natureza injusta de suas ações, conseguem uma vida, que, inevitavelmente, abrem caminho para a dor e o sofrimento (cf. *Confissões* X, 22, 32; *De civitate Dei*, 5, 11).” (Djuth, 2018. p. 970-971).

<sup>223</sup> *Confissões* X, 20, 29.

<sup>224</sup> *Confissões* X, 21, 30.

alegria e hoje detesta e até abomina, como também vivências boas e honestas de felicidade que recorda com saudade um período da vida que não existe mais.

“Eu não sou o único, nem são poucos os que desejam ser felizes; mas todos sem exceção o querem”<sup>225</sup>. Fazendo uso desta máxima de Cícero, retirada possivelmente de *Hortensio*, a retórica de Agostinho evidencia sua individualidade e desejo de querer ser feliz, afirma que há muitas pessoas que querem ser felizes, ou seja, que não são poucas e finaliza afirmando que todos querem ser felizes, sem nenhuma exceção. Mas, a pergunta continua destacando agora o onde (*ubi*) e o quando (*quando*), referindo respectivamente em qual *lugar* vivenciei a felicidade, em qual *tempo*, qual foi o momento que a felicidade foi vivenciada? Lugar físico, tempo cronológico, realidade empírica existencial, que procura evidenciar o onde (*ubi*) e o quando (*quando*) foi que se vivenciou a felicidade para se conseguir recordá-la, amá-la e desejá-la? Aqui vemos o vestígio trino que Agostinho costuma deixar na maioria das suas reflexões, apresentando a presença trinitária de uma vivência una: recordar, ligando a felicidade à memória; amar, ligando a felicidade ao intelecto (*mens*), pois é o amor ordenado (*caritas*) e desejar, ligando a vivência da felicidade à vontade (*voluntas*), não à vontade pervertida (*cupiditas*), mas à vontade restaurada e curada, que, iluminada pela graça, busca viver na continência evitando as tentações e procurando fortalecer-se nas virtudes. Quando se fala de alegria, equivale a dizer felicidade: “Como ninguém pode dizer que nunca experimentou alegria, ela é encontrada na memória e é reconhecida sempre que se ouve a palavra felicidade”<sup>226</sup>. Mesmo que cada pessoa na sua individualidade faça escolhas diferentes e deseje alcançar objetivos diferentes, no fundo o que está permeando o itinerário de busca é a realização plena da felicidade. “Isto quer dizer que os homens podem procurar a alegria em objetos ou situações, mas o fim almejado é sempre o mesmo: *alegrarem-se*. Sem que se possa dizer *onde* e *quando*, é através da experiência que todo homem faz da alegria que se reconhece, em sua memória, o que significa o nome de *beata vita*”<sup>227</sup>.

Mas não é qualquer alegria que pode tornar o homem feliz, é necessário discernimento, sendo obediente aos ordenamentos do Senhor, colocar-se humildemente sob o seu jugo e livremente o servir por puro amor. Contudo, a humildade é um sinal de sabedoria e de aprendizado constante para Agostinho, pois evidencia sua submissão e

---

<sup>225</sup> *Confissões* X, 21, 31.

<sup>226</sup> *Idem*.

<sup>227</sup> Santos, 2002, p. 14.

abertura a graça divina, estando atendo (*atentio*) em ordenar sua própria vontade para contemplar a plenitude de Deus. Mesmo que o homem seja feliz por ter alcançado o que buscava, enquanto objeto ou situações, não se compara à verdadeira e única felicidade que é estar com o próprio Deus, em seu ato de procura de outra felicidade, em si não existente, mas que acredita que exista, não apagará da sua memória a imagem da alegria. E somente os que estão propensos a alcançar a verdadeira vida feliz, são aqueles que servem ao Senhor com amor puro e sincero: “E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade e não outra”<sup>228</sup>. Em outros termos, essas pessoas purificaram o amor presente em sua alma, reordenando-o e reorientando para Deus, pois a verdadeira felicidade é alegrar em ti (termo, finalidade), de ti (fonte, gênese) e por ti (causa, motivo)<sup>229</sup>.

Considerando que a felicidade e a verdade são noções que o homem encontra na memória e que há a percepção da infelicidade ou de quando se está sendo enganado, o homem busca amar as primeiras e a evitar as segundas. Agostinho alerta, porém, sobre o perigo de, no decorrer da vida humana, desviar-se da verdade e da felicidade em Deus e contentar-se com a realidade efêmera e fugaz, não procurando o caminho que conduz a plena felicidade, que é estar em Deus. Agostinho acredita na graça natural, que pela luz divina incida ainda um pouco de luz nestes corações tíbios, pois os desvios da vontade e o entorpecimento dos vícios, causou-lhes grande dano à sua visão espiritual e se deixaram corromper pelas tentações e se tornaram escravos das concupiscências da carne. “E ainda resta um pouco de luz entre os homens; que eles prossigam no caminho, para que a escuridão não os alcancem”<sup>230</sup>. A alegria provém da verdade e a verdade é o próprio Deus: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito alegrai-vos”<sup>231</sup>, que dizer, a vida feliz consiste em nos alegrar-nos em Vós, de Vós e por Vós. Quando o homem se desvia da verdade, caminha no erro, e através do ódio e violência, quer impor a todo custo seu poder; a própria verdade manifesta a sua luz e traz à consciência os seus erros, vícios e pecados.

Depois de percorrer todo o espaço da memória, buscando encontrar o Senhor, o Bispo Hiponense diz que não encontrou nada fora dela: “Nada encontrei referente a ti, de que não me lembrasse desde que te conheci, porque desde então, nunca mais me esqueci

---

<sup>228</sup> *Confissões* X, 22, 32.

<sup>229</sup> Santos, 2002, p.14.

<sup>230</sup> *Confissões* X, 23, 33.

<sup>231</sup> Fl 4,4.

de ti. [...] Desde então, permaneces em minha memória e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro.”<sup>232</sup> Mas qual é o lugar em que Deus habita na memória? De que importa o lugar? O que importa, “é certo que nela habitas, pois recordo-me de ti desde o dia em que te conheci. É aí que te encontro quando me lembro de ti”<sup>233</sup>. Agostinho sempre disse que o destino de toda alma humana é encontrar-se na posse de Deus, nisso consiste a sua felicidade, por isso, nessa vontade da alma pela felicidade, ela percorre toda um processo de deixar-se iluminar pela luz divina, assim poder participar na luz do criador<sup>234</sup>.

Quando foi o momento do encontro de Agostinho com Deus, desde aquele dia nunca mais se esqueceu de Deus. Mesmo no “não-espço” da memória, Deus sempre está presente e pronto para dar as respostas necessárias para quem o que quer escutar. Mas Agostinho reconhece que aqui se deseja escutar a Deus e o contrário é não escutar o que se necessita ouvir. A qualidade da comunicação depende do ouvinte, não do falante<sup>235</sup>. Portanto, nesta *via pulchritudine* é preciso estar atento e escutar a Deus e não às vozes das criaturas. Para que a “*trans-formação*” e a restauração do homem seja completa, integrando seu ser, faz-se mister reconhecer os próprios vícios e pecados, tomar consciência de si mesmo, da sua própria interioridade e de como a condição humana, é cega e preguiçosa, torpe e indecente<sup>236</sup>, fraca e débil, enferma e pecadora. De fato, o “conhece-te a ti mesmo” neste processo de autoconsciência do eu interior, faz essa queda em si, e desperta o desejo mudar de itinerário, convertendo sua vida para Deus, corrigindo sua rota em direção ao criador e a vida feliz (*beatitudo*).

Tarde te amei, é o reconhecimento que bate no coração diante de todos erros e tropeços do caminho longe e afastado de Deus, porém, Ele amou desde o primeiro instante da criação, e seu amor é eterno e imutável, sempre haverá de amar; no entanto, no tardar do dia, a pessoa cai em si e não querendo permanecer no exílio, longe de Deus, levanta-se, confessa seus pecados e se coloca a caminho, motivado pela esperança e confiante na misericórdia do perdão divino, empreende a jornada de retorno à pátria e ser acolhido pelo Pai dos Céus.

---

<sup>232</sup> *Confissões* X, 24, 35.

<sup>233</sup> *Confissões* X, 25, 36.

<sup>234</sup> Cf. *Sobre a vida feliz*, 12, in TESKE, 2018, p. 103.

<sup>235</sup> Cf. O'Donnell, 1992.

<sup>236</sup> Cf. *Confissões* X, 26, 34.

Deus, por meio da sua graça, quebra os grilhões que mantem preso o ente humano voltado para as criaturas, assim, iniciar o processo de cura e restauração do homem novo: rompe a surdez com seu grito que chama a pessoa pelo nome, cura a cegueira devolvendo a luz que brilha nos olhos, exala suave fragrância que faz suspirar de amor e desejo de estar com Deus, alimenta com seu “corpo e sangue” a fome e sede do peregrino que enfrentou o trabalho escravo e passou pelo deserto, com seu toque e abraço, a completude da unidade e plenitude da felicidade, em estar com Deus. “Felicidade é, na realidade, um estado puramente espiritual e transcendente, que só pode ser realizado escatologicamente”<sup>237</sup>.

Portanto, é na esperança que somos felizes, não gozamos dela em plenitude no agora, mas esperamos no futuro a felicidade. Na teoria da felicidade de Agostinho, Deus nos revela o caminho para a felicidade por meio de Cristo. “Conheces a minha inexperiência e a minha fraqueza. Ensina-me e cura-me, teu Filho unigênito no qual se acham todos os tesouros da sabedoria e da ciência, ele me remiu com o seu sangue”<sup>238</sup>. A função mediadora e salvífica de Cristo, serão exemplo e força para o bispo de Hipona, para harmonizar a razão e a boa vontade, pedindo a força movente da graça e da mediação divina, para ser um bom terapeuta das almas e assim mediar o tratamento e os cuidados, em vista da cura espiritual e salvação, do rebanho a ele confiando, ou seja, auxiliando as pessoas a encontrarem o seu caminho interior, reorientando suas vidas para a busca de Deus para chegar à vida feliz. A encarnação do *Logos* em Jesus Cristo, revelou o caminho do retorno pelo qual o homem pode voltar para Deus seu criador e assim, restaurar em si sua condição corrompida pelo pecado, mas disposto a receber a graça para no ato de purificar a alma e se fortalecer na virtude, usufruir e gozar da morada celeste, a Cidade de Deus.

---

<sup>237</sup> Bussanich, 2018, p.441.

<sup>238</sup> Cf. *Confissões* X, 42, 70.

## CAPÍTULO TERCEIRO

**Continência e tríplice tentação (*Confissões* X, 28, 39 - 39, 64)**

Neste capítulo da dissertação, analisa-se a segunda parte do Livro X das *Confissões*, pode-se constatar um ponto sutil, no entanto, muito profundo naquilo que tange à relação da memória e da vida feliz com a continência e a tríplice concupiscência. À primeira vista, é comum certo estranhamento e ronda um questionamento: como relacionar memória, vida feliz, continência e concupiscências?

Respondo afirmando que, essa relação é possível e necessária visto que, revela como Agostinho compreende a dinamicidade do desejo humano em sua própria natureza e em sua condição existencial, bem como o caminho terapêutico da purificação interior que pode conduzir o homem à verdadeira felicidade. Na segunda parte do Livro X das *Confissões* (28,39 – 39,64), Agostinho apresenta um contraponto à sua reflexão sobre a interioridade, introduzindo as concupiscências que podem desviar à vontade na busca de Deus. Suas palavras exprimem uma vitalidade genuína, marcada pelos desafios pessoais do cotidiano, reflexo de sua vivência interior e de sua sincera busca pela verdade, em meio à tentativa de compreender o problema do mal e as consequências do pecado.

Vemos Agostinho confessar e descrever a necessidade de pedir a Deus o dom da continência para superar as três tentações que afligem a vida humana, sendo elas: a concupiscência da carne (*concupiscentia carnis*), a concupiscência dos olhos (*concupiscentia oculorum*) e o orgulho ou ambição do século (*ambitio saeculi*). Para vencer cada uma dessas concupiscências, que podem desviar a vontade e gerar vícios, ele apresenta três remédios que restabelecem a saúde da alma: (1) a reflexão, para resgatar a ordem e o fim para o qual cada coisa foi criada, (2) a busca da Verdade primeira, que ilumina a inteligência por meio da fé e (3) a caridade, que ordena o amor a Deus e ao próximo.

Mas então, quais são as tentações do convertido? O que deixa o bispo de Hipona inquieto e pensativo? Agostinho afirma que até mesmo o homem convertido para o bem, está exposto às tentações nesta vida. Ninguém está isento de passar por tentações neste mundo. Até mesmo ele, passando por todo o processo de conversão pessoal, — entre

lágrimas e aflições em seu coração inquieto —, mesmo reordenando sua vida como batizado e focado na busca de Deus, passou por paixões e tentações diariamente<sup>239</sup>.

Desde a queda do ser humano no pecado<sup>240</sup>, que causou a desordem na interioridade da alma, o homem possui dentro si esta tendência para fazer o mal e uma dificuldade para o bem; eis a consequência da condenação do pecado original, castigo infligido a humanidade desde a origem do desvio da vontade por livre-arbítrio. São Paulo bem expressou este dilema: “Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero”<sup>241</sup>. A dureza da realidade humana, em que o domínio do pecado pesa sobre os ombros do homem, vivenciando em si a divisão interior, caindo na dispersão da multiplicidade das criaturas, fazendo com que a vontade fique fragmentada, esquecendo da plenitude da unidade e de Deus.

Destaco esta realidade dicotômica, na realidade temporal da condição humana, no verso a seguir: “Quando estiver intimamente ligado a ti (*inhaesero*) com todo o meu ser, não haverá dor nem trabalho para mim em lugar algum e toda a minha vida estará repleta de ti. Mas agora (*nunc autem*), já que tu elevas aquele a quem preenches, como não estou repleto de ti, sou um fardo para mim mesmo”<sup>242</sup> (tradução nossa). Agostinho utiliza a palavra *inhaesero* sinalizando uma realidade que está por vir, uma condição futura em que não haverá dor, nem trabalho, nem castigo e penalidade, pois a alma estará unida a Deus em plenitude. Continuando a frase segue uma conjunção coordenativa adversativa (*autem*) – mas/porém -, que condicionam a realidade atual, o momento presente (*nunc*), que se auto reconhece como incompleto (*tui plenus non sum*), sinalizando as adversidades e misérias que afligem o ser humano no mundo; e finaliza, reconhecendo que a condição humana, frágil e enferma, é um peso que se torna fator comportamental podendo reincidir na queda e afastar-se de Deus.

---

<sup>239</sup> A antropologia agostiniana deve considerar as influências e interações dos pensamentos de Agostinho e as realidades que circundavam, sejam elas culturais e o seu tempo, bem como as ideias e pensamentos que ele conhecia: Estoicismo, neoplatonismo, maniqueísmo, pelagianismo, as Sagradas Escrituras, os escritores cristãos do seu tempo. Além de contextualizar o filósofo cristão, é possível se aproximar de um Agostinho como pessoa que tinha suas dificuldades, lutava constantemente com as tentações, buscava na interioridade e no estudo conhecer mais a verdade e poder se aproximar de Deus. Um homem que tinha consciência da sua responsabilidade social, cuidava e ensinava aos cristãos em sua fé, corrigia e apontava os erros e desvios que afastaram o homem de Deus, e mesmo contra sua “vontade”, assumiu com a missão episcopal, por amor de Deus, para zelar pelo bem do rebanho do Senhor.

<sup>240</sup> Cf. Gn 3, 1-13: relato bíblico no qual é narrado a origem do pecado na desobediência de Adão e Eva ao mandato de Deus, proibindo de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

<sup>241</sup> Non enim, quod volo bonum, facio, sed, quod nolo malum, hoc ago. Rm 7,19.

<sup>242</sup> Cum inhaesero tibi ex omni me, nusquam erit mihi dolor et labor, et viva erit vita mea tota plena te. Nunc autem quoniam quem tu imples, sublevas eum, quoniam tui plenus non sum, oneri mihi sum. *Confissões* X, 28, 39.

Agostinho em sua sabedoria, porém, em vista de não simular um “novo dualismo maniqueísta”, destaca a importância do discernimento pessoal, a reflexão sincera e exame minucioso da própria consciência, com o escopo de evitar a lei do pecado em seus membros e buscar a vida no Espírito junto de Deus. Essa ascese tem o objetivo de fortalecer sua alma em seu desenvolvimento e purificação espiritual, proporcionando uma prática constante e cotidiana das virtudes. Devemos entender a ascese<sup>243</sup> além do sentido espiritual e teológico, mas na sua etimologia filosófica, referenciando a normas práticas e rigorosa disciplina na busca de fortalecimento da mente na busca da verdade, da virtude e da perfeição ética, para purificar a alma e assim evitar todo prazer e beleza fugaz, mas mantenha perseverante na procura de alcançar a Beleza Eterna e Imutável.

Pensando na ascese e no exercício constante e disciplinado na prática do bem, o que são as virtudes? “A definição mais breve e melhor de virtude é a ordem do amor”<sup>244</sup>. Assim sendo, virtude é o meio pelo qual a ordem moral é instaurada nas ações humanas, dirigindo-as a seu apropriado objetivo final (Cf. Lavere, 2018). As virtudes tornam a alma mais forte para enfrentar os conflitos e obstáculos que podem se deparar no caminho da pessoa que talvez seja um motivo para desviá-la e seduzí-la:

O homem virtuoso faz o bem com alegria e por amor ao bem, e não, por exemplo, por medo de punição. [...] Segundo Agostinho, a virtude não produz *per se* alegria e felicidade, como pensavam os estóicos, mas ela conduz a uma vida que tem esperança na felicidade, mas não a atinge por causa dos fardos irrevogáveis da vida terrena. (BRACHTENDORF, 2020, p.273).

Em outros termos, a virtude em si não causa a alegria e felicidade, mas a virtude indica o como se aperfeiçoar enquanto humano, na esperança de alcançar a vida feliz. A pessoa virtuosa tem consciência das suas próprias ações, pois sabe onde deseja chegar, por isso tem esperança de que sendo fiel ao seu propósito, a realização da sua felicidade será uma consequência dos seus atos e atitudes. Um detalhe importante, mesmo tendo este protagonismo na liberdade de escolha das próprias decisões, Agostinho sabe que precisa da graça de Deus para iluminar sua mente e purificar sua alma, reordenando sua vontade para possuir Deus em plenitude. Uma das formas de restaurar à vontade (*volutas*),

---

<sup>243</sup> áskēsis (ἄσκησις).

<sup>244</sup> Definitio brevis et vera virtutis ordo est amoris (civ. 15, 22). Lavere, 2018, p.966.

não se deixar que seja corrompida (*cupiditas, libido*), consiste no exercício das quatro virtudes cardeais, sendo elas: (a) prudência; (b) temperança; (c) fortaleza e (d) justiça<sup>245</sup>.

A prática constante e diária das virtudes são uma ascese, em vista de examinar a própria consciência, reconhecer as próprias fraquezas, procurar o auxílio da graça divina, e se fortalecer a cada dia para ter saúde e ânimo de seguir o itinerário de peregrinação da alma rumo a Deus. E não podemos esquecer o pano de fundo que motiva o intelecto e auxilia no discernimento de Agostinho que é o amor (*caritas*), o ordenamento do amor, que tornar-se-á o critério pelo qual a razão analisará e poderá decidir com maior clareza, direcionando sua rota para chegar a Deus, porque ele nos amou primeiro<sup>246</sup>. Se a condição humana se tornou um peso para Agostinho, tornando-se um peso para si mesmo, ao deslocar sua vida, voltando para busca da verdade em Deus, o amor por si e pelas criaturas de transforma e se converte em amor ao Criador, onde seu ser irá gravitar na órbita divina, o seu peso é o amor<sup>247</sup>. Uma vez que o amor é o seu peso, a pessoa inquieta se submeterá à Deus que o atrairá novamente para o lugar de onde partiu, agora neste retorno reencontrará tranquilidade e repouso na plenitude do Eterno. Quando não há esta submissão da vontade a ordem divina, ela tende seu peso para as criaturas, confundindo a beleza da criação com a Beleza Imutável do Criador, por isso, sua vista fica ofuscada impedindo que a inteligência veja a luz da Verdade Eterna e não se satisfaça com os fantasmas que ocupam o espaço de sua memória.

E quando as deficiências do homem, sua ignorância e dificuldades para praticar o bem, prevalecem e sobrecarregam sua vida inclinando-se a fazer o mal, ao invés de superadas com a prática das virtudes, ele cai no vício. “A concupiscência é um vício porque é contrária à razão, resiste ao espírito, estimula o ilícito e é um castigo pelo pecado de Adão”<sup>248</sup>. O vício (*vitium*), etimologicamente, significa falta, falha ou defeito, no sentido de se corromper, perverter-se ou deprava-se. Acaba se tornando uma doença, que afeta profundamente a personalidade, fazendo a pessoa enganar-se e enganar, ou usar a outrem, colocando-se em posição de superioridade, poder e prestígio, diminuindo ou menosprezando o outro como inferior.

---

<sup>245</sup> Cf. *Livre arbítrio* I, 13, 27.

<sup>246</sup> Cf. 1 Jo 4,19: quoniam ipse prior dilexit nos.

<sup>247</sup> Corpus pondere suo nititur ad locum suum. [...] Minus ordinata inquieta sunt: ordinantur et quiescunt. Pondus meum amor meus; eo feror, quocumque feror. Dono tuo accendimur et sursum ferimur; inardescimus et imus. Ascendimus ascensiones in corde et cantamus canticum graduum. *Confissões* XIII, 9, 10.

<sup>248</sup> Mariones, 2022, p. 181.

Agostinho faz uma pequena distinção de dois tipos de concupiscência dentro da sua classificação: (1) **reatus concupiscentiae**: Pertence à essência do pecado original o reato da concupiscência (*reatus concupiscentiae*), que consiste na regeneração espiritual. A pena é apagada no batismo<sup>249</sup>. Esse reato, pela encarnação e sacrifício de Jesus Cristo, que nos deixou o sacramento do batismo, o homem pode ser regenerado, toda a culpa cancelada, perdoada pela paixão, morte e ressurreição do Salvador. (2) **qualis nunc est**: É a outra espécie de concupiscência é aquela que existe atualmente (*qualis nunc est*), que se assemelha à tendência, aquilo que predispõe a pessoa a agir de certa forma ou seguir determinado caminho oposto, semelhante a tentação que os primeiros pais, Adão e Eva, vivenciaram conforme o relato do Gênesis. Sendo essa uma concupiscência desordenada, que se rebela, como consequência do pecado original, privando-nos da graça e presença de Deus<sup>250</sup>. A pessoa ao ouvir a sugestão do tentador, é induzida ao engano, e com a vontade dividida, move-se contrariamente à ordem preestabelecida, caindo no erro e desviando-se.

Examinar a própria consciência, o seu eu interior e orientar a vontade para manter-se no caminho do bem, sob a direção da razão iluminada, faz parte da jornada existencial do homem, exposto a todo tipo de males externos como doenças, guerras, morte, ou por males internos como tentações, paixões desordenadas, vícios e sombras. Pois quando acontece o contrário, a razão se submete às paixões, eis aí a essência do pecado e a desordem da natureza humana. De livre que era, por abuso da vontade livre, o homem se torna escravo das suas paixões e vícios, desviando do caminho de perfeição e beatitude, voltando-se contra a Deus e seu amor (*caritas*).

É necessário lembrar quais as motivações que impulsionam Agostinho em sua peregrinação da alma pela sua interioridade, como destaca Brachtendorf (2020, p. 274): “Todavia, como mostra o décimo livro, a diferença entre o bem e o mal não está simplesmente no consentimento ou recusa da vontade, mas sim na motivação com que esse consentimento ou essa recusa são dados”. O modo pelo qual se usa os impulsos naturais, destaca que a natureza humana é boa, pois foi criada por Deus. Nesse pensamento, Agostinho se posiciona mais uma vez contra a noção dos maniqueus da matéria como má, como também se contrapõe aos pelagianos que desconsideram toda ação da graça divina e seu auxílio na história da humanidade, num relacionamento íntimo

---

<sup>249</sup> Cf. *Livre-arbítrio* III, 28, 52. Nota 35, sobre a pena do pecado original.

<sup>250</sup> Cf. Rm 3,23: omnes enim peccaverunt et egent gloria Dei.

com Deus. Nisso, percebemos a noção moral de intencionalidade operada pelo espírito, na realidade humana, temos o movimento dinâmico da: *intentio*, que significa concentração ou unificação da alma em si mesma na tentativa de fixar sua atenção em Deus ou para Deus; e da *distentio* que é o desviar-se desta mesma direção na medida em que o pensamento deambula, divaga, tergiversa e, portanto, dispersa-se na multidão das possibilidades cambiantes que a imaginação lhe oferece<sup>251</sup>.

Esse tal impulso pode ser aceito por amor a Deus, sendo uma motivação boa, que o impele a fazer tudo em vista de estar mais próximo de Deus, de conhecer a plenitude da verdade deixe-se inundar por sua luz, ou repellido esse impulso por causa do amor a si mesmo que é uma motivação má, abrindo a possibilidade do desvio do propósito pessoal e desorientar-se do bem, afastar-se da presença de Deus, da sua luz e enganar-se com falsidades. “Essa recomendação não representa, contudo, uma condenação da natureza, mas antes uma medida de precaução em face da inconfiabilidade do homem no trato da sua natureza”<sup>252</sup>. Essa medida de precaução, em face da debilidade e falta de confiança no homem, na relação recíproca com ele mesmo, nem sempre ouvindo a voz do Mestre interior que o orienta ao caminho da verdade. Muita prudência, para discernir e analisar a natureza humana e o direcionamento da sua intenção, por meio do seu agir. Agostinho se sente inseguro em relação a julgar a sua natureza humana: “Não pode confiar facilmente em si, pois o interior permanece muitas vezes desconhecido, se não o revela a experiência”<sup>253</sup>. Pois pode ser que ele estivesse enganado, ninguém deve se sentir seguro nesta vida, uma vez que está cercado por diversas tentações.

Se a pessoa deixar que a paixão (*pathòs*) mande nela, tomar as decisões da sua vontade, sendo dominado por ela, será norteadado para libidinosidade e perversões sensuais da carne, se tornará um tolo e desajuizado. Por isso, é necessário submeter a concupiscência, para poder servir a Cristo, e não deixar que as próprias paixões o dominem e o desvirtuem. Mas é possível viver uma nova vida, com o auxílio de Deus, por meio da razão e do espírito (*animus*), deixando-se esclarecer pelos seus ensinamentos, para seguir a verdade e buscar a Deus com o coração purificado e alcançar no final da jornada, a bem-aventurada plenitude, a vida feliz. Então, faz-se necessário o autodomínio

---

<sup>251</sup> Almeida, 2016,188.

<sup>252</sup> Brachtendorf, 2020, p.275.

<sup>253</sup> “Non facile sibi credendum existimet, quia et quod inest plerumque occultum est, nisi experientia manifestetur”. *Confissões* X, 32, 48.

diante das tentações e pedir a Deus o dom da continência, “dai-me o que ordenas e ordena o que queres”.

A submissão às paixões e desejos, ao juízo da razão é de extrema importância, para poder diferenciar as motivações no exercício das atitudes e dos atos. A continência, que pode ser compreendida também como virtude da temperança, auxilia no exercício da moderação, por consequência da conservação da saúde, do bem-estar e analisar o prazer. Contudo, essa continência não é possível em todos os casos, pois o próprio Agostinho disse que é possível abster-se das relações sexuais, renunciando totalmente, enquanto o ato de comer e beber são fundamentais para a manutenção da vida humana, para a autoconservação. Eis que surge um dilema: Qual a justa medida para saciar a fome e não cair na gula? “A pergunta decisiva para ele é, antes, se comemos e bebemos pela autoconservação ou pelo prazer”<sup>254</sup>.

Diante disso, faz-se mister conhecer melhor a condição humana pelo testemunho de Agostinho e o modo como interpreta as duras e conflitantes realidades da existência humana. E nesse processo terapêutico, de cuidar de si mesmo, conhecer as luzes e as sombras, os conhecimentos conscientes de nosso eu que trazemos em nossa memória, observar o que o desconhecemos que diz por meio dos sonhos, símbolos, analogias que manifestam uma dimensão da interioridade que vai sendo desvelada e conhecida, como também sendo limpa e curada. Para dedicar um amor integral a Deus, é necessário percorrer o caminho do exterior para o interior de si mesmo, em cada curva e relevo, observar todo o universo que se apresenta para nós, assim se iluminando pela luz divina, buscando a verdade, alcançar-se-á o encontro feliz com Deus, na bem-aventurada plenitude o paraíso restaurado na pessoa humana.

## **1. Continência e condição existencial humana**

A continência agostiniana, a partir da compreensão dos seus escritos consiste no controle de si mesmo diante de todo apetite desordenado. Na época de Santo Agostinho, entre o final do século IV e começo do V, os cristãos tendiam a limitar o termo continência somente ao sentido do controle e renúncia sexual<sup>255</sup>. Essa visão não coaduna com o

---

<sup>254</sup> Brachtendorf, 2020, p.275.

<sup>255</sup> Schlach, 2018, p. 271.

pensamento de Agostinho sobre a continência. A fixação em relação a continência na vida sexual, que fora um drama e luta do engajamento de Agostinho no seu processo de conversão, não diminuiu a compreensão mais ampla e o discernimento do lugar que cabe a continência na realidade da vida moral. Mesmo uma apresentação do sentido mais amplo da continência teria permitido esclarecer a abordagem cristã da economia, da violência e da guerra, tanto quanto da sexualidade (*libido*). A continência significa, em suma, buscar a plenitude da liberdade em Deus, não mais deixar-se escravizar pelo pecado e pelo amor a si mesmo e às criaturas (amor imanente), mas sempre transcender e alcançar que enleva e eleva a Deus (amor transcendente).

Chegamos em uma parte de difícil compreensão e exigente atenção, a respeito da continência. Diante dos desafios e dificuldades da vida humana, o mais sensato a se fazer é pedir o auxílio divino. Nesse trecho, seguindo o exemplo de Salomão, o Rei mais sábio de Israel, Agostinho se dirige com toda humildade ao Senhor e faz sua oração, pedindo a graça de viver num corpo sem mancha, semelhante a alma boa e pura, antes da união com o seu corpo<sup>256</sup>: “E quando eu soube que não poderia ser continente de outra forma, a menos que Deus me desse e isso em si era uma questão de sabedoria para saber de quem era esse dom, eu fui até o Senhor e orei a ele e disse com todo meu coração”. Agostinho conhece os pecados e a impureza que a própria sensualidade corporal pode causar e o desvio da vontade acabam maculando e pervertendo a própria alma. Respalhando pelo livro da Sabedoria, Agostinho além de recordar um dos primeiros temas dos seus escritos filosóficos sobre a preexistência da alma e sua existência eterna ao ser criada por Deus na eternidade, lembra-se da necessidade de pedir a Deus, de todo o seu coração, que lhe conceda o dom da continência. Consequentemente, desenvolvendo esse dom, poderia discernir com maior clareza e direcionar os seus atos com mais sabedoria, fortalecendo-se no exercício das virtudes para tornar-se a cada dia uma pessoa feliz.

Sem a continência pode-se perder a sabedoria e a unidade, perder-se na multiplicidade, tornando-se escravo das criaturas, ou das concupiscências e ao mesmo tempo afastar-se e virar-se contra o próprio criador. Quando se ama uma criatura por ela mesma, desvia-se do princípio do amor verdadeiro. Tudo deve ser amado, cada qual na

---

<sup>256</sup> Cf. Sb 8,21: “Et ut scivi quoniam aliter non possum esse continens nisi Deus det et hoc ipsum erat sapientiæ scire cujus esset hoc donum adii Dominum et deprecatus sum illum et dixi ex totis præcordiis meis”. [E, como eu sabia que não poderia ser continente de outra forma, a menos que Deus o concedesse, e era muito sábio saber a quem pertencia esse dom. E eu orei ao Senhor e disse de todo o meu coração]. (Vulgata Latina).

sua medida, no princípio da ordem do amor (*ordo amoris*). Faz-se necessário buscar constantemente reordenar o amor, pois o amor (*caritas*) jamais acabará<sup>257</sup>, nunca falhará, ele é eterno. “Através da continência, de fato, somos recolhidos (*colligimur*) e reconduzidos (*redigimur*) à unidade, da qual nos dispersamos na multiplicidade”<sup>258</sup> (tradução nossa).

O que Deus me ordena é viver o amor ordenado, ponto essencial e mais importante desta segunda parte do livro X das *Confissões*. O amor arde em seu coração: “Ó caridade, meu Deus, inflama-me”, Agostinho pede a Deus que possa se consumir de amor (*caritas*). O amor ordenado ama a todos por amor a Deus, oferecendo amor a cada coisa, conforme a hierarquia das coisas criadas. Mas em primeiro lugar todo amor e devoção a Deus, depois ao próximo, pois amamos o nosso próximo por amor de Deus. “Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém o amor ordenado”<sup>259</sup>. ser perfeito avaliador, aquele que vai discernir e analisar as coisas e qual o grau de amor que a elas compete, esse é o homem que vive na sua existência o amor ordenado. Significa que não vai amar a coisa em si, ou por amor a coisa, ou por amor a si mesmo, mas tudo por amor a Deus. Ama-se por causa de Deus, porém, somente Deus por si mesmo é digno de amor.

Deus impõe ao homem a continência, ordenando o coração e a alma para o amor a Deus e serviço da comunidade; reconduzir à unidade da graça, o que a perversão da vontade desviou para a multiplicidade da concupiscência. Agostinho entre 395 ou 420<sup>260</sup>, escreveu o *Sobre a continência*: “[...] versa sobre a batalha contínua travada pelo cristão contra todos os desejos possíveis que levam ao vício; em outras palavras, contra a ‘concupiscência da carne’”<sup>261</sup>. Deus é transcendente, criador e sustentador de tudo no ser, sem o qual nada existiria. E a ordem dessa autoridade mostra uma hierarquia ou ordem,

---

<sup>257</sup> Cf. 1 Cor 13, 8: A caridade jamais passará; *Caritas numquam excidit*.

<sup>258</sup> Per continentiam quippe colligimur et redigimur in unum, a quo in multa defluximus. *Confissões* X, 29, 40.

<sup>259</sup> *A doutrina cristã* I, 27, 28.

<sup>260</sup> Há divergência entre estudiosos quanto a datação da obra *De continentia*, onde contém uma polêmica explícita contra os maniqueístas, por isso é datada entre os anos de 395-396, entre as obras antimaniqueístas de Agostinho. Mas também aparece argumentos antipelagianos, então pode ser datada entre 418-420, uma vez que o conflito com os Pelagianos que não acreditavam no pecado original e sua transmissão a humanidade, e por afirmarem que a vontade da salvação é conquista exclusiva do esforço pessoal, retirando todo auxílio da graça divina.

<sup>261</sup> Hunter, 2020, p. 273.

em que tudo acontece de forma harmônica em direção a um fim glorioso e plena comunhão com a unidade.

“Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra criatura, sem amá-la por tua causa. Ó amor, que sempre ardes e não te extingues jamais! Ó caridade, meu Deus, inflama-me!”<sup>262</sup> Ordenar o amor para o criador e não o concentrar exclusivamente na criatura em si mesma. A imagem do amor para Agostinho é representada metaforicamente pelo fogo que arde, queima e não se apaga, essa fagulha de amor divino, que incendeia o coração inquieto é a caridade (*caritas*).

Agostinho define o amor de caridade da seguinte forma: “Chamo caridade ao movimento da alma cujo fim é a fruição de Deus por ele próprio, e a fruição de si próprio e do próximo por amor de Deus”<sup>263</sup>. E o amor de concupiscência (*cupiditas*): “Chamo, ao contrário, concupiscência ao movimento da alma cujo fim é fruir de si própria, do próximo e de qualquer objeto sensível, sem referência a Deus”<sup>264</sup>.

Em um comentário sobre a estrutura de *Confissões*, dissemos que os livros I-IX giram em torno da sua libertação da tríplice concupiscência descrita na *Primeira Carta de João* (2,16): a concupiscência da carne (sensualidade), a concupiscência dos olhos (curiosidade), a soberba da vida (orgulho). Mas quando Agostinho, na segunda metade do livro X, volta-se “para a análise das tentações que continua a experimentar como bispo, as três concupiscências joaninas compreendem os pecados que dizem respeito a todos os âmbitos da vida humana (10, 21-66)”<sup>265</sup>.

A continência mais elevada, é a do coração: “É no interior do coração ou da alma que se encontram as raízes de todas as ações, aquele que tem a continência do coração será, ao mesmo tempo, continente em atos e palavras”<sup>266</sup>, por isso, a continência é um dom divino, uma graça e deve ordenar o amor por Deus, permanecer estável nesta nova vida, revestindo-se diariamente do Senhor Jesus Cristo<sup>267</sup>.

---

<sup>262</sup> “O amor, qui semper ardes et numquam exstingueris, caritas, Deus meus, accende me!” (*Confissões* X, 29, 40).

<sup>263</sup> *Sobre a doutrina cristã* 3, 10, 16; *Confissões* 13, 7, 8.

<sup>264</sup> *Idem*.

<sup>265</sup> Schlach, 2018, p. 272.

<sup>266</sup> *Sobre a continência*, 3-5.

<sup>267</sup> *Confissões* 7, 23; 9, 29; Rm 13,14.

O espírito divino concede força (*virtus*) para deter, dominar e superar a concupiscência<sup>268</sup>. A continência é a purificação e ajuste de foco no estar em Deus. A mais grave incontinência é o orgulho (primeiro pecado de origem), o querer se gabar de algo que não é seu, mas que foi dado pelo próprio Deus<sup>269</sup>.

“Ouço, creio e obedeço quanto posso; peço a ele insistentemente para que eu possa ainda mais, a não ser que talvez queiras de mim algo a mais”<sup>270</sup>. Agostinho conversando com sua razão, no período do retiro em Cassiciaco, preparando-se para o batismo, vai aos poucos restaurando o seu coração para que esteja com os ouvidos atentos ao chamado de Deus, tenha um coração aberto para acolher com fé e disponibilidade ativa para obedecer ao que o Senhor ordenar.

## 2. A tríplice Concupiscência

O tema da concupiscência é de grande relevância para Agostinho, pois observa a catástrofe que foi causada no seu interior, uma cisão interna que o dividiu, sendo este acontecimento uma desgraça que corrompe e destrói a personalidade, além de gerar inúmeros conflitos morais e emocionais no seu íntimo. Misteriosa fraqueza moral da condição humana em decorrência da perda da proteção moral de Deus, de quem o homem se afastou, após desobedecer a Deus e cair no pecado<sup>271</sup>.

A noção agostiniana de concupiscência acaba estando associada a doutrina da graça, ou seja, a concupiscência é o sinal inicial e último da ausência ou falta de graça na vida humana. “Ela é a consequência imediata da retirada da graça divina no momento da queda e só aparecerá definitivamente quando a plenitude da graça por fim for dada”<sup>272</sup>. Uma existência desgraçada, totalmente voltada para as criaturas e com as costas virada para o criador, em que o homem vai se despersonalizando, seus olhos estão como que fechados e se contenta em usar as coisas como fim em si mesmas, pervertendo o sentido e a ordem do amor.

---

<sup>268</sup> *Sobe a continência*, 12; in HUNTER, 2018, p. 274.

<sup>269</sup> *Sobe a continência*, 1; 13 e 26.

<sup>270</sup> *Solilóquios* I, 29.

<sup>271</sup> Cf. Gn 3,1.

<sup>272</sup> Burnell, 2018, p.256, citando *A cidade de Deus* 14,15 e 25.

Analisa-se o que diz Agostinho sobre cada uma destas três concupiscências, que afetam profundamente o íntimo do homem, fazendo que vire as costas para Deus esquecendo suas origens e essência. As três tentações que afligem o homem, consistem:

1. A concupiscência da carne (*concupiscentia carnis*);
2. A concupiscência dos olhos (*concupiscentia oculorum*);
3. O orgulho ou a ambição do século (*ambitio saeculi*).

A partir do momento que o homem nomeia e conhece suas limitações e fraquezas e quais as tentações que pode encontrar na sua caminhada existencial, a alma fica mais atenta a essas armadilhas e não deixa se desviar por aquilo que parece atraente. Mas, no fundo é uma ilusão ou fantasia, na qual a vontade fazendo uso das imagens contidas e retidas na memória, cogitam e unem situações e vivências, criando possibilidades que irão satisfazer os desejos da carne, o prazer dos olhos e dar a sensação de poder sem limites. Passemos a analisar cada uma das concupiscências a partir da leitura do livro X das *Confissões*.

### 1.1. A *CONCUPISCENTIA CARNIS*

A primeira das concupiscências analisadas por Agostinho é a concupiscência da carne, que “consiste no prazer de todos os sentidos e voluptuosidade, prazeres que fazem perecer todos que o servem afastando-os de ti”<sup>273</sup>. O Doutor da Graça reconhece que os prazeres da carne, por meio dos órgãos dos sentidos, por se envolverem tanto nesta tentação, acabam adoecendo e a alma sofrendo, pois a cada ato consentido de pecado, ela se afasta ainda mais de Deus.

Grosso modo, numa leitura moralista, ou levando em conta apenas o sentido teológico, corre-se o risco de se prender apenas nas aparências daquilo que Agostinho está descrevendo. Mas a questão filosófica que está por detrás dessa situação, diz respeito às fantasias, as imagens que estão presentes na mente humana e essas imagens revolvem a alma, pois criam situações fictícias e oníricas que envolvem os sentimentos e desejos mais profundos. Esse ciclo libidinoso manifesta a fraqueza e debilidade da condição humana, que, mesmo com todo escrúpulo e controle excessivo dos pensamentos e ações,

---

<sup>273</sup> Cf. *Confissões* X, 35, 54.

é incapaz de controlar os próprios sonhos e ficções carnis que seduzem e submetem a alma em seu ponto mais vulnerável.

Por qual razão Agostinho nos apresenta repetidas vezes essas imagens exageradas da perversão dos sentidos? Porque ele nunca se esquece de que é um ser sensorial e corporificado entre outros seres do mesmo tipo. Afinal, o modo pelo qual os sentidos são usados é de suma importância. E por meio dos sentidos que podemos obter sinais de Deus. E por meio dos sentidos que podemos ser afastados de Deus. (CONYBEARE, 2020, p.123)

Se em *Confissões X*, 27, 38 temos a perfeição dos sentidos da carne, todos purificados e reorientados para Deus, por outro lado em *Confissões X*, 31, 43 – 34, 53 encontramos a realidade inversa, mostrando como a percepção sensorial, por estar pervertida, afasta Agostinho de Deus e pode conduzi-lo a reincidir nos vícios e pecados. Agostinho chama atenção para o reto uso dos sentidos, uma vez que são eles o canal entre o divino e o mortal<sup>274</sup>. Vejamos através das palavras de Agostinho, nesta parte do Livro X, seu próprio exame de consciência, onde analisa seus pensamentos e atos, pedindo perdão pelas fraquezas, suplicando a graça e misericórdia de Deus para superar suas dificuldades e costumes. Vamos perpassar por cada um dos sentidos destacando o que Agostinho evidencia com maior veemência.

#### **a) A tentação da sexualidade (tato)**

Agostinho começa falando sobre a sensualidade, recordando imagens e lembrando das sensações de atos libidinosos que vem à sua memória e até o momento presente, causam ainda excitações e desejos carnis. O tato diz respeito a toda dimensão externa que envolve nosso corpo. Nosso filósofo se inquieta diante das lembranças dos toques e experiências carnis que teve vivência e ficaram retidos na sua memória, isso o faz questionar até que ponto tem controle ou não sobre pensamentos e fantasias que habitam a sua mente. Quando acordado e em vigília, consegue driblar ou reprimir estas fantasias vindas por meio dos pensamentos; mas quando está dormindo, sem ação da razão, as fantasias envolvem em sonhos, suas vontades que pulsam e ardem nesta realidade onírica, causando até mesmo espasmos e simulação dos atos como se estivesse vivenciando na realidade aquilo que está se projetando durante o sono<sup>275</sup>. E reflete em sua oração:

---

<sup>274</sup> Conybeare, 2020, p.119.

<sup>275</sup> Cf. *Confissões X*, 30, 41-42.

“Senhor meu Deus, nesses momentos será que eu já não sou eu? E por que tanta diferença dentro de mim mesmo, quando passo da vigília ao sono e vice-versa?”<sup>276</sup>. Será que não sou mais eu quando durmo e estar acordado é o que define a minha consciência de indivíduo? Onde está a razão que poderia resistir e censurar estes pensamentos e fantasias que poluem o estado de dormência? Agostinho, nesta cadeia de questionamentos, está procurando a verdade e compreensão do si mesmo enquanto está desperto, o que acontece quando está em torpor e a razão parece se isentar.

### **b) As tentações do paladar**

Neste ponto, Agostinho não se sente seguro, está em uma situação de incerteza: qual seria a justa medida de alimento para manter a saúde da alma e sustentar a vida corporal, qual seria o excesso que desperta a gula e se lambuza no prazer? Isto é um dilema de difícil solução para examinar na consciência.

Ele reconhece que esta necessidade de se alimentar lhe agrada, porém luta contra essa atração para não ser dominado e voltar a ser escravo do prazer de comer por comer. Por isso, se impõe cotidianamente jejuns, abstenção de alimentos e condimentos, fazendo guerra ao próprio corpo e às fraquezas e debilidades na alma. Mas o perigo do prazer está sempre rondando sua mente, se questiona qual seria a justa medida para que o alimento fosse remédio para manter a saúde e a vida e não um vício, uma cilada da gula.

Santos (2002, p. 24) em sua proposta de leitura do livro X das *Confissões*, diz que Agostinho reflete onde se entrecruzam a psicologia da pessoa e o seu juízo moral: “O que é suficiente para a saúde é muito pouco para o prazer (*quod saluti satis est, delectationi parum est*)”.

“Exposto a essas tentações, combato todos os dias contra a concupiscência do comer e beber; pois não é possível neste campo cortar tudo, de uma vez por todas e não mais cair, como fiz em relação às tentações da carne”<sup>277</sup>. Sempre será necessário se alimentar, porém com modéstia, sem exageros, para que o corpo não se torne um peso para a alma. Membros enfermos do seu corpo, que pecam, são gulosos, comem mais do que o necessário para sobreviver, acabam comendo por comer, pelo simples gosto de se

---

<sup>276</sup> Numquid tunc ego non sum, Domine Deus meus? Et tamen tantum interest inter me ipsum et me ipsum intra momentum, quo hinc ad soporem transeo vel huc inde retransio! *Confissões* X, 30, 41.

<sup>277</sup> *Confissões* X, 31, 47: In his ergo temptationibus positus certo quotidie adversus concupiscentiam manducandi et bibendi: non enim est quod semel praecidere et ulterius non attingere decernam, sicut de concubitu potui.

fartar nos sabores e experiências gastronômicas, que o sentido pode proporcionar de modo desordenado.

### **c) As tentações do olfato**

Algo que não preocupa Agostinho, pois se sente preparado para se abster e não tem necessidade de buscar, são os odores, perfumes e fragrâncias; quando não há cheiro ou odor, não sai a procura, mas caso esteja presente aprecia. No entanto, lá no mais íntimo não tem muita certeza, pois tem consciência da sua debilidade e fraqueza. A humildade e prudência, as lembranças da sua vida antes da conversão cristã, colocam seus pés no chão, fazendo com que não seja soberbo pois sabe de que barro é feito<sup>278</sup>. Recorda um texto sapiencial de Jó que diz, “E ninguém deve sentir-se seguro nesta vida, pois toda ela se chama tentação”<sup>279</sup>, pois o íntimo do homem é desconhecido, ou seja, a vida humana é ambivalente, uma vez que uma pessoa pior pode se tornar melhor, ou ao contrário, sendo ela melhor vir a descer e mudar para pior.

Quando se está nas trevas do desconhecimento, as cavernas obscuras da mente humana, nossas reais capacidades não ficam evidentes, nossas forças ficam ocultas, permanecendo desconhecidas, até que aconteça uma vivência, o gatilho seja acionado e seja revelado o modo como realmente se é, ou se reaja a essa determinada situação. Em outros termos, ninguém está seguro nesta vida, ou se conhece por completo e de modo integral, somos também um enigma para nós mesmos. Podemos relacionar algo que não pode ser “visto”, porém, percebido pelo odor com o desconhecimento de si. Assim como não vendo o fogo, através da fumaça relacionamos que algo está queimando, deste modo também a percepção de Agostinho, mesmo não constatando ou buscando as fragrâncias e perfumes para deleite, pode despertar através deste sentido uma tendência ao vício e tornar-se um homem pior. A relação cheiro e desconhecido, só a experiência revela o sentido e significado que determinado conhecimento de um cheiro pode ativar a memória de uma vivência sensitiva.

### **d) As tentações do ouvido**

Nesta altura, chegamos em um texto bem complexo. A reflexão de Agostinho reconhece que os prazeres do ouvido o escravizam e o escravizam com maior afinco,

---

<sup>278</sup> Cf. Gn 2,7; Jó 10,9; 2 Cor 4, 7-12; Is 64,8; Jr 18, 2-6.

<sup>279</sup> Cf. Jó 7,1; *Confissões* X,32, 48.

porém, há uma base no entrecruzamento de quatro momentos em sua análise sobre essa tentação<sup>280</sup>: (1) o ouvido (*soni, vox, vox atque cantus*); (2) o *affectus* interior (*cor, religiosus et ardentius, flamma pietatis, affectus spiritus nostri, occulta familiaritas*); (3) o significado inteligível (*eloquia tua, sententiae, sancta dicta, mens, ratio*); (4) o juízo de valor (*dignitatis locum, honor proprios modos, saepe me fallit, pecco*). Não podemos esquecer que Agostinho escreveu um tratado sobre a música, portanto, podemos constatar o quanto essa era de grande importância para ele.

(1) O ouvido, na sua capacidade de ouvir as músicas, melodias e harmonias, ritmos e timbres; faz parte da antropologia humana o modo de expressar e fazer ressoar uma bela harmonia. “Sinto que todos os nossos afetos interiores encontram na voz e no canto um modo próprio de expressão, uma como misteriosa e excitante correspondência”<sup>281</sup>. Essas melodias, entoadas com arte e suavidade, têm grande espaço em Agostinho, nelas encontra descanso; porém, atento a não dedicar tempo além do que seja conveniente.

(2) O *affectus* interior, o que a música toca na alma, desperta para sublimidade, enleva o homem a uma experiência de transcendência, pelos sons harmonizados que ecoam pelo ar. A melodia, pode despertar a alma a um fervor piedoso mais devoto e mais ardente, ou seja, uma música bem executada ou uma melodia bem cantada, pode conduzir a pessoa a uma vivência religiosa de encontro com Deus e consigo mesma, sua emoção a motiva a uma ação, uma transformação de si mesmo e a busca para estar em sintonia com a melodia agradável. Agostinho sente que no atual momento de sua vida, o que mais lhe pesa e se torna ocasião de pecado e desvio, é o risco de escutar as melodias por elas mesmas, pelo deleite e prazer que lhe proporcionam, não como um meio para expressar e manifestar a sua devota e piedosa oração ao Senhor.

(3) O significado inteligível, em que os sentidos devem acompanhar a razão, e não o contrário, levando ao enfraquecimento do espírito.

(4) O juízo de valor, examinando a consciência quando os sentidos se envolvem com a melodia e as palavras da música são ignoradas: “No entanto, muitas vezes me seduzem os prazeres da carne, aos quais não se deve permitir que enfraqueça o espírito, os sentidos não acompanham a razão, aceitando a posição subalterna:

---

<sup>280</sup> Santos, 2002, p.25.

<sup>281</sup> *Confissões* X, 33, 49.

tendo sido aceitos apenas para servi-la, procuram precedê-la e guiá-la. Desse modo, peço sem consentimento, mais tarde a reflexão me adverte”<sup>282</sup>. Agora, sente-se atraído pela letra das músicas para além das melodias quando entoadas com voz límpida e modulação apropriada, sendo de grande utilidade esse costume na vivência religiosa por meio da música.

Por outro lado, mais raramente, pode se pecar por excessiva severidade, ao querer privar os ouvidos e de toda comunidade eclesial, das suaves melodias utilizadas para acompanhar o Saltério de Davi.

A vivência musical, ativa determinada área do campo da memória, que retém uma associação de uma forte experiência vivenciada, Agostinho se recorda e emociona com os belos cânticos que eram entoados na Igreja no início da sua conversão à fé cristã. Isso atinge sua memória afetiva, por toda emoção e sentimento, que envolveu sua escolha naquele momento de renascimento por meio do batismo, pelas mãos de Ambrósio em Milão, numa celebração de grande importância para fé católica, a recordação da ressurreição de Jesus Cristo<sup>283</sup>. É um sério problema para Agostinho o prazer do ouvido, tornei-me um problema para mim mesmo, esta é minha fraqueza, eis em que situação me encontro.

#### **e) As tentações da visão**

Agostinho acrescenta um adjetivo a esta tentação da carne: voluptuosidade, a busca intensa pelo prazer e deleite sensual da carne. “Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a luminosidade das cores”<sup>284</sup>. A visão está ligada a curiosidade, o desejo de ver por si mesmo. A distração das cores e formas, tocadas pela luz, alcança Agostinho de diversas maneiras, todos os dias. É interessante o que ele coloca: todos os dias, o homem não tem trégua nessa batalha consigo mesmo, para se manter fiel ao seu propósito, deverá enfrentar cotidianamente os mais variados desafios e batalhas na certeza da vitória em Cristo Jesus, a nossa paz.

Mas sem a luz, a alma de Agostinho se entristece e começa veementemente procurar a luz que está em falta, procura com muita ansiedade, até poder encontrar. Sem luz, a alma humana fica triste, diminuindo as funções cognoscitivas, gerando um

---

<sup>282</sup> *Idem.*

<sup>283</sup> *Confissões X, 33, 50.*

<sup>284</sup> *Confissões X, 34, 51.*

desconforto, em outros termos, procuramos aquilo que sentimos que está nos faltando, buscamos por completude e integração. De fato, a falta de luz solar está ligada à redução de funções cognitivas entre pessoas com depressão (sazonal), uma tristeza que invade a alma, impedindo de ver a realidade.

Transpondo a luz física, Agostinho fala da luz da alma, na interioridade, retomando a teoria da iluminação, quando a pessoa está aberta e deixa-se iluminar pela luz divina, que lhe revela toda verdade, para que possa caminhar, sem tropeçar pelo caminho da vida em direção ao céu. Portanto, a atitude do filósofo cristão é “resistir às seduções dos olhos, para que não se enredam os meus pés ao trilhar teus caminhos”. Deus, sendo o criador de todas as coisas, luz verdadeira, luz única e os que a veem e amam são todos um, abrindo os olhos fechados ou sonolentos, para a visão beatífica, da vida feliz na eternidade.

A beleza exterior pode desviar o olhar para o deleite, desviar o sentido da finalidade para a qual foi feito. Agostinho conhece como essa tentação pode ser um peso para sua alma: “Caio miseravelmente e tu me levantas misericordiosamente, às vezes sem eu perceber, apenas resvalado de leve, às vezes penosamente, por ter ficado no chão”<sup>285</sup>.

Para finalizar esta primeira parte das concupiscências da carne, Agostinho crítica as criações e obras de arte produzidas pelos homens: “Quantas e quantas coisas os homens não acrescentam às seduções da vista”<sup>286</sup>. Quantos entes humanos se deixam levar e seduzir por criações dos homens, falseando a realidade e induzindo ao prazer, ao mesmo tempo abandonam interiormente o próprio criador, dispersando-se na realidade externa, num espetáculo de devassidão e enganos.

Agostinho, por meio da sua reflexão sobre os artistas, quer questionar qual a finalidade e mesmo funcionalidade do que criam, o “para que serve?”. Diferente daqueles que fabricam ou admiram obras externas, algumas pessoas conseguem realizar um julgamento estético, não apenas bem usá-las, vão além, procurando a intenção e a motivação que do artista. A alma do artista que transmite por meio de suas mãos a beleza que procede da Beleza que está acima de nossas almas.

## 1.2. A *CONCUPISCENTIA OCULORUM* OU *CURIOSITAS*

---

<sup>285</sup> *Confissões* X, 34, 53.

<sup>286</sup> *Idem*.

Um segundo tipo de tentação, mais perigosa se comparada com as anteriores, devido à sua complexidade, é a concupiscência dos olhos, a curiosidade pervertida de querer conhecer tudo através da carne simplesmente pelo desejo de conhecer, ou seja, sem nenhuma finalidade ou utilidade em si mesma. “A *curiositas* almeja um prazer desordenado de fazer experiência e de saber (“efeitos teatrais”), observação inútil das obras da natureza, a magia e também, na religião, a procura de “sinais e prodígios”<sup>287</sup>.

Conhecida também como a concupiscência dos olhos, por ser a visão o sentido mais apto para o conhecimento. “Para tudo se usa dizer: ‘Veja’”. Ou seja, “todo o conjunto de experiências que nos vem pelos sentidos é chamado, como já disse, de concupiscência dos olhos”<sup>288</sup>. Os demais sentidos, assumem por analogia a visão. Mesmo que sejam usados outros sentidos no processo de conhecimento, acabamos por dizer “olhe” ou “veja”, chamando a atenção para a vivência sensitiva. Mas Agostinho chama mais a atenção para a finalidade, ou escopo da intenção na qual queremos adquirir ou saber mais sobre tal coisa.

Agostinho faz uma distinção entre volúpia e curiosidade. “A volúpia procura o que é belo, harmonioso, perfumado, agradável ao gosto e ao tato. [...] A curiosidade, pelo contrário, procura o oposto, não pela vontade de se aborrecer, mas para ter a satisfação de tudo vivenciar e conhecer”<sup>289</sup>. Em si seria a vivência pela vivência, a vontade de querer conhecer e ver como é, ou seja, um conhecimento reprovável e inútil, que não conduz o homem à verdadeira sabedoria e à busca pelo conhecimento verdadeiro que tem a finalidade de aperfeiçoar e alcançar a plenitude junto de Deus. Isso significa o desejo de se manter firme no propósito e de boa vontade seguir a vontade de Deus na própria vida. “Uma coisa é levantar-se logo após a queda, outra coisa é não cair nunca”<sup>290</sup>.

E minha vida está repleta dessas misérias. Minha única esperança é a tua imensa misericórdia. De fato, sendo o nosso coração o recipiente de todas essas misérias, e trazendo dentro de si grande quantidade dessas vaidades, nossas orações são muitas vezes interrompidas e perturbadas. E enquanto na tua presença procuramos elevar aos teus ouvidos a voz do nosso coração, não sei de onde provêm tantos pensamentos fúteis a desviar-nos a atenção num ato tão importante. (*Confissões X, 35, 57*).

---

<sup>287</sup> Santos, 2002, p.25.

<sup>288</sup> *Idem*.

<sup>289</sup> *Confissões X, 35, 55*.

<sup>290</sup> *Confissões X, 35, 57*.

Não se dispersar na multiplicidade de estímulos e curiosidades vazias que estão ao nosso redor, mas buscar sempre por meio da contemplação e interiorização, concentrar nossa atenção e ajustar o foco, no caminho para Deus, ascendendo acima da nossa alma e purificando nossa mente de todas as distrações que podem nos desviar do caminho em busca da vida feliz.

### 1.3. O *AMBITIO SAECULI* OU *SUPERBIA*

Por fim, a última concupiscência: a tentação do orgulho ou *ambitio saeculi* (ambição temporal). Agostinho olha para si e na sua oração se questiona: “Acaso terei superado definitivamente esse terceiro gênero de tentação, se é que possa ser superado nesta vida, tentação que consiste em querer ser temido e amado pelos homens com o único fim de encontrar uma alegria que não é alegria? Pobre vida, indigna arrogância!”<sup>291</sup>. A ambição temporal consiste no desejo de poder, de dominar os demais.

O ódio<sup>292</sup>, enquanto desordem do amor, faz com que a alma fique enferma e seu corpo, por estar desgovernado pela razão, entrega-se sem pensar nos vícios e prazeres da carne, pervertendo e definhando sua vontade e vida. Uma pessoa que se deixa orientar por vícios e erros, perde sua dignidade humana e torna-se escrava do pecado, se afastando a cada dia da sua essência natural. Agostinho desdobra a tentação da ambição temporal em três, que podem corromper e desviar o coração do homem na busca de Deus e da felicidade eterna:

#### a) O orgulho

Agostinho reconhece que Deus o curou do orgulho por meio do temor divino, curvando sua cerviz, ou seja, tornando-o reverente à autoridade divina, colocando-se a seu serviço e aceitando em seus ombros o jugo divino. Esse jugo consiste na humildade

---

<sup>291</sup> *Confissões* X, 36, 59.

<sup>292</sup> Esse amor desordenado e hostil para com os homens pode ser denominado como ódio, uma vez que se julga ser superior e melhor do que os demais, considerando e tratando o próximo como inferior, oprimindo e exigindo que lhe sirvam, porém ele mesmo não é capaz de servir quem lhe é superior. [...] O homem que aspira a dominar os que por natureza lhe são semelhantes, isto é, a outros homens, é dominado por orgulho intolerável. (*A doutrina cristã* I, 33, 23).

de reordenar sua vida ao amor divino: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso de vosso fardo e vos darei descanso”<sup>293</sup>. No itinerário agostiniano, isso consiste no processo de conversão, em reordenar a própria vida, aprender do exemplo do *Logos* divino como via da humildade que coloca sobre os ombros um jugo da existência, mas que conduz à plenitude da vida. Portanto, amar e temer somente a Deus, destinando a ele todo o nosso louvor.

Agostinho em sua oração reflete sobre as relações entre os homens, adverte sobre o perigo nos deveres sociais em fazer os homens amarem e temer, eles aplaudem e parabenizam, se assemelhando ao inimigo. É uma via tortuosa e perversa, que conecta a alegria à falsidade humana, o desejo de se colocar no lugar de Deus, querendo usurpar e se aliar ao inimigo, adentra no caminho torto e perverso, ocorrendo assim um esfriamento da caridade fraterna (agulhão).

#### **b) O prazer do louvor**

Agostinho reflete sobre o aspecto cotidiano desta tentação: “Todos os dias somos atacados por essas tentações, Senhor; somos tentados sem cessar. A língua dos homens é o nosso crisol cotidiano”<sup>294</sup>. Em que consiste esse crisol? Em linguagem figurada, Agostinho o vê como um lugar positivo, pois o crisol será o local onde serão evidenciadas as qualidades de alguém, são situações que os homens ao elogiar ou criticar, a pessoa que recebe estas opiniões busca manter-se em si mesma, observando como essas palavras afetam a sua interioridade assim, desenvolverá melhor o autoconhecimento e praticará as virtudes, principalmente a continência. Como diz o provérbio sapiencial, “Há fornalha para a prata e forno para o ouro e o homem vale o que vale a sua fama”<sup>295</sup>.

Mas essa “prova de fogo” no cadinho do crisol não é fácil, “Não me é fácil ver até onde estou purificado desta peste (doença, tentação), tenho muito medo de minhas inclinações secretas que teus olhos conhecem e os meus não veem”<sup>296</sup>. Agostinho sente uma limitação, “Posso examinar-me com facilidade acerca de outras espécies de tentação, mas no que diz respeito a essa, quase nada”. Isto posto, aprendeu a refrear a alma diante dos prazeres da carne e das inúteis curiosidades do saber, privando-se dessas paixões, seja

---

<sup>293</sup> Venite ad me, omnes, qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos. (Mt 11, 28).

<sup>294</sup> *Confissões* X, 37, 60.

<sup>295</sup> Pr 27,21.

<sup>296</sup> *Confissões* X, 37, 60.

voluntariamente ou por não as ter diante de si. As paixões são provações para fortalecer o espírito no propósito de se chegar à felicidade.

“Que devo confessar-te, então, Senhor, a respeito desse tipo de tentação? Que me alegro com os louvores? Mas mais do que com os louvores, eu me alegro com a verdade”<sup>297</sup>. Sempre com o desejo de encontrar a verdade e estar próxima dela. No entanto, sente-se mais inseguro em relação a si mesmo e ao seu comportamento para com o próximo: “Mas não sei se me comporto assim. Nesse ponto, eu me conheço menos do que te conheço a ti”<sup>298</sup>. Por isso, Agostinho pede ajuda a Deus para que possa revelar e possa compreender a si mesmo, poder confessar aos irmãos as feridas que nele se encontram e que conta com as orações dos mesmos irmãos.

### **c) A vanglória**

O perigo das vaidades: a estima de louvor, os aplausos alheios, a excelência pessoal, a soberba de coração, gerando um sentimento pernicioso de prepotência e arrogância. A oração de Agostinho é vivencial, ele sabe que a paz em plenitude pode ser perdida por essa tentação perigosa. “É essa uma tentação que subsiste, mesmo quando interiormente a desaprovo e no próprio momento em que a desaprovo”<sup>299</sup>. Até mesmo o ato de desprezar a vanglória é um rebote por se está agindo com vanglória e superioridade.

### **d) O amor a si mesmo**

“Existe dentro de nós, sim, dentro de nós, outra tentação má do mesmo gênero, que consiste na autocomplacência, mesmo quando não agrada aos outros, ou até desagrade, ou ainda não procure agradar-lhes”<sup>300</sup>. Agostinho neste trecho está dizendo diretamente ao seu leitor, chamando a atenção para o que ele vai dizer, utiliza o pronome pessoal plural “nós”, ou seja, todos os homens carregam dentro de si essa tentação de autocomplacência de querer tudo para si e só para si.

Nesta vida egoística, acaba a pessoa desagradando a Deus e entra em um estado de perversão, inverte valores morais e pessoais, tomando o que não é bom, se gloria dos seus bens como se fossem única e exclusivamente dele, atribui a si próprio os méritos de

---

<sup>297</sup> *Confissões* X, 37, 61.

<sup>298</sup> *Confissões* X, 37, 62.

<sup>299</sup> *Confissões* X, 38, 63.

<sup>300</sup> *Confissões* X, 39, 64.

suas conquistas, guarda ciumentamente para si tudo o que tem. Em outras palavras, Agostinho mesmo explica em que consiste o falso amor a si mesmo: “Por que é inato à alma, cheia de vícios, apetecer de maneira excessiva e exigir, como algo que lhe é devido, o que é próprio unicamente de Deus”<sup>301</sup>. A pessoa, nesse estado de pretensão e vaidade, entra em um movimento interior de ostracismo, um ensimesmamento, fazendo tudo girar ao redor de si, em que tudo deve acontecer conforme suas vontades e desejos. É o grau mais elevado de perdição e afastamento, isolando voluntária ou sendo ignorada a pessoa, diante da sua arrogância e soberba.

Nesta finalização da análise das concupiscências, o coração ferido de Agostinho pelo amor divino e sua palavra sagrada, também é o coração inquieto e angustiado em meio à dura realidade da condição humana. “Vê como treme o meu coração em meio a todas essas provações e perigos! Sinto que é mais fácil ter as feridas curadas por ti do que eu deixar de me infligir novas feridas”<sup>302</sup>. Por mais que o homem se empenhe e esforce em evitar de cair e se ferir nas provações e tentações, não consegue, é o sincero reconhecimento da condição pobre e necessitada da fraqueza humana. E o oposto dessa situação, a solução perfeita, é mais fácil ter as feridas curadas por Deus, ou seja, o pleno reconhecimento e súplica pelo socorro salvífico da graça divina, que o cura e restaura a sua pessoa, para alcançar a plenitude da vida feliz.

Ao mesmo tempo, vemos um Agostinho, que mesmo na posição de bispo de Hipona, reconhece em si mesmo as fraquezas da sua alma. E a humildade em examinar sua consciência diariamente, reconhecendo os desvios, confessando e pedindo perdão por seus erros: “Cura-me, Senhor, tende piedade de mim”; e, buscando corrigir-se em vista de aperfeiçoar e fortalecer sua própria alma por meio das virtudes. O exercício diário para fortalecer-se nas virtudes, para manter firme e fiel a própria alma no seu propósito de estar próximo de Deus e alcançar a bem-aventurada plenitude e repouso.

### **3. Remédios (*medicina*)**

Lembrando que no primeiro capítulo deste estudo destacamos a interação que Agostinho faz entre filosofia e religião, afirmando que a filosofia não seria suficiente para conduzir o homem ao estado de bem-aventurança e apaziguamento de sua alma. Por isso,

---

<sup>301</sup> *A doutrina cristã* I, 23, 23.

<sup>302</sup> *Confissões* X, 39, 64.

numa interação entre fé e razão, filosofia e teologia, vai ampliando e melhor compreendendo a realidade integral do homem.

Ao constatar a divisão interior, as concupiscências que tentam a vida do homem e através de uma boa *anamnese*, mergulhando na sua própria interioridade, Agostinho percebe os sintomas que molestam a alma e o fazem adoecer. De modo alegórico, reconhece a enfermidade da alma devido às consequências do pecado original e propõe alguns remédios que podem auxiliar no tratamento. Lembrando do antigo conceito de terapeuta, que descrevemos no capítulo primeiro, consiste na busca por intermediar a cura de suas almas, para que pudessem se converter e retornar a Deus, sendo alcançados pela misericórdia divina e pela salvação eterna.

Em vista de melhor compreender e auxiliar na nossa reflexão, alguns trechos da obra *A verdadeira religião* escrita um pouco antes do período em que Agostinho estava escrevendo o Livro X das Confissões, por volta de 389-391. Vejamos quais os remédios Agostinho indicam o processo de cura e salvação, reorganizando a harmonia interior, reorientando à vontade, afastando-se dos vícios e maus hábitos, deixando-se iluminar pelo divino mestre. “Ninguém pode amar perfeitamente o estado atual ao qual somos chamados, sem aborrecer o estado atual do qual saímos. Somos chamados à natureza perfeita, tal como Deus a fez, antes de nosso pecado”<sup>303</sup>. Assim sendo, este processo de deslocamento e transformação da alma com o objetivo de alcançar a vida feliz, consiste na purificação da memória, por meio da continência, para que esteja presente a lembrança daquilo que conduz à Deus, as demais imagens (fantasmas e imaginações fantasiosas) devem ser esquecidas ou convertidas, reorientado para Deus.

A tríplice restauração operada pela reflexão e no reordenamento da vontade, no sentido de pensar consigo mesmo, no mais íntimo de si, autoexaminando-se, trazendo ao rosto do espírito (*animus*) as próprias luzes e sombras, o que o inquieta, quais são seus pontos vulneráveis, podendo agir com maior autonomia, consciência e responsabilidade, exercendo seu livre-arbítrio.

**1) A primeira restauração (a reflexão):** remédio contra a concupiscência da carne, a reflexão consiste no ato de pensar em si mesmo, ou a atitude de buscar o conhecimento de si próprio, analisando e ponderando as próprias atitudes; por meio dessa observação

---

<sup>303</sup> *A verdadeira religião* VI, 46, 88.

mais atenta (*atentio*) e profunda, podendo ser feita de modo oral ou escrito, resultado de uma intensa meditação e entendimento.

Através da razão e análise das coisas julgadas, percebe-se a existência de uma ordem harmoniosa, ela é bela quando realiza aquilo no qual fora feita e formada: “A forma precede a todos os seres, refletindo perfeitamente a unidade da qual procede. Isto posto, todos os outros seres só existem enquanto semelhantes à unidade e foram feitos pela forma”<sup>304</sup>. O ato de ver, contemplar e considerar com o olhar admirado a beleza de toda a criação, em que se encontram traços do criador.

O remédio salutar da reflexão procurar unificar o homem em si mesmo, reunindo seus fragmentos ocasionados pelo pecado, desatando os laços que o prendiam às criaturas, reconhecendo a autoridade e misericórdia do criador: “A unificação em si mesmo: o homem unificado, não disperso na multiplicidade das coisas, acorrentado às criaturas”<sup>305</sup>. Essa unificação se dá por meio do Verbo, Jesus Cristo, que nos revelou o caminho para paz: “Cristo é a nossa paz: Do que era dividido fez uma unidade em Cristo Jesus”<sup>306</sup>.

O homem foi feito **pela** Sabedoria de Deus e **para** sua Sabedoria, “em que a vida é a própria Sabedoria, pela qual foram criadas todas as coisas que existiram, existem e hão de existir, pois a Sabedoria mesma não é criada, mas existe como sempre existiu e como sempre há de existir”<sup>307</sup>. Qual dignidade possui o homem, feito por Deus e para ele: “Fizeste-nos para ti, [Senhor]”<sup>308</sup>, ao equivaler em igualdade vida e sabedoria, encontramos destacada a questão da própria existência no tempo e no espaço, pois são mantidas pela Sabedoria divina. Portanto, esse primeiro *pharmakon* no tratamento terapêutico, consiste no reconhecimento por meio da reflexão, e submissão da nossa condição humana perante Deus: somos suas criaturas!

O processo de tomada de consciência nem sempre é fácil, acaba sendo doloroso por ignorância e fantasias que criamos em nossa mente, que deturpa e se envolvem em conflitos e equívocos. “Tudo será assim, quando o homem em vez de procurar a felicidade

---

<sup>304</sup> Praecessit enim forma omnium summe implens unum de quo est, ut cetera quae sunt, in quantum sunt uni similia, per eam formam fierent. *A verdadeira religião* VI, 43, 81.

<sup>305</sup> *A verdadeira religião* VI, 44, 82.

<sup>306</sup> Ipse est enim pax nostra, qui fecit utraque unum. Ef. 2,14a

<sup>307</sup> *Confissões* IX, 10, 24.

<sup>308</sup> *Confissões* I, 1, 1.

em si mesmo, a receber diretamente de Deus”<sup>309</sup>. Nossa beatitude, nossa vida feliz está em Deus. Porque agora o homem não buscará a felicidade nele mesmo, nem através dele, mas a receberá de Deus através de si mesma. Em outras palavras, Agostinho fala desse momento de plena alegria de ter recebido de Deus, por meio do seu amor: “E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade e não outra”<sup>310</sup>.

**2) A segunda restauração (a caridade):** remédio contra a soberba, a caridade é a expressão do amor fraterno e devoto para com o outro, a forma de amor do próprio Deus; a soberba é o contrário, é se colocar acima dos demais, com altivez e arrogância, orgulho e exarada confiança em si mesmo, faz pensar que se é melhor e superior que a tudo e a todos, é o maior grau de delírio e enfermidade, o homem deseja querer estar no lugar de Deus e ser Deus.

O remédio da caridade vai atuar na restauração e regeneração do amor verdadeiro na alma humana, ordenando para o verdadeiro objeto que deve ser amado, que é Deus, as criaturas serem amadas por amor a ele, não como fim em si mesmas. Portanto, as tentações do orgulho, o prazer do louvor, a tentação da vanglória e o amor de si próprio, são as enfermidades e fraquezas que se encontram na alma humana, que vão ser tratadas e cuidadas por meio da terapia da caridade.

Aqui é necessário a terapia da continência e da justiça, para fortalecer-se nessas virtudes humanas e superar as tentações. “Tu nos ordenaste não só a prática da continência, que nos ensina a afastar da nossa afeição algumas coisas, mas também a prática da justiça, que nos ensina para onde dirigir o nosso amor”<sup>311</sup>. Aqui, o amor de caridade para com o próximo cura e purifica os olhos da alma, para com continência discernir a verdade e a justiça em restituir a cada um o que lhe deve. Amar o próximo por amor a Deus e amar sempre a Deus por primeiro, pois ele é a verdade que alegra o coração do homem. “Ele ama a Deus, de todo o seu coração, de toda sua alma e de todo o seu espírito. E ama a seu próximo como a si mesmo”<sup>312</sup>.

Temos em si, na natureza da própria alma, não querer ser vencido; mas sempre o desejo de se tornar invencível. Mas para vencermos, é necessário observar os preceitos

---

<sup>309</sup> quia iam non ex illo, nec per illud quaeret beatitudinem, sed ex Deo per seipsam percipiet. *A verdadeira religião* VI, 44, 82.

<sup>310</sup> *Confissões* X, 22, 32.

<sup>311</sup> *Confissões* X, 37, 61.

<sup>312</sup> *A verdadeira religião* VI, 46, 86.

divinos. Aquele que ama a Deus e ao próximo, torna-se invencível: “Não poderá ser vencido por homem algum aquele que vence suas próprias paixões”<sup>313</sup>. E só se vence as próprias paixões se se exercitar na prática constante das virtudes e na contemplação (*meditatio*) da própria vida, buscando aperfeiçoar-se naquilo que lhe aproxima cada vez mais de Deus e da vida feliz, evitar e se afastar dos atos que o tornam escravo dos vícios e das criaturas, afastando-o de Deus. “Para nossa grande vergonha, somos vencidos por tudo o que pode nos concernir e perturbar”<sup>314</sup>. Ou seja, somos vencidos pela cólera, pelas paixões e isso é ignomínia.

**3) A terceira restauração (a busca da verdade primeira):** remédio contra a vã curiosidade, a procura da origem, conhecer com profundidade como tudo aconteceu, pois lá estará a plenitude da Verdade.

O remédio da busca da verdade, está ligando à purificação da visão, com a luz que ilumina e deve ser procurada, pois diante da luz tudo se manifesta, as sombras do erro e da ignorância são extintas. “Procurem antes aquela luz com a qual vêm com certeza, que uma coisa é crer e outra entender”<sup>315</sup>. A luz da fé para crer, a luz da inteligência para entender, são fundamentos importantes do pensamento de Agostinho, para que se possa chegar à verdade.

Neste aproximar-se de Deus, rompendo os laços das tentações, se fortalecendo a cada dia por meio da graça divina e das virtudes, que Deus se torna tão próximo, pois ele é a própria luz que ilumina a nossa consciência e interioridade: “Pois tu és a luz inextinguível que eu consultava sobre a existência, a natureza e o valor de todos os seres”<sup>316</sup>. Ao transpor as próprias forças, olhar com os olhos do espírito acima da própria alma, pode-se contemplar a Beleza primeira e a certeza da Verdade primordial, a qual é eterna, imutável, criou tudo o que existe e mantém tudo por seu amor.

A purificação dos olhos faz com que a realidade toda seja vista a partir de uma nova ordem, a ordem do amor, tudo o que é visto é sob a perspectiva dos olhos divinos, que fez tudo bom e belo. “Na verdade, não se pode ver semelhante luz com os olhos, nem

---

<sup>313</sup> *A verdadeira religião* VI, 46, 86.

<sup>314</sup> Et cum magno dedecore superamur ab omnibus quae nos commovere ac perturbare potuerint. *A verdadeira religião* VI, 45, 85 [grifo nosso].

<sup>315</sup> *A verdadeira religião* VI, 49, 96.

<sup>316</sup> Quia lux es tu permanens, quam de omnibus consulebam, an essent, quid essent, quanti pendenda essent. *Confissões* X, 40, 65.

a representar como dotada de extensão local. Contudo, em toda parte, ela se oferece a quem sai em sua busca e nada se pode achar de mais certo e claro do que ela”<sup>317</sup>.

Por essa luz entendo tudo o que é verdade o que tenho dito, por ela entendo que eu entendo, assim por diante, a luz do espírito, foram-me manifestadas por ela mesma e minha vida se avigora na inteligência. “Com o olhar da mente, afastado da noção de eternidade, toda ideia de mudança, não ponho nela nenhuma extensão temporal, porque o tempo se compõe de movimentos passados e futuros nas coisas”<sup>318</sup>. Só é possível contemplar a eternidade por meio da inteligência. E na eternidade nada passa, nada é futuro. O que passa deixar de existir, o futuro ainda não começou a ser. Só a eternidade é sempre. E o encontro definitivo com “Aquele que é”, o “Eu sou”, o próprio Deus, na plenitude do paraíso.

Por fim, cumprindo diariamente as prescrições e orientações de Agostinho, terapeuta da alma, “tomando” os remédios para cura de si mesmo, o homem será restaurado e reformado em vista de alcançar a perfeição e a plenitude da vida feliz, superando as tentações e ônus que a vida apresenta, a virtude da continência será guiada pelo governo do espírito, assim, estará a cada passo mais próximo de Deus, nosso médico salvador.

A antropologia agostiniana apresenta a condição do homem, suas fraquezas e debilidades na própria existência, consequência da queda no pecado, desobedecendo o mandato divino, voltando as costas para Deus, tornando-se escravo das criaturas e se revolvendo em todos os prazeres da carne. Porém, o homem tem um mediador, que o pode tirar desta condição de pecado e cercado por tentações, que é o próprio Logo Divino, que ilumina a mente do homem, para que caia em si, examine seus atos e pensamentos e clame o auxílio de Deus para que tenha piedade de sua condição mortal.

Resumindo, através de três questionamentos podemos compreender o que as concupiscências podem causar na vida do homem: (1) O que procura a curiosidade senão o conhecimento, o qual não pode ser seguro se não se voltar para os objetos eternos e sempre iguais a si mesmos?; (2) O que procura o orgulho senão o poder, o qual tem como meta a liberdade de agir, que só a alma perfeita atinge, submissa a Deus e dedicada a seu reino, numa perfeita caridade?; (3) O que procura o prazer carnal, senão o descanso, o

---

<sup>317</sup> *A verdadeira religião* VI, 49, 95.

<sup>318</sup> *A verdadeira religião* VI, 49, 97.

qual não se encontra a não ser onde não há nenhuma necessidade e alteração?. Portanto, faz-se necessário buscar a luz da verdade e deixar-se iluminar por ela, enquanto ainda é possível, por hora se está vivo, a responsabilidade depende das escolhas pessoais e individuais de cada sujeito, conforme seu livre-arbítrio. Não se pode esquecer que é mister a passagem do temporal para o eterno, do exterior para o interior, a transformação vital do homem velho para o homem novo.

A vida feliz é comparada a uma terra firme, um local de habitação, o único ponto de acesso a essa região é através do porto da filosofia ou da sabedoria, e para desembarcar em tal porto é necessário realizar uma caminhada dirigida pela razão e exercida pela vontade. A vida humana no mundo, porém, é como navegar em um mar tempestuoso, ao acaso e à aventura, tudo obscuro e confuso, poucos são os navegantes que saberiam encontrar qual o caminho do retorno ou quais esforços empregar para dirigir-se à terra de suas ardentes aspirações<sup>319</sup>.

E por meio deste Divino Médico, pode conceder os remédios necessários para que a alma saia da enfermidade e recupere a sua saúde e Agostinho como exímio terapeuta realiza seu projeto de autocuidado, se afastando dos vícios e se aproximando de Deus, realizando sua ascese e se fortalecendo nas virtudes, ouvindo com toda atenção e boa vontade, os pedidos de Deus: “concede-me o que me ordenas e ordenas o que quiseres”<sup>320</sup>. Enfim, para alcançar a vida feliz e viver eternamente no Jardim do Paraíso na presença do criador, o homem terá a necessidade de trabalhar a terra, de modo alegórico trabalhar neste corpo para ir se recuperando e purificado dos pecados<sup>321</sup>, faz-se necessário estender a mão na cruz, assim recuperar a vida eterna por meio da misericórdia e o perdão de Deus criador, na esperança de ser acolhido novamente na pátria eterna, no porto da vida feliz.

---

<sup>319</sup> *A vida feliz* I, 1, 1.

<sup>320</sup> *Confissões* X, 29, 40.

<sup>321</sup> *Comentário ao Genesis* II, 22, 34.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo analisamos o livro X das *Confissões*, através de uma proposta de leitura a partir dos relatos apresentados por Agostinho de Hipona, em que destacam-se os conceitos da memória e da vida feliz. Temas estes que sempre se fizeram presente nas primeiras obras filosóficas e que manifestam o questionamento profundo e existencial de Agostinho, uma vez que seu modo de pensar se dá através das perguntas que inquietam seu coração e como ente humano são interrogações que perpassam a mente humana desde a Antiguidade Clássica, nos primórdios do nascimento da Filosofia até os dias atuais, marcando a história implicando no *modus vivendi* e na ética comportamental de cada pessoa e sua realidade social na atualidade.

Nosso objetivo em pesquisar sobre a memória e a vida feliz em Santo Agostinho foram direcionados de modo especial ao Livro X das *Confissões*, uma vez que é um “*microcosmos*” de todo o pensamento agostiniano. Analisando a obra e seu contexto, como também as interpretações que o podem ser encontradas em seus relatos autobiográfico, porém, numa profunda humildade e abertura, numa oração íntima entre Agostinho e Deus. Em nossa reflexão encontramos Agostinho inquieto na busca de Deus na própria interioridade e ao voltar-se para si mesmo, toma consciência de si, ou seja, do seu eu interior. Iniciando seu itinerário na realidade do homem interior na busca por Deus, ele se encanta com a força e a capacidade da memória, depois de ascender aos degraus da própria alma descobre a presença de Deus acima e na própria memória. Porém, não obstante os perigos sedutores das concupiscências que podem desviá-lo do seu caminho, Agostinho confessa testemunhando sua experiência vivencial e seu processo de purificação da alma, no desejo de ascender e cuidar terapêutico da sua alma enferma e ferida pela queda do pecado de origem. Mas mesmo o batismo lavando sua alma do pecado original, ele tem consciência da sua condição humana e sua tendência em cair novamente no pecado e se afastar de Deus, por isso, com sabedoria e humildade pede ao próprio criador o dom da continência, para se manter firme e constante no caminho da busca da vida feliz.

Em cada texto e obra que tive contato na pesquisa em nosso estudo, foi como ver com os próprios olhos, fazendo parte do círculo de amigos e discípulos de Agostinho, ouvindo seus ensinamentos, apresentando as questões que inquietavam meu coração, sua voz de pastor e *magister*, me indicando o caminho pelo qual o homem deve percorrer em

sua jornada existencial na busca pela felicidade. Agostinho vai além do homem que se constrói no tempo e no espaço, apresenta todo um universo (*kósmos*) existente no interior de cada ente humano. Nesta aventura do herói, percorrendo como peregrino no interior da própria memória, sair a procura de Deus e da vida feliz, através dos questionamentos, refletir a própria realidade, o momento presente e buscar a luz do mestre interior para compreender os próprios dramas existenciais que afligem a alma no desejo de encontrar o repouso e descanso em Deus.

Agostinho descreve a trajetória do seu caminho em busca de Deus e percorrer nas *Confissões* o caminho que foi percorrido por ele, nos evidencia um caminho seguro que poderá levar à plenitude do conhecimento e da verdadeira felicidade. Por isso, percorrido por ele, analisar os seus itinerários geográficos, seja no exterior como na sua interioridade e acompanhar sua romaria espiritual até chegar a pátria da alma que é Deus (*patria animae Deus*)<sup>322</sup>. De fato, Agostinho é o ser humano que busca compreender sua interioridade, tomando consciência de si e do estado presente da sua alma, se torna em si mesmo um grande enigma (*magna quaestio*), motivado e com reta intenção desbravar e entender este grande abismo (*grande profundum*) que é a natureza humana<sup>323</sup>, assim saciar esta sede que inquieta e angústia, examinando e analisando as imagens e noções que estão na memória para alcançar a verdade e a vida feliz, junto de Deus.

Não obstante, que este estudo esteja na linha de pesquisa sobre Conhecimento, Ética e Política em uma perspectiva filosófica, não podemos deixar de lado o contexto e a vida de Agostinho na sua relação pessoal com a dimensão religiosa e espiritual que sua obra apresenta, por mais que alguns autores e pesquisadores deixem de lado este aspecto que compõe a pessoa, a vida e o legado de Agostinho. Ao abordarmos a obra e o seu contexto, notamos como ele conseguiu integrar sua experiência de vida intelectual somando com a sua vivência religiosa, em momentos distintos de conversões, onde ao examinar a própria consciência, tomando maior conhecimento de si, foi reorganizando sua existência com o auxílio da luz divina que o ilumina para o caminho da virtude, que consequentemente o afastava do caminho desviado das trevas e do erro.

Não podemos esquecer que no ato de confessar a própria experiência, Agostinho no Livro X dá um novo sentido a motivação pela qual está fazendo isso, uma vez que está

---

<sup>322</sup> Andrade, 2008, p.84, tradução nossa.

<sup>323</sup> Bento XVI, papa, 2008.

como bispo de Hipona, a ele compete esta responsabilidade de cuidar das pessoas e curar as almas feridas pelo pecado, para que possam retornar para Deus, purificadas e restauradas. Deste modo, ele empreende ao mesmo tempo um projeto terapêutico para mediar a graça da cura e da salvação para as pessoas que se encontram feridas e desorientadas, entregues aos vícios das paixões e entorpecidas pelo pecado. A liderança e a responsabilidade social e política de Agostinho em ser testemunha da verdade, principalmente através de suas *Confissões* é realmente incrível. No seu ato de trazer a memória os fatos marcantes e o sentido atribuído a cada um deles, evidência o grau de maturidade e amadurecimento humano e intelectual que Agostinho foi desenvolvendo em sua própria vida, como pessoa e ente humano.

Tendo sempre em mente o seu propósito filosófico, despertado após a leitura de *Hortêncio* de Cícero, iluminado pela graça batismo que o converteu depois do contato com os textos paulinos e a escuta dos sermões de Ambrósio, Agostinho continua na busca de conhecer a Deus e a alma, mas para que alcance este objetivo neste momento da sua vida, é necessário ascender a própria alma, transpondo as criaturas e entrando dentro de si, para se encontrar com a verdade interior que está presente no mais íntimo do seu espírito. Neste contato com sua própria interioridade e consciência de si mesmo, iniciar uma jornada em busca de Deus, que está presente na sua memória, pois na certeza de encontrar Deus, ao mesmo tempo confirma a certeza da imortalidade da alma, uma vez que as noções intelectuais, que vão além da própria realidade material, comunicam razões eternas e imutáveis, pelas quais temos contato pelo espírito que vivifica a própria alma e nos liga existencialmente a Deus, que mantém toda a criação.

Não é um caminho fácil e nem sempre evidente, poder explicar o conceito de memória, neste processo gradual de movimento externo para o interno, de ascensão da realidade de baixo para o alto, transpondo a própria alma para contemplar o resplendor divino, onde está presente as noções eternas da vida feliz, verdade, bondade e beleza. Porém é fundamental para que o homem realize sua plenitude esta atitude de se colocar a caminho na busca de Deus, pois se todos os homens, na sua grande maioria desejam a felicidade, em algum momento que até então é desconhecido todos puderam experimentar esta sensação, não através dos sentidos da carne, mas trazemos em si esta noção de vida feliz, significa que este conhecimento transcendente corresponde a plenitude e total unidade com o criador, que nos criou por amor e mantém todas as coisas no amor, tudo na vida do seres humanos deve convergir e se orientar para prática e vivência do amor divino (*caritas*).

Contudo, Agostinho através do seu testemunho em sua confissão ao criador, reconhece ao examinar a própria consciência das dificuldades e misérias que consiste a vida humana nesta existência. Quantas tentações e concupiscência incidem sobre a vida do homem, testando e provocando para que desvie do caminho da virtude, siga o caminho dos prazeres e se torne escravo das criaturas. Como é importante a humildade de se reconhecer frágil e debilitado, pois na fraqueza que se manifesta a força divina, que vem em sufrágio e socorro para aqueles que se colocam sob a autoridade transcendental de Deus.

No ato de pedir e suplicar o dom da continência, para perseverança e discernimento na realidade cotidiana existencial, examinar os afetos e paixões, assim poder evitar as tentações e concupiscências, como a graça divina vem em socorro da miséria humana para alcançar a plenitude da vida feliz, através dos remédios terapêuticos que curam e libertam a alma. Ao observar os “sintomas” de uma experiência existencial totalmente afastado de Deus, o filósofo cristão inicia um processo de conversão, onde inicia um tratamento terapêutico em sua alma, a fim de alcançar a cura de sua saúde integral, pela misericórdia e graça divina.

Estas considerações finais não são o final de pesquisa e estudos, mas o fechamento de um ciclo construído neste período do mestrado. Isto posto, o desejo latente da alma é continuar aprofundando e aperfeiçoando este estudo, tanto pelos conceitos chave de leitura de *Confissões X*, como do pensamento agostiniano e sua importância para o tempo presente. Esperamos que este estudo e proposta de leitura através dos temas apresentados, ajudem muitos interessados e inquietos corações, na leitura do livro X das *Confissões*, proporcionando um itinerário na própria interioridade da alma humana, em busca de respostas para as questões que inquietam o homem a cada geração e período da história, por serem temas de tamanha relevância que toca o mais profundo da natureza e essência humana. “Fizeste-nos, Senhor, para Vós e o nosso coração está inquieto, enquanto não descansar em Vós!”.

Paz e Bem!



## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Santo Agostinho

- AGOSTINHO, Santo. *A natureza do bem*. Instituto de Estudos Filosóficos. Portugal: Universidade de Coimbra, 2023.
- AGOSTINHO, Santo. *A Trindade [De Trinitate]*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. Carta 7, a Nebrídio. Sant'Agostinho, Augustinus Hipponensis. Disponível em: <<https://www.augustinus.it/latino/lettere/index2.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- AGOSTINHO, Santo. Carta 21, ao bispo de Hipona Valério. Sant'Agostinho, Augustinus Hipponensis. Disponível em: <[https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/lettera\\_021\\_testo.htm](https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/lettera_021_testo.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões. De magistro*. Coleção Os Pensadores. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *Confissões*. Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammì. 1ª edição. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- AGOSTINHO, Santo. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre [Contra academicos – De ordine – De animae quantitate – De magistro]*. Coleção Patrística. 1ª edição, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2021.
- AGOSTINO, Bispo. *De Vera Religione liber unus*. Sant'Agostino, Augustinus Hipponensis. Disponível em: <[https://www.augustinus.it/latino/vera\\_religione/index.htm](https://www.augustinus.it/latino/vera_religione/index.htm)>. Acesso em: 26 jan. 2025.
- AGOSTINHO, Santo. *Retratações [Retractationum libri duo]*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2019.
- AGOSTINHO, Santo. *Soliloquios. A vida feliz [Soliloquia. De beata vita]*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.
- AURELIUS AUGUSTINUS. *CONFESSIIONUM LIBRI XIII*. Sant'Agostinho, Augustinus Hipponensis. S. Aurelii Opera Omnia, editio latina, Patrologia Latina (PL) 32. Disponível em: <<https://www.augustinus.it/latino/confessionii/index2.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- AURELIUS AUGUSTINUS. *DE GENESI CONTRA MANICHAEOS LIBRI DUO*. Sant'Agostinho, Augustinus Hipponensis. S. Aurelii Opera Omnia, editio

latina, Patrologia Latina (PL) 34. Disponível em:  
<[https://www.augustinus.it/latino/genesi\\_dcm/index2.htm](https://www.augustinus.it/latino/genesi_dcm/index2.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2024.

AURELIUS AUGUSTINUS. DE SERMONE DOMINI IN MONTE. Sant'Agostinho, Augustinus Hipponensis. S. Aurelii Opera Omnia, editio latina, Patrologia Latina (PL) 34. Disponível em: <  
<https://www.augustinus.it/latino/montagna/index2.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

### Literatura secundária

ABBUD, C. N. *Memória e esquecimento no livro X das Confissões de Agostinho*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-16112022-125735/>. Acesso em: 12 maio 2024.

ADMOESTAÇÕES DE SÃO FRANCISCO. In FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Tradução Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ALMEIDA, R. M. *A memória, o esquecimento e o desejo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

ANDRADE, C. V. *Escritos agostinianos: Un acercamiento a la vida y obra del hiponense*. Série Filosófica Número 8. Bogotá, Colombia: Universidad de San Buenaventura, Editorial Bonaventuriana, 2008.

BÍBLIA – *Bíblia do Peregrino*. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BENTO XVI, Papa. *Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho*. Trad. Sílvia Debetto C. Reis. São Paulo: Paulus, 2012.

BENTO XVI, Papa. *Santo Agostinho de Hipona (3)*. Audiência Geral: 30 de Janeiro de 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080130.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080130.html)>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BENTO XVI, Papa. *Spe salvi*. Carta Encíclica sobre a Esperança Cristã. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BLOMMESTIJN, H. Itinerário Místico [verbete]. In Dicionário de mística. BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R. e SUFFI, N. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

- BRACHTENDORF, J. Confissões de Agostinho. Tradução Milton Camargo Mota. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- BROWN, P. R. L. *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução: Vera Ribeiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- BUSSANICH, J. Felicidade (Eudemonismo) [verbete], In FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CACCIATORE, G. Saúde [verbete]. In *Dicionário de Filosofia*; Nicola Abbagnano. Tradução Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 6ª edição. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- CAMPANAGA, V. *Obras de San Augustin*. Em edición bilingue. 4ª edición. Biblioteca de Autores Cristiano: BAC, Madrid, 1969. Disponível em: <<http://www.obrascaticas.com/livros/Patrologia/AGUSTIN%20DE%20HIPONA%20Obras%20completas%2001.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- CAPANAGA, V. *Agustín de Hipona, maestro de la conversión cristiana*. BAC: Madrid, 1974.
- CARDOSO, I. M. A. *Da humildade à caridade: o “coração” em Santo Agostinho*. DIDASKALIA XLVII (2017) I. 163-181. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/3255/3155>>. Acesso em 15 jan. 2025.
- CARVALHO, M.S. Introdução, Tradução e Notas, In AGOSTINHO, Santo. *A natureza do bem*. Instituto de Estudos Filosóficos. Portugal: Universidade de Coimbra, 2023.
- CATECISMO da Igreja Católica (CIC). São Paulo: Loyola, 1999.
- CONTALDO, S. M. de. ‘Cor inquietum’: uma leitura de *Confissões*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.
- CONTALDO, S. M. de. *COR INQUIETUM: UMA LEITURA DE CONFISÕES*. Tese de Doutorado em Filosofia. Orientador: Dr. Urbano Zilles. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2859/1/429590.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2024.
- CONTALDO, S. M. de. *Jaspers lê Agostinho: possibilidades de leitura sobre o homem e sobre Deus*. ÁGORA FILOSÓFICA. Ano 7 • n. 1 • jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/download/91/85/267>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

- CONYBEARE, C. *Confissões: uma chave de leitura*. Tradução: Eduardo Henrik Aubert. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- COSTA, J. M. Continência [verbetes]. in *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 2005. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/continencia/15578>>. Acesso em: 24 jan. 2025.
- COYLE, J. K. Mani/Maniqueísmo [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- COYLE, J. K. Obras Antimaniqueístas [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CROUSE, R. Conhecimento [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- DICIONÁRIO DE MÍSTICA. Dirigido por L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio, N. Suffi. São Paulo, Paulus. Edições Loyola, 2003.
- DJUTH, M. Vontade [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- DUFFY, S. J. Antropologia [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- FITZGERALD, A. D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- FREITAS, M. C. B. Introdução. in *Confessiones; Confissões*, Livros VII, X e XI. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal: Luso Sofia, 2008. Disponível em: <[https://www.lusosofia.net/textos/agostinho\\_de\\_hipona\\_confessiones\\_livros\\_v\\_ii\\_x\\_xi.pdf](https://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_v_ii_x_xi.pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- FREITAS, H. D. de O. Introdução. In *Retratações*. Santo Agostinho. Coleção Patrística. Tradução e notas de Agostinho Belmonte. São Paulo, Paulus. 2019.
- GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2ª edição. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.
- GOUVÊA JÚNIOR, M. M. *Confissões/Agostinho de Hipona; organização, tradução e notas* Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1. ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- HANKEY, W. J. Mente (Mens) [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- HUNTER, D. G. *Continentia, De*. [verbetes]. in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

- JAPIASSÚ, H.; et MARCONDES, D. *DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA*. Digitalizado por TupyKurumin. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[https://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](https://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Augustinum Hipponensem; Carta Apostólica no XVI Centenário da conversão de Santo Agostinho*. Disponível em: <<https://agostinianos.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Carta-Apost-lica-Agostinho-de-Hipona.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. – Petrópolis, Vozes, 2011.
- KRIES, D. *Magistro, De; O mestre* [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- LAVERE, G. J. *Virtude* [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- LELOUP, J.-Y. *Cuidar do ser: Fílon e os terapeutas de Alexandria*. Coleção psicologia transpessoal. Tradução: Regina Fittipaldi, Ephraim F. Alves, Lúcia Endlich Orth, Jaime Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MATTHEWS, G. B.. *Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante do seu tempo*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MAYER, C. (org). *LES OEUVRES D'AUGUSTIN ET LEURS EDITIONS CRITIQUES, AL3*. In: Augustinus-Lexikon. Basel, Schwabe & Co. AG, 2004-2010, p. xi-xxv. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/fr/document/view/51555266/werkliste-pdf-15-mb-augustinus#>>. Acesso em: 02 jan. 2025.
- MORIONES, F. *Teologia de Santo Agostinho*. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2022.
- NASH, R. H. *Iluminação divina* [verbetes], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.
- O'DONNELL, J. J. (1992). *Augustine: Confessions* [3 vols.: Introduction and text (vol. 1); Commentary on Books 1-7 (vol. 2); Commentary on Books 8-13 and Indexes (vol. 3) Oxford: 1992; ISBN 0-19-814378-8. Disponível em: <<https://www.stoa.org/hippo/>>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- O'DONNELL, J. J. *The Confessions of Augustine: An Electronic Edition*. Oxford: 1992. Disponível em: <<https://faculty.georgetown.edu/jod/conf/>>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- O'DONNELL, J. J. *Book Ten (Liber decimus): Text and commentary, by books*. In: *The Confessions of Augustine: An Electronic Edition*. Oxford: 1992. Disponível

em: <<https://faculty.georgetown.edu/jod/conf/frames10.html>>. Acesso em: 25 out. 2024.

OLSON, R. E. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditações do Quixote. São Paulo: Iberoamericana, 1967.

PEREGRINAÇÃO. *In* JUBILEU 2025: Peregrinos da Esperança. Dicastério da Evangelização, Cidade do Vaticano, 2024. Disponível em: <<https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/segni-del-giubileo/il-pellegrinaggio.html#:~:text=A%20etimologia%20da%20palavra%20%22peregri%C3%A7%C3%A3o,de%20embarcar%20em%20uma%20jornada.>>>. Acesso em: 03 mar. 2024.

PIERETTI, A. Educação (verbete), *in* FITZGERALD, A. Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2018.

POSSÍDIO. Vida de Santo Agostinho. Tradução Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.

QUINN, J. M. A companion to the Confessions of St. Augustine. New York: Peter Lang, 2007.

REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. v.2. Trad. Ivo Storniolo. 6ª reimpressão, 2021. São Paulo: Paulus, 2003.

RIBEIRO SANTOS, V. O HOMEM E SUA CIRCUNSTÂNCIA: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET. *In* *Revista Eletrônica FUNREI*. Metanoia, São João del-Rei, n. 1, p. 61-64, jul. 1998/1999. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistametanoia/numero1/vilson6.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

RIGBY, P. Pecado Original [verbete]. *In* FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

RUSSO, F. Esperança [verbete], *In* FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

SANTOS, B. S. METAFÍSICA DA MEMÓRIA NO LIVRO X DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 47, n. 3, p. 365-375, 2002. DOI: 10.15448/1984-6746.2002.3.34883. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/34883>>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SANTOS, B. S. METAFÍSICA DA MEMÓRIA NO LIVRO X DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO. Scribd Inc, Biblioteca de Documentos Digitais. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/306307007/SANTOS-Bento-Silva-A->

Metafisica-Da-Memoria-No-Livro-X-Das-Confissoes-de-Agostinho>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SANTOS, B. S. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* [Contra acadêmicos. De ordine. De animae quantitate. De magistro). Coleção Patrística. 1ª edição, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2021.

SCHLABACH, G. W. Continência [verbete]. in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

SIGNIFICADOS. Temperança na Bíblia [verbete] Disponível em: <https://www.significados.com.br/temperanca/#:~:text=Temperan%C3%A7a%20na%20B%C3%ADblia&text=Temperan%C3%A7a%20%C3%A9%20o%20autocontrole%2C%20a,deveres%20e%20para%20a%20maturidade>>. Acesso em 10 jan. 2025.

SUDBRACK, J. Êxtase [verbete], in DICIONÁRIO DE MÍSTICA. Dirigido por L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio, N. Suffi. São Paulo, Paulus. Edições Loyola, 2003.

TESKE, R. J. Alma [verbete], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

TESKE, R. *Augustine's philosophy of memory* (p. 148-158). In Eleonore Stump & Norman Kretzmann (eds.), *The Cambridge Companion to Augustine*. New York: Cambridge University Press, 2002.

TRAPÊ, Agostino. *Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. Tradução: Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. Coleção Pilares. São Paulo, Cultor de Livros, 2024.

VAN FLETEREN, F. Confissões [verbete], in FITZGERALD, A. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*, §133. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/investigac3a7c3b5es-filosc3b3ficas.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2025.



## ANEXO

Segue uma tabela com algumas das principais obras de Agostinho:

DATAS	TÍTULO ORIGINAL (EM LATIM)	ASSUNTO DA OBRA
386	Contra academicos	Contra os céticos
386	De beata vita	A vida feliz
386	De ordine	A ordem
386-387	Soliloquia	Solilóquios
386-387	De immortalitate animae	A imortalidade da alma
387-391	De immortalitate animae	A imortalidade da alma
387-391	De musica	A música
387-389	De moribus ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum	Costumes da Igreja católica e dos maniqueus
387-388	De quantitate animae	A grandeza da alma
388-395	De libero arbitrio	O livre arbitrio
389	De magistro	O mestre (O professor)
389-391	De vera religione	A verdadeira religião
391	De utilitate credendi	Utilidade de crer
392-393	De duabus animabus contra Manichaeos	Sobre as duas almas (contra os maniqueus)
393	De fide et symbolo	A fé e o símbolo
393-394	De sermone Domini in monte	O sermão da montanha
395	De continentia	Sobre a continência
395	De mendacio	Sobre a mentira
396	De agone christiano	A luta (esforço, empenho) do cristão
396-426	De doctrina christiano	A doutrina cristã
396-420	Enarrationes in Psalmos	Comentários sobre os salmos – 1 a 50 Comentário sobre os salmos – 51 a 100 Comentário sobre os salmos – 101 a 150
397-401	Confessiones	Confissões

**Fonte:** Tabela com as obras de Agostinho de Hipona até a escrita das suas Confissões [recorte nosso].

Província Agostiniana de Nossa Senhora da Consolação do Brasil. Escritos e Obras *in* Vida e Obra de Santo Agostinho. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <<https://agostinianos.org.br/santo-agostinho/obra/>>. Acesso em: 03 jan. 2024.